Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 751 Segunda-feira, 6 de Maio de 1985 Preço 40$00

Autárquicas

APU aberta a aliança com o PRD

A APU está aberta a qualquer aliança com o recém-formado PRD com vista às eleições autárquicas. Quem o afirmou foi António Gonçalves, membro da Comissão Política do MDP/CDE, parceiro do PCP na Aliança Povo Unido. Segundo as declarações daquele dirigente partidário, não há até ao momento qualquer projecto nesse sentido, o que não exclui a disponibilidade da APU, ou, pelo menos, do MDP/CDE, já que o PCP não se pronunciou sobre o assunto. António Gonçalves fez aquela declaração após um plenário com autarcas do seu partido, realizado em Lisboa. **Pág. 5**

Espanha depois da Cimeira de Bona

Governo de Madrid considera visita de Reagan "positiva"

O Governo espanhol considera «positiva» a visita que o presidente dos EUA, Ronald Reagan e a sua mulher, Nancy, iniciam esta tarde à Espanha, Os temas bilaterais não devem dar origem a grandes fricções, segundo dizem fontes diplomáticas citadas pela ANOP. Mas a política de Washington na América Central, e, sobretudo, na Nicarágua, será tema de divergência entre Felipe Gonzalez e Reagan. As manifestações populares contra a visita de Reagan sucedem-se de há uma semana para cá, e o jornal «El País» revela que 64% dos espanhóis nutre sentimentos anti-americanos.

Pág. 14

Greve na TAP deixa aviões em terra

A grande maioria dos voos previstos para hoje, pela TAP, foram cancelados devido à greve iniciada esta manhã pelos técnicos de manutenção segundo um informador do Aeroporto da Portela. O conflito prende-se com a eliminação da categoria de topo daqueles profissionais. **Pág. 12**

Um homem só assaltou CP no Terreiro do Paço

Joaquim Deodato: agredido na casa forte

Golpe de mão rendeu 672 contos

Pág. 7

De Angelis passa de segundo para primeiro

Confusão no Grande Prémio

Prost foi ao pódio como vencedor mas seria mais tarde desclassificado

Não é todos os dias que um piloto de Fórmula 1 já está mais ou menos em casa de pantufas calçadas e lhe vêm dizer que venceu um Grande Prémio. Foi o que aconteceu ontem ao italiano Elio de Angelis, da Lotus. A corrida transformou-se numa autêntica lotaria. Senna partiu à frente e andou sempre à frente, embora muitíssimo apertado por Prost. Finalmente parecia desembaraçado do francês, mas abandonou por falta de gasolina. Depois foi o sueco Joahnsson que ascendeu ao primeiro lugar mas ficou também sem gasolina. Prost viria a ser o primeiro a cortar a meta para se imobilizar alguns metros a seguir também sem gasolina. Finalmente foi De Angelis a ser declarado vencedor duas horas depois de terminada a corrida, porque o McLaren de Prost pesava menos 2,5 quilogramas. **Pág. 18**

Luso-americanos: um retrato

Pags. 10 e 11

Hoje no Sete Ponto Sete

Remédios fabricados no vaivém espacial

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO
A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
☎ 88 27 86
89 98 26
18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS
AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

A "marionetização" da Comunicação Social

Rui Pereira (*)

No domingo à tarde, dia de Grande Prémio, Pedro Mariano «repórter» — automóvel da televisão portuguesa intervém, por cima de Cerqueira, «oficial televisivo» para estas corridas, e informa:

«— Daqui de onde estou, vejo na bancada central, alguns cartazes com dizeres políticos relativos à situação no país irmão e que obviamente não cabem aqui nesta reportagem difundir, e por baixo, "Força Ayrton!"»

Adriano responde:

«— Claro, Pedro, é claro que os dizeres políticos não cabem aqui nesta transmissão. Mas o Ayrton... se aqui estivesse o nosso Herman, diria mesmo que o Ayrton está a dar uma "forcinha".»

(Fim de citação).

Obviamente que a asneira não está transcrita à letra, era o que faltava. Muita gente terá reparado na obtusidade de Cerqueira e Mariano e ter-se-á interrogado: — Como é possível?...

Mas não é isso o mais importante. Cerqueira e Mariano afinal não passam de dois aspirantes ao reino dos céus e como tal perdoa-se-lhes a tolice a que nos foram habituando.

O que interessa é ver que o estímulo do «cinzentismo», da estupidez, da quadratura mental nos órgãos de informação é uma peça de outra manobra bem mais vasta: a manipulação.

No dia anterior, 35 mil trabalhadores agrícolas tinham protestado, nas estradas, em desfile a pé, contra o desemprego, a miséria e a fome nos campos do Alentejo.

A televisão, depois de muito pressionada, acabou por fazer deslocar a Évora uma equipa de correspondentes e o Telejornal desse sábado apresentaria alguns segundos de imagens sobre o assunto.

Poder-se-ia supor que, também ali, no Telejornal não caberiam «dizeres políticos», mas sabe-se bem que apenas alguns «dizeres políticos» não cabem. Talvez melhor verbo seja «passar»; «certos dizeres políticos» não passam de facto o crivo da manipulação da informação na RTP. É a censura de botas cardadas, ultrapassado que está já hoje o pudor no controlo.

A televisão é um instrumento do Governo, do poder que tem estado, do poder que se lhe segue. E espantoso é que isto se tenha tornado já um «dado adquirido». Como se um destino fatal assim obrigasse a RTP a ser o veículo dos seres menores que se sucedem sem alternância nos gabinetes de S. Bento.

Mas nem só de RTP nos lembramos quando o assunto é censura e manipulação da informação.

Ainda a propósito da Jornada de Luta dos Desempregados agrícolas do Alentejo, chegam os dedos de uma única mão, para contar os jornais estatizados que estiveram presentes a cobrir o acontecimento.

Cabe perguntar: — porquê?, e não fica ingénua a interrogação. Porque entre outros motivos, já sem falar da razão ou não que lhes assista, foram 35 mil homens e mulheres que interpretaram o acontecimento.

Sendo critérios para a transformação de um acontecimento em notícia, a sua proximidade, o interesse para o público, a sua actualidade, parece inquestionável que esta ausência da imprensa estatizada não é função de critérios jornalísticos, mas políticos. E de baixíssima política.

Por isso cabe a pergunta, por isso cabe uma denúncia, porque nenhuma capacidade de hábito resiste ao crime do silêncio.

Não se trata de uma simples omissão. Assistiu-se **naquele** sábado em Évora a **(mais) uma demissão** da imprensa estatizada portuguesa, da sua função social.

Não cometamos a suprema inocência de invocar o código deontológico que os jornalistas se comprometem a seguir no exercício da sua profissão, porque esta é, sem desculpabilizar ou recriminar ninguém, muito mais uma questão política do que de honra profissional.

Não esqueçamos que há directores de órgãos estatizados que também são jornalistas e por isso têm obrigação de assumir também um compromisso de honra profissional.

Mas independentemente de serem jornalistas ou não têm certamente um compromisso doutra natureza. De honra e respeito para consigo próprios enquanto homens e responsáveis da informação do sector público. E esse é esquecido. Por eles e pelo Poder que os colocou onde estão. Pelo simples motivo de que a falta de carácter de poderosos e mandatários é o supremo garante da «marionetização» de uma comunicação social que afinal é paga também por aqueles homens e mulheres que protestaram no final da passada semana no Alentejo.

Aqui se escreve a denúncia, a acusação e se repete a notícia: — No fim-de-semana de 19 e 20 de Abril em quatro distritos do Alentejo, 35 mil homens e mulheres protestaram contra o desemprego, a miséria e a fome, exigiram a demissão do Governo, percorrendo a pé durante três dias, centenas de quilómetros nas estradas que os levaram às manifestações ocorridas no sábado em Évora, Beja e Portalegre, e na sexta-feira em Setúbal.

A generalidade da comunicação social estatizada não compareceu, e nos casos em que esteve, cometeu o crime de manipular e sonegar a informação a que a Constituição da República, a Lei de Imprensa e da televisão nos reconhecem o direito.

Inadmissivelmente habitual.

(*) Departamento de Informação da CGTP/IN.

Notícia da cidade agreste

A cabeça debaixo do comboio

Elisabete França

Entrou no restaurante barato, aproximando-se dos/as clientes e pedindo, discreto, **qualquer coisinha para comer**. Na minha mesa de dois lugares, um estava vago e convidei-o a sentar-se — a travessa ficara a meio, sobrava bastante para a partilha do almoço.

Observava-o enquanto se servia. Asseado, mesmo se usava samarra coçada e a barba por fazer lhe sombreava de branco o rosto escavado. A expressão denotava uma angústia contida, os lábios finos descaíam aos cantos. No conjunto, o homem tinha um certo ar digno, apesar dos ombros vergados, concluí. Ombros sobre os quais se abatem o desalento, a injustiça, a doença, o peso dos seus sessenta e quatro anos e da pobreza crescente, em suma, o peso de uma vida, a sua.

Recebe uma pensão social de três contos e quinhentos. Família não tem, e despejado do cubículo onde morava, pernoita em vãos de escada. De dia, como alternativa, escolhe a relva do Parque Eduardo VII, se não estiver molhada: para aí adormecer e não pensar; para iludir as dentadas da fome no estômago.

Pelo cubículo pagava trezentos e tal escudos mensais mas, tendo-se atrasado no pagamento, não mais conseguiu pô-lo em dia. Ali, onde tinha tecto e cama, também **fazia a comida e lavava a roupinha, que a porteira dava serventia.**

Foi vendedor ambulante, enquanto pôde comprar a mercadoria que ia vendendo — **pouca coisa: uns pentes, elásticos, atacadores e assim... um negócio fraco**. Depois, digamos que ficou fechado no círculo vicioso da miséria.

Quando nos encontrámos, andava na rua havia quatro dias e tomava a primeira refeição da semana, embora já fosse quinta-feira. Comia devagar. **O estômago está desabituado, sabe**? Sei? Sei que ele sabe muito melhor do que eu. E talvez ignore que os doentes pulmonares carecem de alimentação rica, muito repouso e medicação apropriada, mas conhece da tuberculose o sangue cada dia cuspido. Diferentes são nossos saberes (e teres e haveres), por um acaso confrontados, algures na cidade.

Já foi à Misericórdia de Lisboa, onde uma assistente social lhe disse **que era preciso esperar**. Esperando, diz ele: **Só queria o meu cubículo! Dói-me o corpo de andar por aí sem descanso e a dormir no**

chão. Onde é que eu vou agora arranjar um cubículo por trezentos e tal escudos? Lá na Misericórdia disseram que talvez para a semana se resolvesse alguma coisa... Mas logo desespera, marejam-se-lhe os olhos, embarga-se a voz: **Só penso em, um dia destes, meter a cabeça debaixo do comboio.**

Umas três vezes, durante o almoço, mencionou a tentação: **meter a cabeça debaixo do comboio**. Como uma ideia fixa que, automaticamente, aflorasse à superfície do discurso.

Depois do café saiu. Eu fiquei, a acabar o cigarro, tomada por uma incómoda estranheza que ele trouxera, deixara ficar. Porque era um homem, uma pessoa: corpo, rosto, uma história. Porque me forçara a encarar um desses potenciais suicídas forjados pela crise económica e social — que, quando se matam, a Imprensa converte em breves notícias perdidas no «fait divers», a análise sociológica ou a propaganda política reduzem a números (dados ali, instrumento aqui), a abstracções.

Num fim de tarde da semana seguinte, tornei a encontrá-lo, subindo a Rua do Carmo. Na Misericórdia nada se tinha resolvido ainda: lia-se naquela expressão de animal esfaimado, algo felina, assustadora, antes mesmo de ouvir. O homem subia a rua e entoava, em voz tão frouxa quanto desesperada: **Uma esmolinha que tenho fome**! A cidade agreste não ouvia nem via. Pares de olhos pousavam, distraídos, nas cores claras e alegres da moda primaveril, exposta em lojas caras; outros detinham-se nas cestas de venda ambulante, com artigos mais em conta. Outros fitariam um ponto algures, perdidos na indiferença. Ele... ainda não tinha metido a cabeça debaixo do comboio.

SE OS JOVENS PUDESSEM...

Sofia, 21 anos, estudante

'O jornalismo português está um horror'

— *O que estuda?*

— Estudo guitarra clássica e flauta no Conservatório e Comunicação Social na Universidade Nova.

— *É fácil conciliar as duas actividades?*

— Não, mesmo nada fácil e por isso estou a pensar deixar o curso da Faculdade e dedicar-me a sério à guitarra.

— *Como lhe veio o gosto pela música?*

— Acho que nisso teve muita influência o facto de a minha mãe ser professora de música, bem como o ambiente familiar que me tem rodeado, o que penso que é muito importante na formação de qualquer pessoa.

— *É possível ser músico em Portugal?*

— Gostava de poder dar uma resposta afirmativa, mas é muito difícil. Acho que estamos a tentar... basta ver a quantidade de grupos que temos a tentar fazer da música o seu meio de vida, o que é bastante difícil e por isso os nossos músicos, sempre que podem, vão para o estrangeiro e vêm cá só para dar um concerto.

— *O Estado apoia a cultura?*

— Acho que o nosso Estado a tenta apoiar, o que não é fácil atendendo ao estado tão mauzinho em que nos encontramos em tantos outros níveis, e por isso a sua ajuda é pequena. Temos o exemplo da sua vontade no caso do Coro da Câmara de Lisboa, que vai actuar em Estrasburgo, e a quem o Ministério da Cultura deu um subsídio que é bastante pequeno, mas foi o que eles puderam dar.

— *Como estudante de Comunicação Social, o que pensa do jornalismo português?*

— Acho que está um horror. Há um grupo de intelectuais que fazem jornalismo e o resto tenta «safar». Se fizermos uma comparação entre o que fazemos nesse domínio e o que se faz no resto da Europa, o nosso trabalho não tem nada a ver com Comunicação Social.

— *Em que é que a nossa Comunicação Social falha?*

— Sinceramente não sei bem em quê, mas como leitora crítica ela não me satisfaz e o certo é que compro um jornal para ler dois ou três artigos bem feitos ou nem o compro. E no caso da Televisão, que é um meio tão poderoso e que tem a possibilidade de chegar a toda a parte, é pena verificar que não tem o mínimo de elaboração para aproveitar esse impacte. Acho que um país que se permite transmitir alguns dos programas que a nossa Televisão apresenta não tem razão de ser.

— *Em sua opinião a qualidade dos programas de Televisão mudaria se houvesse canais privados?*

— Sem dúvida que sim, quanto mais não fosse pela concorrência que isso traria. E basta lembrarmo-nos que, quando começou o 2.º programa, notou-se uma certa melhoria de qualidade no 1.º.

— *Se pudesse governar, o que começava por mudar?*

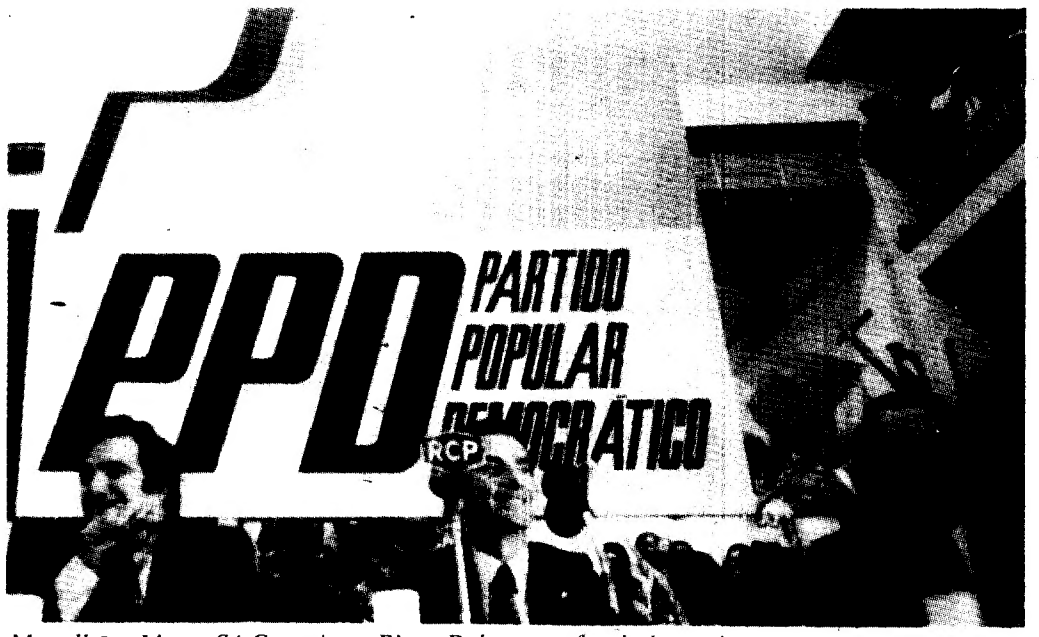
— Embora me custasse, acho que teria de pôr para segundo plano o aspecto cultural, porque os problemas são tantos... mas talvez começasse pela habitação, e não só a nível de mais casas, como também de beleza estética.

Uma análise crítica do programa do PSD

Política e veracidade (7)

Antonio de Sequeira Zilhão

Vamos completar a análise descritiva da programação de um partido político português, o PPD/PSD, tal como se apresentou publicamente em 1974 — propugnador de A SOCIAL-DEMOCRACIA PARA PORTUGAL e, por conseguinte, de uma POLÍTICA ECONÓMICA AO SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS.



Magalhães Mota, Sá Carneiro e Pinto Balsemão, fundadores do PPD, em 1974

Sob o ponto de vista sectorial do **Comércio e circuitos de distribuição**, o PPD/PSD no seu Programa apontava criticamente para o excesso de intermediários «que constituem obstáculos ao são desenvolvimento da economia portuguesa e oneram excessivamente o preço dos bens e serviços pagos pelo consumidor». Daí resultava o preconizar da «racionalização dos circuitos de distribuição (...)», devendo «ser formadas empresas públicas ou de economia mista que se ocupem da grande distribuição e da importação, principalmente dos bens essenciais ao abastecimento público ou das actividades económicas mais importantes. (...)». A definir, também — segundo as históricas declarações do Programa do PPD/PSD —, «uma correcta política de preços com finalidades antiespeculativas, (...) o estabeleçimento de margens de comercialização máxima até ao consumidor ou utente, (...)». Não esquecidas, também, a «disciplina e moralização da publicidade», com, inclusivamente, a proibição ou a limitação desta quanto a produtos nocivos ou a produtos sumptuários, «de forma a não induzir o público a consumos supérfluos em detrimento dos consumos essenciais(...)».

Ainda, nesta matéria, recomandava-se, no Programa, o fomento e auxílio a «cooperativas de consumo de bens finais e a cooperativas de aprovisionamento das pequenas e médias empresas que, assim, se libertariam da dependência de intermediários - grossistas».

No que concerne aos **Transportes**, sustentava o Programa do PPD/PSD uma política «que sirva a grande maioria da população», com o necessário «desenvolvimento dos transportes colectivos que deverão ser subtraídos à lógica do lucro para se tornarem serviço de utilidade pública (...)» **sic**.

Exigia-se particular atenção quanto ao acesso a diversos serviços públicos, «nomeadamente Hospitais e Escolas», sobretudo no que se refere ao desfavorecimento dos meios rurais. E ainda, preconizava-se que, como medida de protecção do ambiente e forma de facilitação do trânsito, «nos grandes aglomerados urbanos, deve ser condicionada a utilização dos transportes privados nas artérias mais congestionadas, podendo ficar algumas reservadas à circulação de peões e aos transportes colectivos (...)».

Quanto à «reconversão da indústria automóvel», partia-se do ponto de vista de que «os automóveis a montar em Portugal sejam essencialmente utilitários» e de que os «modelos não fabricados em Portugal deverão ser racionalmente importados, mas ficarão sujeitos a tributação alta e progressiva, na medida em que terão de ser considerados como artigos de luxo».

No que toca ao **Turismo**, aparecia o mesmo caracterizado enquanto «actividade económica criadora de postos de trabalho e fonte de meios de pagamento sobre o exterior», mas salientando-se, também e por outro lado, a necessidade de uma política de turismo social, dentro do «princípio da igualdade de oportunidades para todos (...), a preços adequados ao poder de compra dos cidadãos», e tomada em atenção, ainda, a «preservação do equilíbrio do meio ambiente e da riqueza da tradição popular».

E ao Estado, entendia o Programa do PPD/PSD, compete «forte intervenção... no sector turístico, quer no domínio dos investimentos, quer no do controlo e fiscalização do exercício da actividade pelas empresas privadas», havendo ainda a necessidade de «assegurar que os equipamentos turísticos se distribuam pelas diferentes regiões do País consoante as suas reais aptidões turísticas(...)».

Nos parágrafos tocantes a **Moeda, Crédito e Seguros** o PPD/PSD inscrevia, na sua linha programática, que «as políticas monetária, de crédito e de seguros assumem grande relevo enquanto instrumento de desenvolvimento e de controlo do poder económico pelo poder político».

E logo acrescentava:

«A extraordinária importância do sistema bancário na vida económica, decorrente do poder de criação de moeda pelo crédito e da influência que exerce na orientação do investimento, confere-lhe a natureza de verdadeiro **serviço nacional**, pelo que deverá estar permanentemente subordinado ao interesse do País. A orientação do crédito bancário deverá, pois, enquadrar-se nos grandes objectivos da política económica definidos pelos poderes públicos, designadamente através do Plano».

Lado a lado com outras e várias considerações de ordem técnica, afirmava-se que o poder de criação monetária «deverá ser harmoniosamente regulado de forma a proporcionar os necessários meios de financiamento à actividade económica», e que esta missão «cabe fundamentalmente ao Banco de Portugal, cuja actuação visará a compatibilização dos objectivos de crescimento da produção e do pleno emprego com a estabilidade monetária».

E o Programa do PPD/PSD bem acentuava que: «Na fidelidade aos princípios fundamentais da social-democracia, torna-se imperioso impossibilitar quaisquer pressões dos meios financeiros sobre o poder político» **(sic)**.

É evidente que o programa partidário do PPD/PSD, elaborado e aprovado em 1974, foi por assim dizer desfasado perante acontecimentos posteriores que levaram à mais rápida nacionalização da Banca (e à da indústria seguradora).

Mas já nele se previa a ultrapassagem de dificuldades conjunturais que, por algum tempo, poderiam desaconselhar a total separação do sector bancário privado relativamente ao controlo sobre os sectores industriais... De qualquer modo, porém, se consignava, entretanto, que «o Estado deverá, mediante intervenções adequadas, assegurar que a distribuição do crédito por parte da banca obedeça às linhas de política económica prevista no Plano (...).

Quanto à actividade seguradora, e segundo o Programa do PPD/PSD, era preconizado que o «seguro livre pode constituir uma complementação do seguro social a cargo do Estado», e que se impõe «a criação de uma grande resseguradora(...) a fim de que os movimentos de capitais provenientes do resseguro possam melhor ser controlados e não agravem o défice da nossa balança de pagamentos (...)»; prevendo-se — para «assegurar a orientação geral proposta e, bem assim, a eficaz aplicação social e funcional das quantias provenientes do seguro (...), — uma revisão da actividade da Inspecção Geral de Crédito e Seguros, por forma a dotá-la de mais efectivos meios de fiscalização e controlo».

A propósito de **Finanças públicas**, se afirma, historicamente, no Programa do PPD/PSD, ser o sistema fiscal instrumento fundamental para a construção justa de uma sociedade justa e progressiva (...)», pelo que deve contribuir para a «correcção da distribuição do rendimento e da riqueza» e «assegurar a repartição equitativa do custo da satisfação das necessidades colectivas (...)».

Acentua-se no histórico Programa que «uma sincera vontade política socialista democrática repudia concepções que, estribadas em argumentos de eficiência, descobrem dissuasores ao desenvolvimento económico nas medidas fiscais efectivamente redistributivas, introduzindo, sob esse pretexto, **válvulas de escape** da pressão tributária sobre os rendimentos mais altos (...)».

Depois de, entre outros conceitos, se dar prevalência à tributação directa relativamente à tributação indirecta, visando-se a «criação de um sistema globalmente progressivo» e que a tributação do consumo seja selectiva («incidindo mais fortemente sobre os bens ou serviços de luxo e não essenciais, ao mesmo tempo que isente os bens e serviços que mais pesam no orçamento das famílias de mais baixos rendimentos»), entrava-se no aspecto propriamente orçamental das Finanças do Estado:

«A adopção do programa social-democrata que o Partido Popular Democrático propõe implica um aumento substancial de despesa pública, como resultado da necessidade de assegurar uma polítira de justa remuneração dos trabalhadores da Administração Pública, de aumentar a quantidade e melhorar a qualidade dos bens e serviços destinados à satisfação das necessidades colectivas, de incrementar os investimentos sociais, de alargar e aperfeiçoar os programas de segurança e assistência social, de aumentar a participação directa do sector público nas actividades de produção e de distribuição.

A expansão do sector público não pode deixar de ser acompanhada da implantação, em todos os níveis e sectores do Governo, de princípios da racionalidade e eficiência da despesa pública, de modo a assegurar que a transferência adicional de recursos para o sector público, exigida por aquela expansão, se traduza de facto num aumento de bem-estar social» **(sic)**

E, partindo do princípio de que «a expansão das despesas públicas (...) não pode, nem deve, ser totalmente financiada por impostos» (isto é, por receitas fiscais), PPD/PSD admitia no seu Programa de 1974, algumas medidas atinentes ao mesmo financiamento tais como: «criação de títulos indexados de mobilização da poupança dos particulares, criação de títulos a curto prazo, criação de títulos a médio e longo prazo destinados fundamentalmente a abserver as poupanças dos investidores institucionais, ...etc.».

Nas **Relações económicas externas**, firmava o histórico programa do PPD/PSD a ideia de que «Portugal carece, do ponto de vista económico, de desenvolver relações **com todos os países do mundo**, embora com especial atenção para «o fortalecimento das relações económicas com os novos países de expressão portuguesa e com o Brasil (...)», e para «o fomento de relações económicas com os países socialistas e com a Rapública Popular da China (...)».

De qualquer forma e não deixando de aprovar «a adesão progressiva de Portugal aos movimentos de cooperação e integração europeia», no suposto de o País «poder beneficiar de mercados mais vastos, tecnologias modernas e disponibilidades financeiras», o PPD/PSD, no Programa de 1974 — sempre na base do princípio da submissão do poder económico ao poder político democrático, e na ressalva dos objectivos delineados no Plano — assentava na regra normativa da «não ingerência estrangeira nos assuntos da política nacional». E, segundo as palavras finais do Programa:

A participação activa de Portugal nos organismos económicos internacionais deverá ser desenvolvida, a fim de contribuir para a solidariedade mundial e defender os interesses de Portugal.

Terminamos aqui a recopilação de passagens essenciais do Programa do PPD/PSD formulado que foi em Novembro de 1974, quando se desenvolvia a euforia socialista ou, pelo menos, socializante que, através de algumas contradições, resultava do levantamento do 25 de Abril devido à iniciativa e decisão dos jovens militares do MFA, cuja consciência cívica acordara para a necessidade de derrubar um regime de repressão e asfixia das aspirações democráticas e que, embora já decadente, tinha provindo de atrasados figurinos europeus de carécter fascista.

Foi sem dúvida o MFA que, generosamente e desse modo, possibilitou a vida dos partidos, os quais assim, apareceram ou saíram para a luz do dia, com os seus líderes e elementos representativos e o seu crescimento estrutural. Nasceu rapidamente o Partido Popular Democrático, que veio a expressar o seu programa em Novembro de 1974 e que depois veio também a designar-se «Partido Social Democrata». Por seu turno o PS (Partido Socialista) pôde consolidar-se e desenvolver-se, pois já existia com a sua Declaração de Princípios e o seu próprio programa, dê bastante acentuada inspiração marxista, o que, em última e lógica análise, não o afastava sensivelmente da moderna posição ou atitude do PCP (Partido Comunista Português) também saído da clandestinidade.

Portanto, independentemente deste último, ficaram definidos no âmbito da Política portuguesa e da sua renascente Democracia, nada menos que dois partidos de significação geral **socialista**, além pois do PCP.

Porém — dissipada uma breve e fugaz coalizão de base tripartidária — são conhecidas as vicissitudes das posteriores trajectórias políticas assumidas pelos referidos agrupamentos partidários. Depois de, entre si e com o PCP, ainda se terem de um modo geral e razoavelmente entendido, em 1976, na elaboração e votação da Constituição da República, pode hoje dizer-se que tanto o PPD/PSD como o PS, pela orientação que lhes tem vindo a ser imprimida, bem parece que estão a renegar, ou se dispõem totalmente a renegar, as suas genuinas **vocações** ideológicas e programáticas, como elas foram definidas — em um e outro de tais partidos — na sua formação originária. O que será tanto mais absurdo quanto é certo terem as mesmas obtido larga consagração jurídica no texto constitucional, que **se pretenda** «rever» em sentido inverso... Mas se assim for, confirmar-se-á tratar-se de partidos que, **sob aquela orientação**, navegam em plena **crise de identidade** como vai sendo uso dizer.

(CONCLUSÃO NO PRÓXIMO ARTIGO)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

No próximo dia 15 de Maio, pelas 15 horas, neste Tribunal, **nos autos de Carta Precatória vinda do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, donde foi extraída dos autos de Execução de sentença que a Companhia de Seguros Império, E.P., move a Guilherme Covas Lourenço, residente na Rua D. Manuel I, n.º 46-4.º Esq.º, no Barreiro, há-de ser posta em praça pela 1.ª vez para se arrematar ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, o seguinte bem móvel: «uma gariopa e desengrossadeira, marca Makita, modelo 2000 – 220 Wts, série 1060 E, em bom estado de conservação».**

Barreiro, 9 de Abril de 1985

O Juiz de Direito,
José de Sousa Magalhães

O Escrivão de Direito,
Aníbal Manuel P. Mira

"D.L." 6/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA 1o.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação dos anúncios, citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, extracto, é o seguinte: ser o Réu condenado a pagar à autora a quantia pedida de 122 429$20, e ainda os juros vincendos à taxa legal sobre a quantia de 96 911$00, e custas.

Acção Sumária n.º 1999-3.ª secção.

Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP

Réu ROGÉRIO PAULO SILVA GALHOZ, com última residência conhecida em Av. Humberto Delgado, Pateo Fernandes, Alhos Vedros — MOITA.

Lisboa, 19 de Abril de 1985

O Juiz de Direito,
Ilegível

O Escrivão de Direito,
Ilegível

"D.L." 6/5/85 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 16 de Maio de 1985, às 16 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp, n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados à Sociedade Industrial & Comercial de Calçado Henriquina, Lda., com sede na Travessa Henrique Cardoso, 56-B, em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 1983/80, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

VERBA N.º UM — Uma máquina de orlar palmilhas, da marca «SAGITTA», mod., RP-30 em bom estado de conservação, no valor de 130 000$00.

VERBA N.º DOIS — Uma máquina de almofadar palmilhas da marca «Saggitta», mod. RP-68, n.º 68163080, em bom estado de conservação, no valor de 180 000$00.

VERBA N.º TRÊS — Uma máquina de meter vivos, da marca «Mitsubish», mod. CU-865, em bom estado de conservação, no valor de 50 000$00.

VERBA N.º QUATRO — Uma máquina de fazer verdugo, da marca «PFAFF», com o n.º 961-02-DL, em bom estado de conservação, no valor de 60 000$00.

VERBA N.º CINCO — Duas máquinas de costura eléctricas, em bom estado de conservação, da marca «Pfaff», com os n.os 5606130 e 8230163, no valor de 40 000$00.

VERBA N.º SEIS — Uma máquina da marca «SINGER», de duas agulhas eléctrica, em bom estado de conservação no valor de 15 000$00.

VERBA N.º SETE — Duas estantes metálicas de 2x2, de cor cinzenta, no valor de 20 000$00.

VERBA N.º OITO — Uma máquina de escrever eléctrica da marca «Hermes», mod. 700-EL, em bom estado de conservação no valor de 40 000$00.

VERBA N.º NOVE — Uma máquina de calcular eléctrica da marca «TA-TEX», como n.º H040342, em bom estado de conservação, no valor de 15 000$00.

VERBA N.º 10 — Duas máquinas de vergar gáspias, da marca «LUFIPE», em regular estado de conservação, no valor de 20 000$00.

VERBA N.º 11 — Uma máquina de fechar calcanheiras, da marca «LIREL» em regular estado de conservação, no valor de 25 000$00.

VERBA N.º 12 — Uma máquina de fechar bicos, marca «LIREL», em bom estado no valor de 25 000$00.

VERBA N.º 13 — Uma máquina de acabamento, marca «LIREL», em bom estado no valor de 30 000$00.

VERBA N.º 14 — Um balancé mecânico, da marca «AM», em bom estado no valor de 25 000$00.

VERBA N.º 15 — Uma máquina de desbastar pele, marca «ALPHA» em bom estado no valor de 15 000$00.

VERBA N.º 16 — Uma máquina de pregar e enfiar palmilhas tipo GF-71 A-2 n.º 27218, em bom estado de conservação, no valor de 50 000$00.

VERBA N.º 17 — Uma máquina de cardar cortes, marca «Attenzionne», em bom estado no valor de 40 000$00.

VERBA N.º 18 — Uma máquina de enformar contrafortes da marca «ZEUS» em bom estado no valor dee 50 000$00.

VERBA N.º 19 — Uma máquina de amaciar bicos, em bom estado no valor de 10 000$00.

VERBA N.º 20 — Uma máquina de dar cola em cortes, em bom estado no valor de 10 000$00.

VERBA N.º 21 — Uma máquina de dar cola em solas no valor de 10 000$00.

VERBA N.º 22 — Uma máquina de acabamentos da marca «RAFFLENBEUL», em bom estado de conservação no valor de 20 000$00.

VERBA N.º 23 — Uma máquina de lixar cortes da marca «ANNARAMPE», n.º 1-27029 — Vigevano, em bom estado de conservação no valor de 10 000$00.

VERBA N.º 24 — Um balancé, pescoço de cavalo, de cortar solas, em bom estado no valor de 15 000$00.

VERBA N.º 25 — Um aquecedor de solas em bom estado no valor de 10 000$00.

VERBA N.º 26 — Uma prensa de colar solas, da marca «BAMF», em bom estado, no valor de 30 000$00.

VERBA N.º 27 — Uma máquina de frezar, da marca «Hesperia-Super 65» em bom estado no valor de 20 000$00.

VERBA N.º 28 — Uma máquina de bater palmilhas, com a referência B-333-B, 79-5, em bom estado de conservação no valor de 40 000$00.

VERBA N.º 29 — Uma máquina de cravar saltos, da marca «SABAL», com a referência Matr. 801036, Tipo SD, em bom estado no valor de 10 000$00.

VERBA N.º 30 — Uma máquina de aparar forros da marca «RIFILATRICE» GP-4, em bom estado, no valor de 30 000$00.

VERBA N.º 31 — Uma máquina de formar canos de botas, em bom estado, no valor de 30 000$00.

VERBA N.º 32 — O direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento sito na Travessa Henrique Cardoso n.º 56, Letra B, nesta cidade, pelo qual é paga a renda mensal de 25 000$00 (vinte e cinco mil escudos) de que é senhoria a firma Construções Civis Alexandre Florindo e Manuel Vieira da Silva, Lda., com sede na Rua António Feijó, n.º 2-4.º Dt.º nesta cidade, a que foi atribuído o valor de 6 000 000$00.

O direito ao trespasse é tido como litigioso.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 13 de Maio de 1985

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Liquidador Tributário
(Ilegível)

«DL» 6/5/85 — 2.ª Pub.

Ronald Reagan chega depois de amanhã a Lisboa

Excepcionais medidas de segurança esperam a visita do presidente

O presidente norte-americano Ronald Reagan, que chegará depois de amanhã a Lisboa para a sua primeira visita oficial a Portugal, permanecerá na capital portuguesa 41 horas, exactamente o mesmo tempo que reservou para a sua estada em Madrid. O chefe da Casa Branca virá directamente de Estrasburgo, aonde se deslocará depois da sua visita a Espanha, para ali assinalar, com um discurso perante o Parlamento Europeu, o termo da Segunda Guerra Mundial.

Facilmente identificáveis por um distintivo comum que usam na lapela e por serem portadores de um pequeno receptor-rádio auricular ou de «walkie-talkies», os agentes dispõem de armas pessoais e alguns transportam pequenas pistolas-metralhadoras em malas.

Sempre que a «Limousine» blindada de Reagam chegar aos locais da visita, será imediatamente cercada pelos agentes e o presidente não sairá enquanto não estiverem garantidas as condições de segurança em redor. Tal como as outras viaturas que a Casa Branca possui para as deslocações do presidente, a utilizada em Lisboa dispõe de um centro de comunicações que o mantêm em contacto permanente com o centro operacional que estará instalado na Embaixada do seu país.

Motoristas permanentes da Casa Branca e de outros departamentos norte-americanos foram deslocados para Portugal e efectuaram já o reconhecimento dos trajectos da visita, para os quais serão exclusivamente utilizados carros transportados dos EUA, da Embaicada em Lisboa, ou especialmente alugados para o efeito.

Todos os itinerários podem ser alterados à última hora, por alegadas razões de segurança, determinando ainda estas que muitas vezes o presidente não entre ou saia pelas portas indicadas no programa, mas por outras.

Curiosamente, as entradas principais do Palácio de Belém e da residência oficial do Primeiro-Ministro parecem ser as únicas que a caravana automóvel de Reagan utilizará. Em todos os outros locais prevê-se o recurso a portas laterais ou das traseiras. Para garantir a máxima protecção dos pontos onde o presidente norte-americano passe ou permaneça, os responsáveis pela sua segurança foram ao ponto de alugar apartamentos e escritórios particulares em edifícios vizinhos daqueles locais, ou de solicitar aos respectivos ocupantes a sua vistoria e a colocação neles de agentes.

O programa da visita de Reagan ao nosso país só deverá ser conhecido hoje. No entanto, a agência NP forneceu já alguns pormenores que se prendem com a deslocação do presidente norte-americano a Lisboa.

O avião da Air Force One, que transportará o chefe da Casa Branca, aterrará no aeroporto da Portela às 18 e 5. Da placa do aeródromo do Figo Maduro, Ronald Reagan e o general Ramalho Eanes seguirão em caravana automóvel para o Mosteiro dos Jerónimos. (Se a deslocação para Belém se fizer por automóvel, como afirma a NP, isso constituirá uma novidade, visto que, nos últimos tempos, os chefes de Estado que visitam o País fazem a sua deslocação para os Jerónimos em helicóptero).

O presidente norte-americano será acompanhado por Nancy Reagan, pelo secretário de Estado, George Shultz, o conselheiro nacional de segurança, Robert McFarlane, o secretário de Estado adjunto para os Assuntos Europeus, Richard Burt e uma numerosa comitiva em que se incluem funcionários de vários departamentos da Administração de Washington.

Cerimónias

Depois das cerimónias de Belém, durante as quais Reagan deporá uma coroa de flores no túmulo de Camões e recebe, numa sala do Mosteiro, as chaves da cidade de Lisboa das mãos de Krus Abecasis (um caso inédito· não é o presidente que vai à Câmara; é a Câmara que vai ao encontro do presidente norte-americano). Após a realização destes actos protocolares, o casal Reagan deslocar-se-à ao Palácio de Belém para serem recebidos por Eanes e sua mulher Manuela Eanes.

Um intenso programa está no entanto reservado para os visitantes norte-americanos na quinta-feira. Da parte da manhã, o chefe da Casa Branca reunir-se-à com Soares em S. Bento e antes de seguirem para a Assembleia da República — através dos jardins da residência oficial do Primeiro-Ministro — Reagan e Mário Soares prestarão uma declaração à Imprensa.

Entretanto, em Queluz, Nancy Reagan e Manuela Eanes receberão elementos de uma associação de pais contra a droga. Findo esse encontro, as mulheres dos dois presidentes irão efectuar uma visita ao Castelo de S. Jorge.

No Parlamento, o presidente norte-americano produzirá um discurso que as televisões portuguesa e dos EUA transmitirão directamente para os dois países. De S. Bento, Reagan seguirá para Sintra onde lhe será servido um almoço pelo Primeiro-Ministro. De tarde, e já no Palácio de Queluz, o presidente norte-americano receberá o dirigente do CDS, Lucas Pires. Mais ou menos à mesma hora, George Shultz dará uma conferência de Imprensa num hotel de Lisboa para proceder ao balanço das conversações havidas com os dirigentes portugueses.

Nessa noite, o chefe do Estado oferecerá a Reagan um banquete no Palácio da Ajuda, seguido de uma recepção durante a qual ambos usarão da palavra. Na sexta-feira, o chefe da Casa Branca assistirá de manhã, no Palácio de Queluz, a uma exibição equestre, com cavalos de Alta Escola, e deixará Lisboa cerca das 11 horas.

A sua presença e movimentos, geralmente reconhecíveis, foi aumentando nos últimos dias em Lisboa e arredores, à medida que se aproximava a visita que o presidente Ronald Reagan inicia na próxima quarta-feira.

Trata-se dos agentes de segurança norte-americanos à paisana que, juntamente com os seus colegas portugueses e o apoio de sofisticados meios logísticos, irão tentar assegurar a protecção do presidente na que é considerada por meios policiais como a maior operação do género jamais realizada em Portugal.

O seu número deverá ascender a quatro centenas quando Reagan já estiver na capital portuguesa. Nos últimos dias, medidas de prevenção gradualmente mais rigorosas têm vindo a ser adoptadas em torno do Palácio de Queluz, que será a residência oficial do presidente dos locais onde se deslocará e da Embaixada dos EUA, bem como de funcionários norte-americanos.

São muitas as precauções que envolvem as deslocações do dirigente norte-americano e que vão ao pormenor da sua alimentação. Todas as refeições — mesmo aquelas para que é convidado — são confeccionadas por um cozinheiro da Casa Branca que prepara os pratos de forma exactamente igual aos dos restantes presentes.

Como em todo o lado, uma equipa médica e de enfermagem acompanha-lo-á permanentemente em Lisboa, estando ainda especialmente preparada uma sala da unidade de tratamentos intensivos do Hospital de Santa Maria, para o caso de ser necessário prestar assistência cirúrgica de emergência ao presidente.

A bordo de um avião de transporte da Força Aérea dos EUA chegaram entretanto à capital portuguesa a «limousine» à prova de bala que Reagan utilizará nos seus trajectos, o helicóptero especial previsto para qualquer necessidade eventual e os equipamentos de comunicações, vigilância e outros, destinados à segurança do presidente.

As ameaças contra o titular da Casa Branca são uma constante do seu dia-a-dia, em qualquer ponto do mundo, mas os responsáveis pela sua segurança colocam algumas hipóteses específicas para esta visita a Portugal.

Destacam-se as preocupações com as Forças Populares 25 de Abril (FP-25) — que já por diversas vezes atentaram contra instalações norte-americanas — e com extremistas líbios, sobretudo depois de conhecidos os sobrevoos em helicóptero, por alunos-pilotos daquela nacionalidade, de áreas próximas da capital.

Mas são ainda receados outros tipos de ameaças, nomeadamente através da eventual presença de um falso jornalista nos locais de cobertura informativa da visita. Uma fonte ligada à organização desta salientou à NP as preocupações já referidas pelos responsáveis norte-americanos com «a tradicional indisciplina dos jornalistas portugueses».

Demorou meses a preparação

Os estudos para a planificação do dispositivo de segurança tiveram início ainda em Fevereiro, pouco tempo depois de a visita de Reagan ter sido anunciada, com a vinda a Lisboa de especialistas dos serviços secretos dos EUA.

Em sucessivas reuniões com os responsáveis policiais, dos serviços de informações e outras entidades, foram traçados todos os pormenores da protecção do visitante e da sua comitiva, desde os locais da visita aos percursos de ligação entre eles, sendo sempre previstas diversas alternativas.

O programa da visita foi sofrendo alguns acertos nas últimas semanas, mas a sua divulgação foi sendo retardada até às vésperas da chegada de Reagan, o que denota uma preocupação quanto ao conhecimento dos seus detalhes. Na Embaixada dos EUA e no comando da PSP funcionarão os quartéis-generais da operação, que contará com a participação da quase totalidade dos efectivos das forças policiais da área da capital, nela colaborando várias corporações militarizadas.

Desde há varias corporações militarizadas.

Desde há vários dias vêm sendo testados todos os dispositivos, para que nada possa falhar durante a visita. Embora as responsabilidades quanto ao sistema de protecção ao presidente sejam repartidas entre os agentes norte-americanos e portugueses, a parte substancial do mesmo, nomeadamente a segurança pessoal próxima, caberá aos primeiros.

Candidatura de Freitas serve Mário Soares

— diz Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP

Álvaro Cunhal defendeu, em declarações à RDP-Antena 1, que as candidaturas presidenciais de Soares e Freitas do Amaral «são candidaturas de direita» **e que a candidatura do ex-presidente do CDS «até serve Mário Soares que já tem o pretexto de combater uma candidatura de direita».**

Aludindo à existência de «muitos democratas no eleitorado socialista», o secretário-geral do PCP lamentou, entretanto, o comportamento de direita do principal dirigente do PS. **«É pena** — disse Cunhal sobre Soares — **qúe não tendo comprometimentos com o regime fascista (ainda que os seus passeios na Faculdade de Direito com Marcelo Caetano não tenham sido tão inocentes como isso — mas não quero recordar o passado) defenda e pratique hoje uma política de direita».**

Noutro ponto das suas declarações, o dirigente comunista manifestou a convicção de que pode acontecer «a alteração do quadro partidário» com o aparecimento do PRD. «Há — disse Cunhal — condições objectivas para isso e subjectivamente depende do esforço da capacidade e do talento dos homens que dirigem esse partido».

Sobre a hipótese de legislativas antecipadas, disse que só Mário Soares parece temê-las, **«por medo de uma derrota»** pois até o CDS e sectores do PSD são a favor da sua convocação.

Demissão do Governo

Em Évora, no comício de encerramento da 1.ª Assembleia Regional do PCP, Álvaro Cunhal insistiu na necessidade da urgente demissão do Governo (**«há mais de um ano que o Governo devia ter sido demitido»** — disse) e da formação de um governo democrático de salvação nNacional, «integrado por todos aqueles que sobreponham os interesses nacionais aos interesses dos partidos, sejam eles quais forem».

O líder do PCP denunciou, por outro lado, o aproveitamento que o Primeiro-Ministro está a fazer do cargo e dos dinheiros públicos para lançamento da sua candidatura presidencial e acusou o Governo de se preparar para «fazer aprovar leis eleitorais e laborais numa altura em que o Parlamento já não pode ser dissolvido», por «medo de alguma intervenção institucional».

Quer em Évora, quer nas declarações à RDP, Cunhal frisou que caso Freitas do Amaral e Soares cheguem à segunda volta das presidenciais «nunca terão o voto dos comunistas».

Sobre as autárquicas disse esperar «grandes vitórias» da APU e referiu estarem já a ser elaboradas listas mais alargadas e que «muitos socialistas e membros doutros partidos estão de acordo em participar na APU nas próximas eleições».

Rui Machete rejeita Freitas e Soares

Machete reitera "não" a Freitas e a Soares

Rui Machete, líder momentâneo do PSD, disse-o ontem durante a sessão de encerramento da Festa do XI aniversário do seu partido: «O PSD não pode servir de muleta ao PS ou ao CDS (...) temos que encontrar um candidato presidencial que traduza o projecto social-democrata».

A sessão também serviu para o líder social-democrata apelar à unidade de todos os que militam no PSD e ao esquecimento das «divisões».

José Miguel Júdice, presidente da Area Meropolitana do PSD/Lisboa, admitiu durante a sessão que «a escassez de militantes presentes demonstra a maior crise de sempre atravessada pelo partido» e disse ser necessário «não fugir às responsabilidades».

«Quem quiser dirigir o partido, que venha agora que é difícil», afirmou.

Também no uso da palavra, Alberto João Jardim começou por recusar o CDS e o PS como «soluções viáveis», atacando em seguida os «empresários ricos que vivem dos subsídios pagos pelos impostos que pagamos».

Disparando sobre vários alvos, João Jardim criticou a estratégia da Embaixada dos Estados Unidos e Mário Soares dizendo que o Primeiro-Ministro «se presta a ser o mandatário de grandes potências em vez de defender a identidade nacional».

Comentando a Imprensa portuguesa, o presidente Regional da Madeira prometeu: «Vamos dar cabo dos jornalistas que necessitam dos anúncios das empresas estatizadas para os seus jornais poderem sobreviver».

Esperava-se que Alberto João Jardim também criticasse os políticos que necessitam das verbas do Estado para os seus projectos falidos poderem sobreviver mas, em vez disso, o líder madeirense resolveu seguir noutra direcção: «Há três semanas que estão reunidas as condições para passar ao ataque (...) recusar o Portugal conservador (Freitas do Amaral) e o falso socialismo (Mário Soares) que paga a empresários para fazerem campanhas eleitorais», alertou.

Tomar diz «não» a Machete

A maioria das distritais do PSD, reunidas sábado em Tomar, manifestou a sua oposição a qualquer solução que implique a permanência de Rui Machete como líder do partido, depois do próximo Congresso dos sociais-democratas.

Para as Distritais do PSD, colocadas perante a evidência de que Mota Pinto não quer regressar à liderança do partido, todas as soluções são possíveis menos uma: a continuação de Rui Machete como líder do PSD.

Segundo informações recolhidas pelo «DL», as Distritais resolveram contactar várias personalidades do partido, nomeadamente João Salgueiro, Marcelo Rebelo de Sousa, Alberto João Jardim, João Bosco Mota Amaral e Fernando Amaral, no sentido de se encontrar uma solução para a liderança dos sociais-democratas.

Só em Junho o CDS dirá sim à candidatura de Freitas

A Comisão Política do CDS decidiu adiar para Junho, mês em que se voltará a reunir, a formalização do seu apoio a uma candidatura à Presidência da República, revelou sábado o porta-voz daquele órgão, Miguel Anacoreta Correia.

O dirigente centrista frisou que «o anúncio oficial da candidatura de Diogo Freitas do Amaral foi recebido com o maior agrado pelos membros da Comissão Política».

«Freitas do Amaral é o candidato natural do CDS», salientou.

Segundo o porta-voz, a Comissão Política decidiu manter o «timing» previamente estabelecido, segundo o qual o CDS só anunciará o seu apoio a um candidato presidencial seis meses antes da realização das eleições, o que coincide com a data prevista para a próxima reunião da Comissão Política.

Interpelação ao Governo

O CDS vai fazer uma interpelação parlamentar ao Governo sobre a situação económica e social, soube-se de fonte partidária.

O mesmo informador não indicou a data em que a interpelação será apresentada na Assembleia da República.

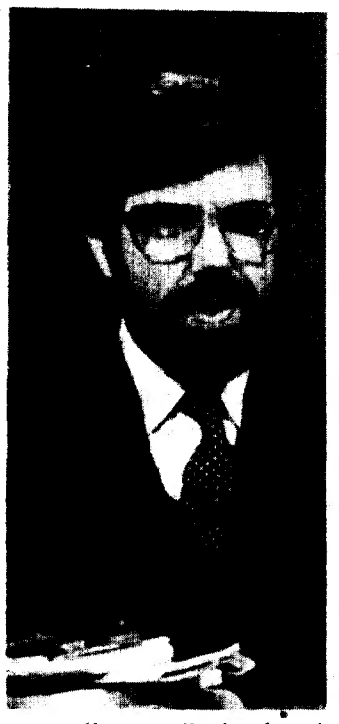
A iniciativa da interpelação ao Governo partiu de Lucas Pires durante a reunião de sábado da Comissão Política do CDS.

CDS/Madeira fala de «corrupção»

A Comissão Política do CDS/Madeira denuncia em comunicado «as atitudes de despudor perante o uso das finanças públicas» que estão a ser praticadas na Madeira.

No comunicado, e a par da denúncia da «crescente suspeita de casos de corrupção», o CDS/Madeira manifesta ainda a sua preocupação pela crise financeira do Governo Regional que «se generaliza a toda a economia».

O CDS/Madeira refere ainda



que o Governo Regional está paralisado na sua burocracia, fraco na defesa dos interesses da região e destituído de ideias alternativas.

Segundo António Gonçalves

APU aberta a aliança com PRD para eleições autárquicas

António Gonçalves, membro da Comissão Política do MDP/CDE, afirmou que a Aliança Povo Unido está aberta a qualquer aliança com o PRD para as eleições autárquicas, embora não haja até agora qualquer projecto nesse sentido. O dirigente do MDP/CDE falava à agência NP após o plenário que no sábado reuniu os autarcas daquele partido do distrito de Lisboa.

Nesta reunião foi feito o balanço da preparação para as eleições autárquicas, sabendo-se que neste momento estão já formadas as comissões eleitorais e feitos os contactos com personalidades que irão integrar as listas.

Este plenário precede as reuniões que o MDP/CDE vai ter com o PCP para a composição das listas da APU.

António Gonçalves considerou, entretanto, como não originou o acordo celebrado entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa sobre estudos a efectuar na encosta do Castelo, adiantando que já existiam propostas da APU relativas à defesa patrimonial de Alfama.

Pôs também em dúvida que a verba avançada pelo presidente da CML destinada à política de habitação para o próximo ano «possa resolver os problemas de habitação das populações mais carenciadas».

Aquele dirigente disse ainda que as medidas de relançamento da construção civil recentemente anunciadas por Mário Soares poderiam estar ligadas à estratégia presidencial do Primeiro-Ministro, pois «os últimos governos não têm conseguido definir uma política de habitação que resolva as carências habitacionais existentes».

António Galhordas na Mesa DL

O dr. António Galhordas, dirigente do MDP/CDE (na foto, com a redactora Áurea Sampaio) é o nosso convidado desta semana à "Mesa DL", que publicamos amanhã.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DA
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE CATORZE AUTOCARROS AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS-TRANSPORTES COLECTIVOS DO BARREIRO

1. — Faz-se público que está aberto concurso para fornecimento de CATORZE AUTOCARROS para transporte de passageiros aos Serviços Municipalizados do Barreiro.
2. — A caução provisória é de Esc. 2 750 000$00.
3. — As propostas deverão dar entrada na Secretaria Geral dos Serviços Municipalizados, até às dezassete horas e trinta minutos do dia 13 de Junho de 1985, entregues em mão, em envelope fechado e lacrado no verso ou remetido pelo correio, sob registo com aviso de recepção.
4. — O acto público de abertura das propostas terá lugar pelas 10.00 horas do dia 14 de Junho de 1985, no Gabinete do Conselho de Administração.
5. — O programa de concurso e o caderno de encargos estão patentes no Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, na Rua José Magro, n.º 2-A-Barreiro, para consulta durante as horas de expediente, podendo ser fornecidos aos concorrentes que o solicitem pelo preço de Esc. 100$00.

Barreiro, 24 Abril de 1985

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo Rodrigues de Matos

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104-cave

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 7 de Janeiro, em curso, lavrada a folhas 9 do livro n.º 5-G, deste cartório, foi aumentado o capital social de REPRODUTORES PIC, LDA, sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, de 11 842 000$00 para 18 000 000$00; mudada a sede social da Av. 24 de Julho, n.º 54-D, em Lisboa para o Casal de Pianos, em Tojeira, freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra, e remodelados integralmente os estatutos, os quais passaram a ter a redacção constante dos artigos a seguir fotocopiados, em quatro laudas, na parte que para aquele efeito interessa:

ARTIGO PRIMEIRO
A sociedade continua a adoptar a denominação de REPRODUTORES PIC, LIMITADA, e tem a sua sede no Casal de Pianos, em Tojeira, freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir da data da sua constituição.

ARTIGO SEGUNDO
O objecto da sociedade é a produção e comercialização de suínos de grandes parentais, podendo desenvolver todas as actividades necessárias à Prossecução daquele objecto.

ARTIGO TERCEIRO
O capital social integralmente realizado em dinheiro e em demais valores da sociedade é de DEZOITO MILHÕES DE ESCUDOS e corresponde à soma das seguintes quotas: Uma de cinco milhões e duzentos mil escudos pertencente à sócia Dalgety Group Services Limited; uma de dois milhões oitocentos e quarenta e dois mil escudos, uma de três milhões e oitocentos mil escudos e outra de seis milhões cento e cinquenta e oito mil escudos, pertencentes à sócia Pig Improvement Company Limited.

ARTIGO QUARTO
Mediante deliberação em Assembleia Geral, tomada por maioria simples, podem ser exigidas aos sócios, prestações suplementares ao capital nos termos do artigo décimo sétimo da Lei das sociedades por quotas de onze de Abril de mil novecentos e um.

ARTIGO QUINTO
Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos que ela careça.

ARTIGO SEXTO
A sociedade terá dois ou mais gerentes e poderá constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e os gerentes poderão delegar os seus poderes total, ou parcialmente, em seus procuradores
PARÁGRAFO ÚNICO – Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura de um gerente ou a assinatura conjunta de dois mandatários ou procuradores dos gerentes.

ARTIGO SÉTIMO
A cessão de quotas entre os sócios é livre. A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade e do sócio ou sócios não cedentes, que terão direito de preferência.

ARTIGO OITAVO
A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio nos seguintes casos:
a) – Por acordo com o respectivo titular;
b) – Se alguma quota for penhorada, arrestada ou objecto de procedimento judicial ou cautelar;
O preço da amortização será o que corresponder ao último balanço aprovado da sociedade e será pago em quatro prestações semestrais e iguais.

ARTIGO NONO
As Assembleias Gerais da sociedade serão convocadas com dez dias de antecedência, por meio de carta registada dirigida aos sócios.

ARTIGO DÉCIMO
Os lucros deduzidos dos que forem destinados a fundo de reserva legal e outros fundos que a Assembleia Geral delibere constituir serão distribuídos aos sócios na proporção das respectivas quotas.

É certidão de narrativa e fotocópia de teor parcial que vai conforme ao original, nada havendo que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte fotocopiada.
Lisboa, onze de Janeiro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Escriturário Superior
(Maria Manuela Pelado Rocha)

«D.L.» – 6/5/1985

Angústia Desespero Solidão
544545 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga e estará contigo

Abranches Ferrão

Faleceu Abranches Ferrão

Vítima de prolongada doença, faleceu a noite passada, em Lisboa, o dr. Abranches Ferrão, presidente do Conselho de Comunicação Social e um dos mais destacados advogados portugueses.

Filho de um professor de direito e ministro da 1.ª República, Abranches Ferrão contava 76 anos. Foi durante o fascismo um infatigável combatente pelos ideais republicanos e teve papel de relevo na vida forense, nomeadamente como advogado de lutadores antifascista e como vice-presidente durante 20 anos, da Ordem, onde fundou uma biblioteca jurídica que ostenta o seu nome.

Membro importante da principal organização maçónica portuguesa, militante do PS e mandatário nacional da candidatura de Ramalho Eanes em 1976, Abranhes-Ferrão criou ainda uma editora, fundou e dirigiu o «Foro de Coimbra», publicou a novela «Quarto aluga-se» e foi director, até há pouco, do «Jornal do Foro».

Encontrava-se internado já há algum tempo, tendo sido recentemente submetido a uma intervenção cirúrgica, durante a qual sofreu a amputação de uma perna. Na passada sexta-feira foi transportado de urgência, devido a enfarte do miocárdio, para o clínica de Santa Cruz, onde veio a falecer.

O funeral está previsto para amanhã, para o cemitério do Alto de S. João. O «DL» apresenta à família sentidas pêsames.

Eduardo Pereira também concorda...

Vizelenses acusam Governo de não cumprir promessas

Os vizelenses, ontem reunidos em plenário, acusaram o Governo de não cumprir as promessas feitas quanto à criação do concelho de Vizela e responsabilizaram o Executivo «por todas as consequências que possam advir» caso não sejam retiradas as alterações propostas no Parlamento à lei-quadro dos municípios.

Paradoxalmente, Eduardo Pereira, um dos visados nas contundentes críticas da população de Vizela, considerou, no sábado em Beja que a alteração proposta é «injusta para Vizela». O titular da pasta da Administração Interna, que falava no final de uma reunião com todos os governadores civis, mostrou-se apoiante da criação do concelho vizelense e declarou esperar que a população «continue a dar provas do mesmo sentido de responsabilidade e paciência que tem vindo a dar até agora».

No entanto, em Vizela, onde esta manhã o ambiente era calmo, a paciência tem quatro anos, e o simbolismo da forca colocada no jardim Humberto Delgado à espera dos políticos é mais um sinal de descontentamento popular. «É um abuso de confiança», declarou esta manhã ao «DL» Manuel da Costa Campelos, secretário-geral do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela. «O Governo estabeleceu um acordo-reposição da linha férrea e realização das eleições para a Câmara e Assembleia Municipal de Guimarães —, nós cumprimos essas obrigações e o Executivo não cumpriu».

A hipótese do tema Vizela, apenso às alterações propostas pelo PSD e CDS, ser discutido amanhã e quinta-feira na Assembleia da República, poderá trazer a Lisboa os vizelenses. «Esta noite vamos reunir e decidir se devemos, ou não, ir a Lisboa», precisou Manuel da Costa Campelos.

Acusações à RTP

O secretário-geral do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela indicou que, dadas as actuais propostas feitas pela maioria na Assembleia da República, «temos dúvidas que o caso seja resolvido agora», mas sublinhou que «nunca desistiremos».

Ontem, durante o plenário, Manuel Campelos informou a população de que, por intervenção de Lisboa, a RTP Porto foi proibida de fazer qualquer reportagem sobre Vizela. De acordo com aquele dirigente do MRCV, a proibição foi-lhe transmitida em contacto telefónico estabelecido antes da realização da manifestação. Por isso, foi lançada uma proposta de não pagamento da taxa, como represália à actuação da Radiotelevisão Portuguesa.

Eduardo Pereira: a concordância com as razões dos vizelenses ao reivindicarem a subida a concelho

Aliás, já na passada sexta-feira, em declarações do «DL», um outro dirigente do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela, Carlos Teixeira, tinha denunciado o tratamento da RTP à discussão das alterações à lei-quadro dos municípios no Parlamento. Carlos Teixeira sublinhou, então, que o seu movimento iria apresentar um protesto junto da direcção da Radiotelevisão Portuguesa.

Ambar oferece barcos à vela a Cabo Verde

O secretário de Estado da Cooperação, Eduardo Âmbar, que se encontra de visita a Cabo Verde, acompanhado de numerosa comitiva, afirmou no Mindelo que a sua deslocação ao jovem Estado africano «reflecte o grau elevado em que a cooperação entre os dois países se desenvolve».

Âmbar, que visitou durante o fim-de-semana a ilha de S. Vicente e inaugura hoje no Mindelo o Centro Cultural Português, considerou ainda que o Governo de Lisboa pretende que a cooperação bilateral «se revele útil para Cabo Verde e seja o modo de Portugal estar presente sempre que necessário».

No Mindelo, Âmbar procedeu à entrega simbólica ao Centro Naval de S Vicente de diversos material desportivo, nomeadamente dez barcos à vela de competição e duas embarcações de apoio.

O director do Clube Naval do Mindelo apresentou ao governante português um memorando com alguns pedidos de apoio logístico.

Âmbar frisou que irá tentar satisfazer o pedido «o mais rapidamente possível e de forma positiva» e adiantou que Portugal desejaria participar em regatas com Cabo Verde, a exemplo do que irá acontecer brevemente com Angola.

Ontem o delegado do Governo (presidente do município) de S. Vicente, Nelson Santos, ofereceu à comitiva portuguesa um almoço na baía das Gatas, praia de S. Vicente e hoje, Eduardo Âmbar será recebido pelo ministro-adjunto do primeiro-ministro na ilha.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 17.º Juízo Cível de Lisboa 3.ª Secção de processos na acção Ordinária n.º 2205 pendente nesta secção, movida pela autora Maquigel-Importação e Exportação, Ld.ª, contra VIRGÍLIO, SALGUEIRO & CHAVES, LD.ª, que teve a sua sede na Rua do Matadouro Municipal em Almeirim-Santarém e actualmente em parte incerta, é esta ré citada para contestar a acção no prazo de VINTE DIAS que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sendo advertida de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pela autora.
Lisboa, 6 de Abril de 1985

O Juiz de Direito,
(José Albino Caetano Duarte)

O Escrivão Adjunto
(Maria Fernanda Nunes C. Campos)

"D.L." 6/5/85 — 1.ª Pub. 4

123 RTP concurso

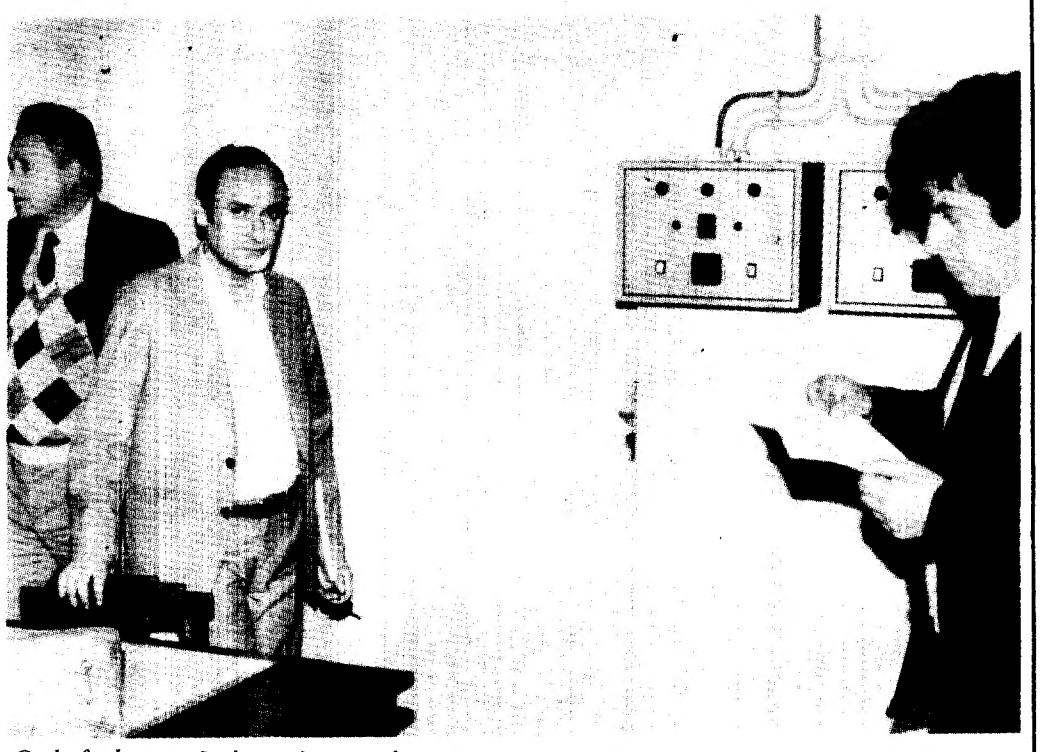
NOME .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Localidade ..... Cod. Postal .....
Telefone .....
Freguesia ..... Concelho .....
Tem televisor? ..... N.º Licença .....
ACOMPANHANTE .....
Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 – 1508 Lisboa Codex.

O assalto à estação sul-sueste

PSP do Barreiro deteve suspeito mas não recuperou o dinheiro

A PSP do Barreiro deteve um indivíduo suspeito de ter assaltado ontem à noite a Estação Sul-Sueste, de onde levou mais de 670 contos, mas não recuperou o dinheiro nem a pistola-metralhadora utilizada. Segundo afirmou ao «DL» uma fonte policial, o suspeito, que se encontra preso na esquadra do Barreiro, é um jovem que tinha consigo algum dinheiro, «mas nada que se compare com o montante do roubo».



O chefe da estação junto à porta de acesso à caixa-forte

O assalto verificou-se às 22.50 h no gabinete do chefe da estação Joaquim Deodato, tendo o assaltante, que actuou de cara descoberta, agredido o funcionário e fechando-o na casa-forte. O alerta foi dado por uma funcionária da CP que entrou no gabinete para entregar a receita da sua bilheteira e que, segundo tudo leva a crer, se cruzou com o assaltante, «um homem de cara destapada com uma pasta na mão, que se dirigia para o barco do Barreiro». Chegada ao gabinete e depois de bater à porta da casa-forte, ouviu um gemido, deparando-se-lhe, então, o chefe Deodato quase inanimado e a sangrar da cara.

Uma revista inconclusiva

Depois de alertadas as autoridades, a Polícia do Barreiro procedeu à revista de todos os passageiros que vinham no barco, o que provocou uma certa confusão. Em declarações à agência NP, a Polícia do Barreiro afirmou que «só não efectuámos várias prisões entre os passageiros devido à importância do caso que motivou a nossa actuação». No entanto, esta manhã contactado pelo «DL» um graduado da PSP da esquadra do Barreiro indicou que uma certa oposição à actuação das autoridades era normal, pois as pessoas estavam com pressa de chegarem a casa.

A mesma fonte sublinhou que a revista foi inconclusiva, pois nem o dinheiro nem a arma utilizada no assalto foram encontrados. «Por vezes as pessoas pensam que vêem, é um testemunho sincero, mas não é bem aquilo que se passou», explicou.

As investigações continuam a decorrer, colocando-se, agora à Polícia, várias hipóteses. A primeira, a de que o assaltante teria seguido no barco, parece algo comprometida. De facto, nem o dinheiro foi encontrado a bordo do cacilheiro, nem, em busca entretanto efectuada junto ao cais de embarque, foi encontrada a pasta ou a arma. A hipótese de o assaltante se ter desfeito do produto do roubo e da pistola-metralhadora durante a travessia do Tejo teria, decerto, despertado a atenção dos passageiros, que, aquando da revista, denunciariam o facto às autoridades.

Ganha assim forma a segunda hipótese: a de o assaltante não ter embarcado rumo ao Barreiro, tendo tomado outro destino.

Por outro lado, os 673 mil e 825 escudos roubados correspondem apenas à caixa de domingo, tendo sido deixadas no local as receitas de sexta e sábado, num total de 1300 contos. Contactado pelo «DL», o Serviço de Relações Públicas da CP sublinhou que não há qualquer hipótese de, ao domingo, pôr o dinheiro no banco, e que a Estação Sul-Sueste é uma das poucas dotadas de uma casa-forte. Segundo a ANOP apurou junto do chefe de estação que substituiu na função Joaquim Deodato, entretanto submetido a tratamento às escoriações na cara, a empresa de segurança que transporta o dinheiro para o banco normalmente fá-lo de manhã e não executa as tarefas todos os dias.

Falta de anestesista vitima nascituro em Castelo Branco

Pelo menos uma pessoa morreu no Hospital de Castelo Branco por falta de um médico anestesista, disse o director deste estabelecimento hospitalar, Dias de Carvalho.

O incidente consta de um requerimento de inquérito parlamentar ao ministro da Saúde entregue pelo director do Hospital de Castelo Branco ao presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral.

O Hospital Distrital de Castelo Branco presta assistência a cerca de 250 mil pessoas do distrito.

A unidade hospitalar tem carências que afectam sobretuddo o sector da anestesia em que há um médico desta especialidade «que não pode dar resposta a todas as solicitações de rotina decorrentes das prescrições dos 11 médicos especialistas».

O único anestesista de serviço tem assegurado os serviços de urgência em prejuízo dos doentes internados que carecem de intervenções cirúrgicas e que não são operados.

Dias de Carvalho precisou que as intervenções cirúrgicas programadas são sucessivamente adiadas «o que leva à revolta dos doentes e à desmotivação dos próprios médicos, que diariamente se vêm confrontados com problemas que não podem solucionar».

A direcção do Hospital responsabiliza o Ministério da Saúde pela situação «por não destacar para o Hospital de Castelo Branco um médico anestesista».

Dias de Carvalho afirmou que existem anestesistas dispostos a trabalhar neste estabelecimento hospitalar bastando para tal que o Ministério autorize a sua deslocação.

O pedido de inquérito parlamentar destina-se, segundo o responsável pelo hospital de Castelo Branco, «a denunciar a incapacidade do Ministério da Saúde em resolver o problema».

Constatado em Congresso

Jovens regressam ao seio da família

As gerações mais novas parecem revelar apreço pela instituição familiar, concluiram os cerca de 800 participantes no Congresso da Família que ontem encerrou em Lisboa. Por esta razão, o congresso produziu um conjunto de recomendações que incluem, entre outros pontos, acções no campo do ensino relacionadas com o estudo da família.

O congresso, iniciado no dia 2, constatou o aparecimento recente de «novos tipos de família», facto marcado «pelo aumento da percentagem de divórcios, pela redução da dimensão média e pela valoração da família nuclear em prejuízo da extensa».

Analisando as transformações da família, o congresso conclui que se corre «um grave risco de quebra da natalidade» e de «um preocupante envelhecimento da população».

Para os congressistas católicos, a educação sexual e o planeamento familiar constituem dois aspectos afectados por «lacunas e desvios bastantes graves» do ordenamento jurídico português.

O encontro constatou que a lei portuguesa ainda não reconhece «como trabalho de pleno direito» as actividades domésticas dos membros da família, quer do ponto de vista laboral quer de segurança social.

«É sobre a mulher que recai geralmente o peso de tais actividades. E a situação mais se agrava ainda quando a mulher trabalhando fora de casa precisa de realizar em cada dia uma segunda jornada de trabalho» — diz-se nas conclusões finais.

Por isso, as famílias com um só progenitor vivo ou activo enfrentam dificuldades extremas» não resolvidas pela lei, a organização sócio-económica ou a solidariedade social — afirma-se.

O congresso propôs ainda a criação de «um centro de estudos da população e família» e decidiu «contribuir activamente para a introdução da disciplina de antropologia no ensino secundário.

Não esquecendo a CEE

CNA alarmada com a maior "ameaça legislativa"

O Conselho Nacional da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), reunido em Coimbra, tomou posição abertamente crítica em relação ao chamado pacote agrícola «contra a lavoura».

«Estamos perante a maior ameaça legislativa contra a pequena e média agricultura» — afirmou no final da reunião do Conselho, o seu assessor jurídico Paulo Martins que precisou que o pacote legislativo «estrangula o agricultor rendeiro, ameaça retirar os baldios aos povos, entrega o comércio nas mãos dos grandes armazenistas importadores, sacrifica a aptidão agrícola dos solos aos interesses das celuloses, das multinacionais e das empresas turísticas que querem fazer grandes reservas de caça».

Sobre o arrendamento rural foi acentuado que a lei tende a aumentar a já pouca estabilidade do agricultor, na medida em que reduz a duração do contrato de arrendamento.

Também o projecto da nova lei florestal foi criticado, «por tender a sacrificar bons solos agrícolas à maléfica invasão dos eucaliptos».

O Conselho Nacional da CNA manifestou-se contra a extinção dos organismos económicos da lavoura.

«Isso significa — disse Paulo Martins — uma fuga do Estado às suas responsabilidades naturais de apoiar a comercialização dos produtos agrícolas e o abandono dos produtores às mãos tentaculares dos grandes armazenistas e industriais».

A liberalização das importações de produtos agrícolas e a recente portaria sobre comercialização do leite foram também criticados.

Quanto à portaria foi sublinhado que «ela abre a porta à entrada da indústria contra o movimento cooperativo leiteiro e associativismo dos produtores».

Relativamente à integração na CEE, a CNA não tomou posição, manifestando preocupação quanto ao desconhecimento dos «dossiers» pela lavoura portuguesa.

A falta de informação e esclarecimento sobre o processo de adesão foi considerada de mau presságio por um agricultor, que comentou: «Se nos escondem as coisas é porque elas não são boas para nós».

Preocupações quanto à invasão de produtos estrangeiros e a imposição de preços baixos incompatíveis com os custos de produção foram também manifestadas na reunião.

A CNA prevê limitações às exportações portuguesas e manifestou receio de que os fundos da CEE sejam desviados para sectores marginais ou estranhos à agricultura.

Regularizados contratos no ensino superior

Um diploma hoje publicado no «Diário da República» regulariza a situação dos docentes do ensino superior que prestam serviço sem contratos formalizados.

Os docentes que o início do corrente ano lectivo prestavam serviço nos estabelecimentos de ensino superior, sem contrato formalizado verão a sua situação regularizada por um único contrato que abrangerá na íntegra o período de actividade, a partir de 1 de Dezembro de 1979 e até 30 de Setembro de 1985.

O contrato será submetido ao visto do Tribunal de Contas no prazo de 60 dias, a partir de hoje, restabelece o diploma.

A renovação dos contratos a partir de 30 de Setembro do corrente ano será regulamentada nos termos e períodos constantes do estatuto da carreira docente universitária.

Julgamento de Al Awad

Doença de defensora oficiosa adia alegações em Albufeira

Júlio Rodrigues

A leitura das alegações no julgamento de Al Awad, presumível assassino de Issan Sartawy, foi inesperadamente adiada para amanhã devido ao facto de a defensora oficiosa, Fátima Pontes, ter apresentado um atestado médico comprovativo de doença.

É óbvio que a preparação das alegações por parte dos intervenientes neste complicado processo é, não só morosa como delicada. Envolve muitas cautelas e naturalmente predispõe a acusação e a defesa a cimentarem bem as suas posições por vezes com recurso a tratadistas e juristas.

Não foi por isso, ao que julgamos, que Fátima Pontes, advogada de 33 anos, com escritório na rua principal de Albufeira, não compareceu hoje em Tribunal, ao qual faria chegar o certificado médico, alegando incapacidade temporária.

Felizmente a ausência de Fátima Pontes será apenas de 24 horas, o que significa que as alegações começarão em princípio, amanhã pela manhã.

É também muito provável que a leitura dos quesitos se efectue esta semana, razão por que a partir da próxima segunda-feira já o erário público não despenda os 1500 contos diários que vem custando este julgamento.

Quer o juiz-presidente, Victor Sá Pereira, quer a acusação particular, quer o procurador da República, Galvão Teles e António Póvoa, aceitaram a impossibilidade de comparência de Fátima Pontes, se bem que o segundo haja assinalado ser possível continuar a audiência com a gravação das alegações dos interessados e Galvão Teles sublinhado que dentro do Tribunal havia «ilustres advogados com capacidade para assumirem oficiosamente a defesa».

Todavia, um e outro concordaram na suspensão, visto que a ausência de Fátima Pontes será apenas por um dia.

Face a isso, o juiz presidente, ao abrigo do Art. 417.º do Código de Processo Penal adiou o início das alegações para amanhã.

Julgamento de contradições, de dúvidas, de requerimentos e de peripécias, este que desde 9 de Abril tem um jovem de 28 anos no banco dos réus — Al Awad —, entra amanhã na sua recta final. E isso porque se inicia o chamado período das alegações por parte do acusador público, que neste aspecto antecede a defesa e, mercê do carácter excepcional que este processo atingiu, também a acusação particular. Cabe esta função a José Manuel Galvão Teles, representante perante o tribunal da viúva de Issam Sartawy, a senhora Widad Wal-Mufi, que, inicialmente, delegou essa competência na advogada francesa Jacqueline Pauli.

Da parte da acusação, quer pública quer particular, é forte a convicção de que o autor dos disparos que vitimaram Issam Sartawy (um, mortal, destruindo-lhe o encéfalo, e os outros dois atingindo a têmpora e o antebraço) terá sido

Doina Zebruska, a intérprete do tribunal: ela também foi figura central neste complexo julgamento

Al Awad. Aliás, essa convicção radicou-se ao longo das dezasseis audiências por que se prolongou a fase de interrogatório das 29 testemunhas, mais um perito médico, um especialista em balística e o antigo secretário do dirigente da OLP em Paris, Abu Eishe. E se neste foram evidentes algumas contradições (sobretudo quanto ao eventual número de participantes no assassinato de Sartawy) e até de omissões, não menos foram as vezes em que o réu alegou não se lembrar deste ou daquele pormenor. Algumas delas eram questões muito importantes para o esclarecimento da verdade e ser feita justiça sobre este intrincado processo.

Lacunas instrutórias

Mas nem sempre, como de resto afirmou o colectivo do Tribunal de Albufeira, apostado em habilitar o jurado a apreciar serenamente e a julgar segundo o primado da justiça, na procura da verdade íntegra. De resto, o próprio juiz presidente teve ocasião de assinalar, por mais de uma vez, as lacunas da instrução do processo, por parte da Polícia Judiciária. Esta, admitem os observadores nesta matéria, ante a confissão do réu, dez dias depois do crime, terá descurado vários aspectos importantes, não apenas na óptica da defesa, como do próprio tribunal.

Não faz sentido (continuamos a falar da perspectiva dos especialistas em casos desta natureza, assim tão intrincados e melindrosos), por exemplo, que as autoridades, depois da confissão de Al Awad de que havia sido o autor dos disparos que vitimaram Sartawy, não tenha continuado no estrangeiro (como ao longo deste julgamento se referiu) a recolha de dados e informações para o tribunal apreciar em toda a sua extensão e garantir uma maior segurança quanto à decisão a tomar pelos jurados, elemento vital e determinante quanto à aplicação da justiça nste caso. Não se percebe lá muito bem, com efeito, depois que o jornalista Jorge Simões — que se encontrava a cobrir a reunião da Internacional Socialista para a RDP — alertou para declarações de uma funcionária do SPD ao serviço da IS, a razão por que não foi esta a seu tempo localizada e arrolada ao processo, dela havendo, hoje, apenas, uma declaração ao correspondente da estação em Bona na qual afirma que não falou daquilo que o jornalista lhe imputa. E também se estranha que os dois diplomatas que se encontravam com Issam Sartawy quando este foi abatido — um de Chipre, outro da Tanzânia — não tenham sido ouvidos pela PJ.

Jurados: conquista do 25 de Abril

Quanto ao resto, sabe-se, apesar de Al Awad ter questionado um dos depoentes deste julgamento afecto ao Grupo de Operações Especiais (GOE) da PSP, sobre quanto é qué este recebeu («Quanto dinheiro?», perguntou no seu «razoável» português o réu), que as declarações do inspector Francisco Calvão são importantes.

Foi ele, como chefe das investigações deste processo, o responsável que mais vezes contactou com o réu, que mais o interrogou, que dele pode traçar um retrato. Apesar do réu ter alegado que havia feito a reconstituição do crime em 19 de Maio de 1983, porque a tal foi coagido (sob a presuntiva ameaça de que se não o fizesse seria condenado à pena máxima de prisão e extraditado para Marrocos, de acordo com o passaporte que utilizou para entrar em Portugal), nada disso ficou provado.

Lamentarão alguns, porventura, que, afinal, os testemunhos mais incriminatórios de Al Awad neste caso tenham vindo das autoridades. Não faltará até quem não lhes atribua singular coincidência. Mas também se nos afigura coerente admitir que talvez sejam os seus integrantes os que menos receiam qualquer represália do grupo do réu, dos homens de Abu Nidal. E foram várias as vezes que, de permeio com acusações aos guardas prisionais e à Polícia, Al Awad deixou a pairar no ar a hipótese de um desforço. Terá sido, apenas, para amedrontar o júri? O advogado Galvão Teles ripostou, uma das vezes, a tais desmandos, afirmando que não tinha medo do grupo de Abu Nidal, do mesmo modo que por ele — e por todos os revolucionários — tinha respeito.

Motociclista vitimado no choque com camião

Ao entrar no cruzamento «Ponte de Ferro», no Lugar de Pasqueira, Penafiel, uma motorizada despistou-se e foi embater de frente com um camião, tendo morrido o seu condutor, António Moreira de Castro, de 64 anos, casado, reformado, que residia no lugar de Travaços, no concelho de Marco de Canavezes. O camião era conduzido por Manuel Joaquim Carvalho da Silva, de 29 anos, industrial, que nada sofreu.

Queimados pelo álcool quando tratavam a filha

António Guimarães Rosa, de 24 anos, e a sua mulher Maria Lucília Oliveira Soares da Rocha, da mesma idade, ficaram gravemente feridos por álcool que se incendiou quando faziam curativo a uma filha, na sua residência, no Porto. Desconhecem-se as causas do acidente. A criança saíu ilesa, enquanto os pais tiveram de ser internados no Hospital de S. João, Naquela cidade.

Mantém "não" ao Sindicato da Polícia

Eduardo Pereira: nem tudo será obra das FP-25

O ministro da Administração Interna disse no sábado em Beja não estar convencido de que «muitos dos actos terroristas reivindicados pelas Forças Populares 25 de Abril sejam realmente consumados por esta organização».

Eduardo Pereira, durante uma reunião com vários governadores civis, acrescentou que pensava que muitos destes «actos terroristas são praticados por outros grupos não identificados».

Considerou, também, que o elevado índice de criminalidade existente no País é fruto da crise económica e que o principal investimento que Portugal deve fazer «é na educação, para evitar graves problemas como a delinquência juvenil, a prostituição e a droga».

O ministro da Administração Interna, referindo-se à formação do sindicato da PSP, defendeu que «não deve existir um sindicato mas sim uma associação representativa de classe sem direito a greve e no estrito cumprimento das leis vigentes». O ministro acrescentou que o Governo não autorizará a sua criação «pois julga que não estão reunidas as condições necessárias».

Na reunião com os governadores civis foram discutidos problemas relacionados com a poluição ambiental, o novo regulamento dos guardas-nocturnos e das empresas de segurança privadas e a modernização dos serviços dos Governos Civis.

Foi ainda anunciada a realização, na FIL, em meados de Junho, da Feira das Regiões em que estarão representados os distritos do Continente e da Região Autónoma dos Açores.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Canção *vem do latim e a palavra em latim de que deriva quer dizer ao mesmo tempo* **cantiga, encanto, encantamento.** *Mas hoje em dia desapareceu quase por completo o encanto.* **A cantiga** *permaneceu.*

Cantiga *outrora era cousa breve e de ocasião, como recebemos por herança daquele poeta-rei do século XIII:* **Naquela vila houve um clérigo trovador que suas cantigas fazia de escárnio mais que de amor...**

Hoje as cantigas são mais de amor que de escárnio. Pedro Osório meteu-se por aí, como o clérigo de Afonso X, mas festivalmente houve quem não apreciasse. Uma **Tourada,** *outrora, de Ary e Tordo, apanhou-os desprevenidos, e foi uma alegria. Agora, com as touradas que para aí vão, as cousas, ao nível de TV, complicam-se:*

Mas parece que a malta da CEE e quejanda já não quer de amor nem de escárnio, quer volteios revivalistas de regresso ao paraíso perdido. Assim votaram ao desprezo a nossa cantiga de sofrimento.

Sofrimento, estão a ver? Falar de corda em casa de enforcado...

Apenas a Grécia e a Turquia foram capazes de entender o nosso sentimento, o nosso sofrimento, o nosso espavento de alma. Com a sua votação, a Grécia premiou um herdeiro histórico: ela e nós ajudámos, cada qual a seu modo, ao conhecimento do Homem.

Quanto à Turquia, Deus saberá por que terá sido. Mas francamente o apoio não nos honra.

Espero que desta vez o Governo proceda rigorosamente e busque resposta para as seguintes questões:

— Por que não assegurou os votos da Espanha, como razoável contrapartida aquando da assinatura do acordo das pescas?

— Como foi que o Luxemburgo se atreveu, desta vez, a ignorar os sentimentos patrióticos de 10 por cento da população?

— A ausência do Mónaco, nosso habitual fornecedor de votos, não deve ser entendida como um claro boicote à canção do nosso país?

— Estão previstas retaliações económicas e diplomáticas contra os países amigos que nos ignoraram?

— Não se encara a formação de uma comissão de inquérito que se dirija a Gotemburgo para investigar as causas do insucesso? E já agora não seria possível incluirem-me também a mim nessa Comissão?

— Finalmente: em lugar de terem enviado um vestido rico e uma canção pobre, não teria sido melhor o contrário?

O povo português tem direito à verdade. Está farto de ir na cantiga.

A pensar na Terceira Idade e nas crianças

Amigos da Estrela querem construir pavilhão cultural no jardim

Há um ano, alguns utentes da Estrela propunham a construção de um pavilhão cultural para uso dos idosos e crianças que fazem do jardim lugar fundamental do seu quotidiano. Mil e quinhentas assinaturas dão peso a uma ideia que vai ser apresentada no próximo mês à Câmara Municipal de Lisboa.

Meia dúzia de pessoas dão corpo à Comissão de Amigos do Jardim da Estrela. Habitam na zona, viveram ali muitos momentos da sua infância e adolescência, e dói-lhes ver o abandono a que está votado um dos mais agradáveis locais da capital.

O espectáculo da ociosidade dos muitos velhos que ali se reúnem e a animação sem objectivo das crianças dos jardins infantis das redondezas «inspirou-os»: porque não haveria de construir-se no jardim um pavilhão para actividades polivalentes, da animação cultural à ocupação dos tempos livres?

Começaram a deitar olhos para uma arrecadação dos serviços de manutenção e limpeza do jardim. A sua estrutura suportaria, sem problemas, um segundo piso: ali se poderia instalar a biblioteca que outrora existiu no miradouro do jardim, projectar filmes e levar à cena a representação de peças teatrais.

Conta-nos Carlos Gomes, da comissão, e um dos grandes animadores da ideia:

«Começámos a contactar as juntas de freguesia confinantes com o jardim, externatos, jardins infantis. A nossa ideia de criação de um espaço polivalente foi muito bem aceite em todos os quadrantes políticos, e a recolha de assinaturas junto de autarcas foi um êxito.»

Em pouco tempo, e sem demasiado esforço, essa lista foi crescendo, e a iniciativa gerou apoios cada vez mais amplos, mesmo entre os que não têm uma ligação afectiva tão estreita com o jardim da Estrela.

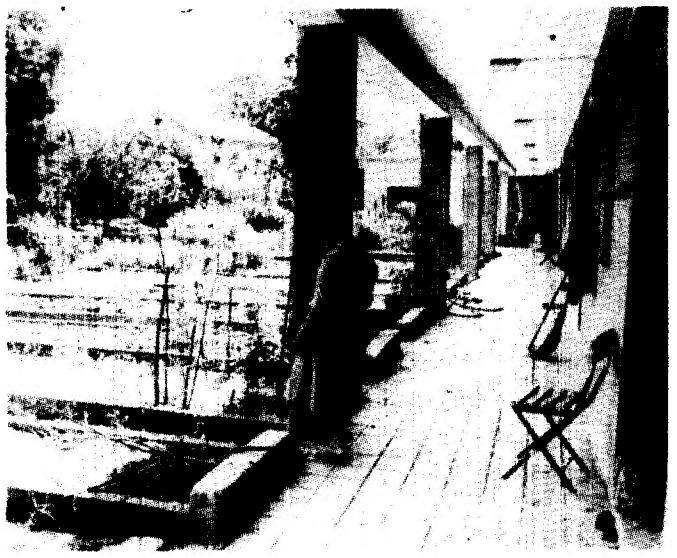
Estão neste caso numerosos actores, cantores, jornalistas e ainda grupos de teatro e associações existentes na zona.

Um arquitecto lisboeta, Carlos Ferreira, que frequentou na infância o jardim, escreveria mesmo à Junta de Freguesia de Santa Isabel, apoiando «com entusiasmo a iniciativa». É ele que se ocupa presentemente da elaboração da planta do pavilhão que a Comissão de Amigos do Jardim da Estrela vai apresentar em Maio à Câmara Municipal de Lisboa.

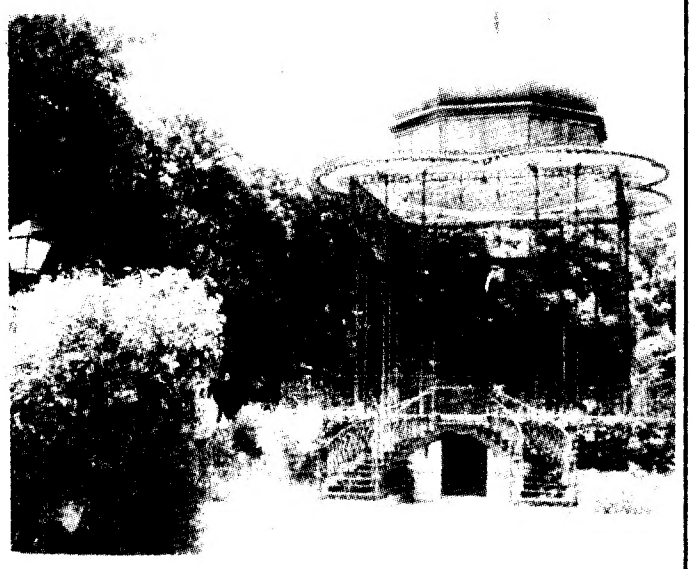
«Ainda não tivemos um contacto formal com o município», revela-nos Carlos Gomes. «Em conversas particulares, fomos remetidos para o pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa. Mas estamos em crer que a autarquia não nos vai dizer que não, até porque a nossa proposta tem em conta as condicionantes ambientais e arquitectónicas da zona, não se propondo a construção de nenhum edifício desproporcionado.»

Dinamização da terceira idade e das crianças, num óptica de acção cultural, é pois, o que os amigos da Estrela querem para o seu jardim. E lá mais para diante, se tudo correr bem, o propósito dos que arrancaram com este processo é constituir uma associação dos amigos do jardim, que promova a gestão do espaço cultural do futuro pavilhão, em termos a estudar com as freguesias e município.

Até lá, porém, Carlos Gomes prefere não adiantar muito sobre isso. O combate, agora, é pela construção do tal segundo piso que pudesse, já no próximo Outono, acolher os primeiros idosos e crianças que à falta de outros pontos de referência, continuam a reunir-se sob os ramos das árvores.



Por agora, é apenas uma arrecadação utilizada pelos jardineiros, que não seria posta em causa pelo acrescento de um novo piso para actividades culturais da Terceira Idade e das crianças



Estrela: um Jardim com muitos amigos que gostariam de o ver mais dinamizado

Cinco mil pessoas isoladas

S. Marcos: às portas do Cacém sem o mínimo de condições

Com cinco mil habitantes, a aldeia de S. Marcos, na freguesia de Agualva — Cacém, aguarda há quinze anos a instalação de iluminação pública e rede de esgotos.

Oriundos sobretudo do Norte, os habitantes, principalmente velhos e reformados, dedicam-se à agricultura de sobrevivência em quintais que rodeiam o casario desprovido de cor e quase ausência de traços identificadores da sensibilidade de quem lá vive, com excepção de uma minoria fabril.

Embora se situe a cinco quilómetros do Cacém, desfrutando de uma paisagem campestre perto da serra de Sintra, a aldeia é suja com ruas esburacadas ladeadas por detritos, muros caídos, valetas lodosas e um largo principal árido onde apenas o jogador do chinquilho e a taberna nos recordam que «as características de sociabilidade do homem» ainda existem.

Os habitantes sentem a ausência de transportes, pois só há caminoneta de manhã e à noite e para se deslocarem ao Cacém gastam cento e cinquenta escudos de bilhete.

Do mesmo modo, este agregado populacional não pode ter urgência em tratamentos de saúde, porque S. Marcos não tem farmácia, posto de socorros e médico.

As emergências são resolvidas por «uma chamada ao táxi ou aos bombeiros do Cacém».

É este estado de coisas que um pouco por toda a freguesia de Agualva — Cacém preocupa aquela autarquia alertando as autoridades e chamando a atenção das populações para a dinamização local.

A falta de iluminação pública é igualmente sentida como «uma ameaça à segurança das pessoas da Quinta da Fidalga que tem de percorrer a pé (a Rodoviária recusa-se a efectuar o transporte na zona) o percurso da estação para casa.

Também aqui há mais de três anos que as ruas estão por pavimentar e a falta de luz no interior das habitações despertou nos habitantes «mais imaginação na arte do desenrasca».

Como esta última zona habitacional há mais quatro ou cinco, na mesma situação, multiplicando-se os projectos de construção sem que se cumpram as infra-estruturas — afirmou o presidente da Junta de Freguesia, que tem efectuado diversas iniciativas em conjunto com as colectividades no sentido de dotar Agualva — Cacém de «identidade própria».

Cerimónia militar encerra comemorações da GNR

Uma cerimónia militar com formatura de tropas da Guarda Nacional Republicanae desfile militar encerrou um conjunto de iniciativas que ao longo de três dias assinalaram, ontem, à tarde, na Praça do Império, em Lisboa, o 74.º aniversário da criação daquela corporação.

Presidiu o ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira e estiveram presentes altas entidades oficiais, civis e militares, bem como adiados militares acreditados em Portugal.

Proferiram discursos o comandante geral da GNR, general Tomé Pinto e o ministro da Administração Interna, depois do que se procedeu à condecoração de diversos elementos daquele corpo militar que se distinguiram durante o último ano.

A termina desfilaram as forças em parada, representando todas as unidades da GNR e constituídas por forças de Infantaria, Blindados, de moto, a cavalo, dos serviços de trânsito, helicópteros e cães.

De manhã houve missa nas ruínas do Carmo, em sufrágio pelos militares mortos e às 11 horas e meia procedeu-se ao tradicional render da guarda no Palácio de Belém, desta vez com mais imponência.

A sessão de encerramento do aniversário. A GNR realizou-se na Praça do Império

Sete feridos na explosão de camião-cisterna

Sete feridos foi o balanço de uma explosão ocorrida durante a sondagem de um camião-cisterna, na fábrica Metalovouga, em Sever do Vouga, Aveiro. Os feridos mais graves são os operários Mário Pereira Raimundo, de 28 anos, e António Pereira, de 29, ambos casados. O acidente foi provocado, em princípio, devido à existência de resíduos de petróleo cru dentro da cisterna.

Marido enganado rapou mulher à "escovinha"

A surpreender a mulher na cama com o amante, José Joaquim Teixeira Neiva, um operário de 23 anos a trabalhar nos Açores, rapou-lhe o cabelo à «escovinha». A cena passou-se em Abdim, Cabeceiras de Basto, tendo o marido enganado ferido, ainda que sem gravidade, com um tiro de caçadeira, o amante da mulher, Aventino Teixeira, de 27 anos, casado.

Estava amordaçada numa vala de estrume

Nuns terrenos baldios, perto do Estádio das Antas, no Porto, foi encontrado bastante ferido um jovem de 20 anos que afirmou ter sido assaltado, na Corujeira, por três desconhecidos que depois de o agarrarem e de lhe roubarem 22 contos em dinheiro, o agrediram, obrigando-o depois a entrar à força num automóvel. Ao ser descoberto por um popular, alertado pelos seus gemidos, Eduardo Emílio Ferreira, solteiro, empregado de armazém, estava semi-inconsciente, numa vala de estrume, amordaçado e com as mãos e pés amarrados, tendo sido conduzido para o Hospital de S. João, onde esta manhã ainda estava em observação.

Acidente de avião em Faro com ministro espanhol

Ao aterrar no aeroporto de Faro, um avião das Linhas Aéreas Regionais (LAR), no qual viajava o ministro espanhol da Saúde, Luch Ernesto, sofreu um pequeno acidente na passada sexta-feira com a queda do trem traseiro. No aparelho, para além do piloto, seguiam mais três passageiros. O acidente obrigou ao encerramento daquele aeródromo durante cerca de duas horas.

Luso-americanos: um quadro

JOSEPH CERQUONE

Aproximadamente um milhão dos indivíduos residentes nos EUA é «luso-americano», ou seja, de ascendência portuguesa.

Essencialmente descendentes de imigrados dos Açores, os luso-americanos constituem uma comunidade relativamente pequena, mas diversificada. Por exemplo, desde que, em finais do século XVIII, começaram a chegar ao Novo Mundo, os portugueses fundaram comunidades importantes, distintas e reservadas. Nova Inglaterra é o coração da vida luso-americana da costa Leste dos Estados Unidos; a Ocidente a Califórnia é o centro.

Registaram-se duas grandes vagas de imigração de Portugal, tendo a segunda acontecido após um hiato de 40 anos. Esta brecha teve as suas consequências, entre as quais uma certa cisão ainda hoje perceptível no quadro da comunidade luso-americana.

«A experiência dos que chegaram mais recentemente é tão diversa da dos descendentes dos primeiros imigrantes portugueses que existem actualmente dois grupos de luso-americanos...», escreve Francis M. Rogers na *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, de 1980.

Segundo ele, o distrito de Ponta Delgada, nos Açores, foi o que, nesses anos, forneceu o maior número de imigrantes aos EUA.

De acordo com os registos existentes, a chegada dos primeiros portugueses aos EUA deu-se em 1820, na Nova Inglaterra. Presumivelmente formada por açorianos que abandonaram a pátria para fugir ao serviço militar e trabalhar nos baleeiros norte-americanos, esta primeira fornada de luso-americanos, em breve se repetiria. Dadas as crescentes dificuldades económicas dos Açores e o incremento da navegação entre Boston e Portugal insular, os imigrantes começaram a afluir em número considerável. Tempos depois alguns deixaram a pesca da baleia e instalaram-se em cidades costeiras do Massachusetts e Nova Iorque.

Mas, nos seus primeiros anos, a imigração portuguesa não só se foi gradualmente alargando como aumentando. Açorianos e, em menor escala, imigrantes da antiga colónia portuguesa de Cabo Verde aportaram à Califórnia e ao Havai a bordo de baleeiros, por meados e finais do século XIX. A corrida ao ouro da Califórnia, em 1849, parece ter sido um autêntico ímã para estes imigrantes, se bem que se acredite que outros factores os tenham igualmente estimulado.

Aproximadamente em partes iguais de homens e mulheres, os portugueses nascidos no estrangeiro são, em média, relativamente jovens. Por exemplo, mais de um décimo da população tem menos de 15 anos e apenas cerca de 15 por cento tem 65 anos ou mais. O Massachussets é, de longe, o estado que mais atrai os portugueses nascidos no estrangeiro – são cerca de 75 000, seguindo-se a Califórnia, com 41 000, Nova Jérsia, com 28 500, e Nova Iorque, com 14 000.

É evidente que os luso-americanos são parte do tecido humano dos Estados Unidos. Menos evidente será, no entanto, a sua situação — estarão, por exemplo, a aprender inglês, ou a adaptar-se bem à sociedade norte-americana?

«Apenas uma percentagem mínima está desempregada», afirma Francisco Mendonça, primeiro secretário da *Portuguese Continental Union*, uma associação de amizade de Boston. Na sua opinião, os portugueses daquela área têm empregos porque têm antecedentes rurais e «estão habituados ao trabalho duro». Afirma apesar disso, que esses empregos são normalmente de baixa remuneração; consequentemente, muitos imigrantes têm dois empregos, chegando frenquentemente a pôr de lado outras actividades como a aprendizagem do inglês.

Não obstante as afirmações de Francisco Mendonça alguns estudiosos portugueses sustentam que os imigrantes chegam normalmente mal preparados para o mercado de trabalho nos EUA, particularmente na zona industrializada do Leste do país. «Na Nova Inglaterra os portugueses são atraídos para «empregos-ratoeira»... para as fábricas de algodão e coisas do género; era pouca ou nula a possibilidade de promoção...», acrescenta Pap. «Na Califórnia, eram atraídos para a agricultura ou empresas de pesca de atum — profissões com diversos graus de categoria — podia-se, à custa de aforro e aplicação, progredir economicamente...»

As mais recentes estatísticas sobre o estado económico dos luso-americanos encontram-se publicadas no relatório de 1980 dos serviços de Recenseamento sobre os nascidos no estrangeiro. Segundo esses serviços, o rendimento médio familiar dos portugueses nascidos no estrangeiro e residentes nos EUA é de 17 345 dólares. Este montante não só é ligeiramente superior ao apontado para a população nascida no estrangeiro no seu conjunto — 14 599 dólares — mas também um tudo nada maior do que o valor para os americanos de origem, ou seja 17 010 dólares.

No seu livro «Luso-Americanos», o académico Leo Pap escreve, entre outras coisas, que «em 1885, tanto o trabalho nas minas como na pesca à baleia estavam praticamente extintos» na Califórnia. Segundo ele, a agricultura e, até certo ponto, a pesca constituíram, de facto, as grandes atracções para os portugueses que se dirigiam para Oeste. Entre outros aspectos, acrescenta Pap, «a agricultura oferecia uma maior estabilidade do que o trabalho em fábricas» na costa Leste e, assim, menos portugueses da Califórnia regressaram a casa do que os que se fixaram na Nova Inglaterra.

Entretanto, mais exactamente em 1870, o Havai viu chegar os primeiros portugueses, a maioria deles simples assalariados madeirenses trazidos para trabalhar nas plantações da cana-do-açúcar da ilha. Mas, com o decorrer do tempo, foi-se desvanecendo a admiração dos portugueses pelo Havai ao verem-se gradualmente substituídos nas plantações pela mão-de-obra asiática, que era mais barata. Na realidade, essa ocorrência não foi necessariamente perniciosa. Segundo Rogers, os portugueses que vieram para o Havai tinham uma «boa preparação», e aspiravam a empregos de escritório que, na época, simplesmente não existiam. Com efeito, muitos abandonaram as ilhas e foram para a Califórnia.

Em inícios do século XX, 3000 futuros luso-americanos chegavam anualmente aos EUA e, em breve, esse número foi substancialmente aumentado. Entre 1900 e 1910, por exemplo, entraram nos Estados Unidos cerca de 70 000 portugueses, isto é, mais do que o valor global de todos os anos precedentes. Essa vaga não baixou tão depressa. De 1910 a 1920 registou-se uma entrada de aproximadamente 90 000 portugueses, o que significa o máximo alcançado numa década da história da imigração portuguesa para os EUA. Em 1921 — o ano por excelência de entrada de portugueses — ligeiramente mais de 19 000 futuros luso-americanos estabeleceram-se nos Estados Unidos. Durante um longo período esta seria, porém, a última vaga. Nos anos 20, os EUA adoptaram um sistema de «numerus clausus» para controlo dos níveis de imigração, tendo esse procedimento atenuado o fluxo geral de entradas.

Apesar de tudo, alguns portugueses conseguiram entrar nos Estados Unidos entre 1922 e 1958, o chamado «período baixo» da emigração portuguesa. Os açorianos continuavam a predominar entre aqueles que chegavam, se bem que entre eles figurassem igualmente cabo-verdianos de origem portuguesa. Em 1930, eram cerca de 9000, os cabo-verdianos instalados em Nova Inglaterra. Foi também por essa altura que começaram a chegar aos EUA os portugueses do continente, particularmente do Norte do país.

As variações do fluxo de imigração fizeram-se sentir também nas transformações registadas entre as comunidades luso-americanas estabelecidas. Os portugueses fixados no Leste começaram a deslocar-se de Nova Inglaterra para a área metropolitana de Nova Iorque/Nova Jérsia em número cada vez maior, ao passo que as populações portuguesas da Califórnia e do Havai se estabilizaram e, em opinião de Pap, começaram a perder a sua etnicidade.

A tragédia iria perturbar o estado de hibernação da imigração portuguesa. Concretamente as erupções vulcânicas registadas nos Açores em finais da década de 50, dariam origem a uma legislação especial nos EUA com vista à admissão de refugiados açorianos. Pouco depois seria abolido o sistema de «numerus clausus» para os imigrantes e o resultado, afirma Rogers, «foi o aumento brusco da imigração de países europeus... incluindo Portugal». Com efeito, a imigração portuguesa não só cresceu, mas deu origem a uma das principais colónias europeias formadas nas décadas de 60 e 70 nos EUA.

As estatísticas mais recentes sobre os portugueses nos EUA estão incorporadas no recenseamento de 1980. Nestes valores foi, pela primeira vez, considerado o factor ascendência e, na medida em que os totais de ascendência se baseiam na auto-identificação, os serviços de recenseamento realçam que esses valores estão sujeitos a falsas interpretações ou incoerências.

Em termos de representatividade numérica e de acordo com o dito recenseamento, os cerca de um milhão de indivíduos que se dizem descendentes de portugueses ocupam a 16.ª posição entre os grupos de ascendência europeia. Desse número, a grande maioria preferiu não se

EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA OS E.U.A. 1820-1981

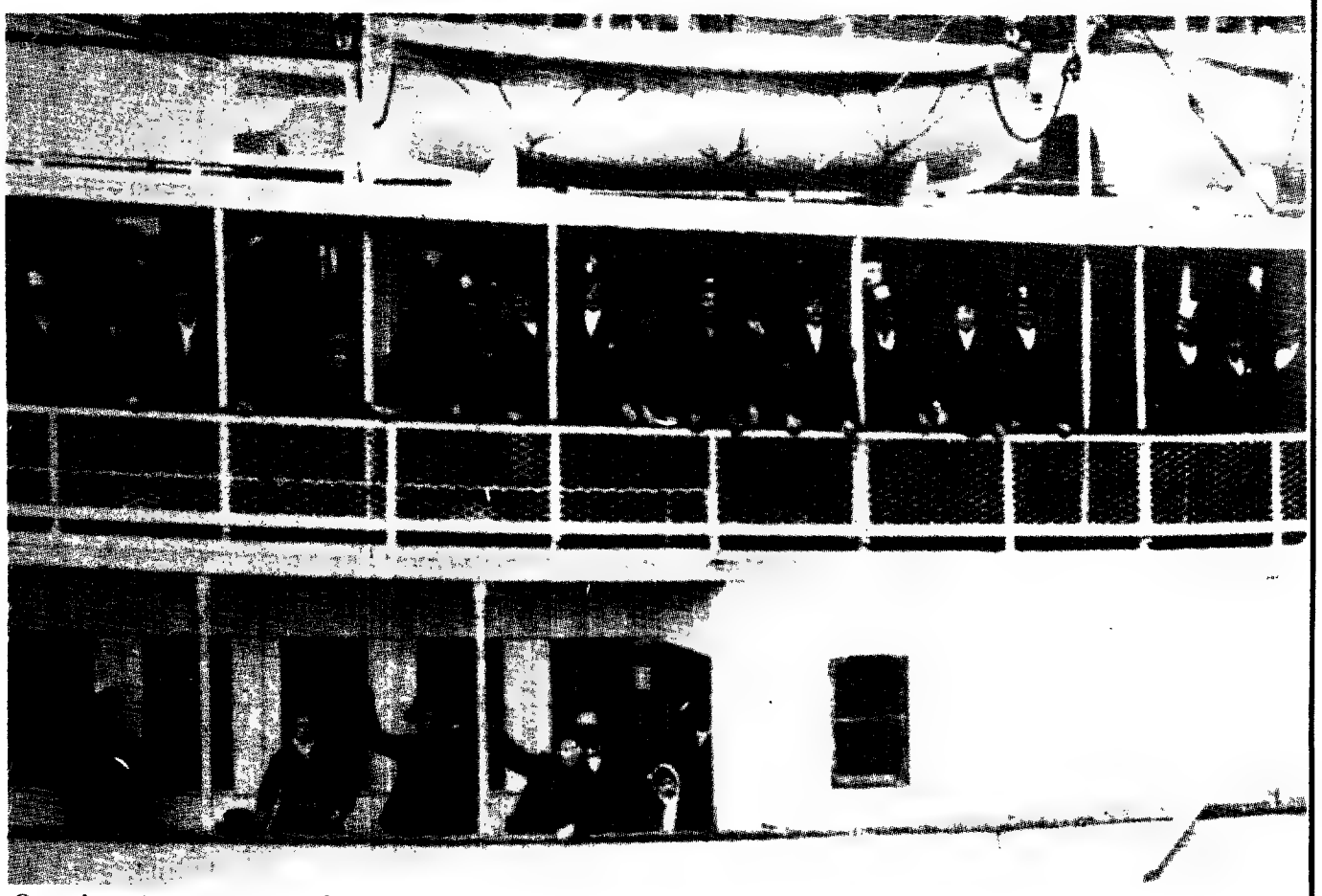
ANO/S	No.	ANO/S	No.
182O	35	1901-1910	69 149
1821-1830	145	1910-1920	89 732
1831-1840	829	1921-1930	29 994
1841-1850	550	1931-1940	3 329
1851-1860	1 055	1941-1950	7 423
1861-1870	2 658	1951-1960	19 588
1871-1880	14 082	1961-1970	76 065
1881-1890	16 978	1971-1975	52 016
1891-1900	27 508	1976-1980	49 694

ANO/S	No.
1977	9 977
1978	10 517
1979	7 068
1980	8 403
1981	7 049
TOTAL (1820-1981)	467 879

(ESTIMATIVA MAIS RECENTE)

FONTE: SERVIÇOS DE IMIGRAÇÃO E NATURALIZAÇÃO DOS E.U.A.

geral



Os emigrantes portugueses chegaram aos EUA em busca de uma melhor situação económica.

- "os imigrantes portugueses foram rapidamente assimilados e adoptaram os EUA como a sua pátria".
- o milhão de indivíduos que se afirma descendentes de portugueses ocupam a 16.ª posição entre os grupos de ascendência europeia.
- "a agricultura e a pesca constituíram as grandes atracções para os portugueses que se dirigiam para a costa do Pacífico."
- registos indicam que a chegada dos primeiros portugueses aos EUA se deu em 1820, em Nova Inglaterra.

classificar como açoriana ou madeirense, mas simplesmente na categoria geral de portugueses. De mencionar ainda que uma pequena maioria de descendentes está registada como portuguesa por ascendência.

No que se refere à distribuição, metade dos descendentes de portugueses vive no Norte dos EUA, enquanto uns 41 por cento ficou no Oeste. Porém, no caso específico dos Estados com população portuguesa a Califórnia está à frente com 321 000 indivíduos, seguindo-se o Massachusetts, com 270 000, e Rhode Island, com 90 000. Outros Estados igualmente populosos são o Havai, Nova Jersia, Nova Iorque, Connecticut e Pensilvânia.

Ainda com base no recenseamento, o número mais significativo sobre imigração de Portugal para os Estados Unidos talvez seja o dos portugueses «nascidos no estrangeiro», um subgrupo de população com ascendência estrangeira.

Nos EUA, os portugueses nascidos no estrangeiro totalizam cerca de 212 000 pessoas. Desse total aproximadamente 22 por cento emigrou entre 1975 e 1980 — a percentagem mais elevada entre os países europeus — e cerca de 80 por cento chegou depois de 1959, o que traduz igualmente um dos índices mais elevados.

Numa análise da imigração portuguesa entre 1952 e 1975, Rogers concluiu que mais de metade provinha de Portugal insular, especialmente dos Açores.

Os Serviços de Recenseamento indicam ainda que é muito provável que os luso-americanos estejam a ganhar dinheiro como operários não especializados. Com efeito, os mesmos serviços descobriram que apenas 2,3 por cento de portugueses nascidos no estrangeiro, com idade igual ou superior a 16 anos, estão a desempenhar funções «com especialidade profissional». Falando em termos gerais, pouco mais de 12 por cento do total de empregados nascidos no estrangeiro assim como americanos de origem é profissional.

A localização das comunidades luso-americanas tem ditado, de um modo significativo, os tipos de trabalho a que os imigrantes portugueses se dedicam. Desde o fim da II Guerra Mundial, por exemplo, diz-se que os portugueses no Havai se têm vindo a dedicar principalmente a ocupações urbanas, embora alguns tenham continuado a trabalhar em plantações de açúcar ou explorações agrícolas. Por outro lado, a agricultura tem sido a ocupação-chave dos portugueses na Califórnia.

A obra «Os Luso-Americanos» aponta que estes possuíam ou geriam metade das 2000 explorações de lacticínios no vale de San Joaquin, na Califórnia, e «pelo menos um terço» de todas as explorações do género no Estado. No entanto, a segunda geração de portugueses também se empregou em fábricas e no comércio, era negociante ou ocupava postos no governo. Na Califórnia do Sul, em particular em redor de San Diego, os luso-americanos eram considerados fundamentais à indústria da área.

De igual modo, na América do pós-guerra, as áreas laborais dos portugueses residentes na metade oriental dos EUA eram variadas. A indústria diversificada na Nova Inglaterra — manufactura de vestuário, electrónica, produção de artigos de borracha e manufactura de produtos para a construção civil — proporcionava trabalho para muitos.

Embora, segundo alguns observadores, as mulheres pareçam ter tido mais facilidade em encontrar trabalho devido à grande procura da sua experiência como modistas, as estatísticas dos Serviços de Recenseamento sobre portugueses nascidos nos EUA mostram uma maior percentagem de homens empregados (78 por cento) do que de mulheres (60 por cento). A percentagem dos indivíduos do sexo masculino é maior do que a dos homens nascidos no estrangeiro em geral: no entanto, no todo, as mulheres portuguesas também ultrapassam as de outras étnias.

Na área metropolitana de Nova Iorque a indústria tem atraído os portugueses, em particular os recém-chegados.

Embora se possa afirmar que os luso-americanos encontram emprego com relativa facilidade o mesmo não acontece quanto aos seus esforços em prosseguirem a sua educação. O académico Manuel Cardoso, da Universidade Católica de Washington, por exemplo, sugere que os portugueses, tal como muitos outros imigrantes, têm demonstrado uma atitude «anti-intelectualista» concentrando os seus esforços nos EUA em serem bem sucedidos do ponto de vista financeiro.

De facto a análise do Serviço de Recenseamento norte-americano mostra uma certa indiferença quanto à educação. Os serviços indicam que apenas 3,3 por cento dos portugueses nascidos nos EUA completam os estudos superiores. Além disso, o quadro geral não é muito mais animador no que se refere a outros níveis educacionais. O recenseamento indica que apenas 22,3 por cento de todos os luso-americanos com 25 anos de idade ou mais completaram o liceu.

Surpreendentemente, e ao contrário do que acontece com outros grupos de imigrantes católicos, os portugueses não impulsionaram as suas tentativas educacionais nos EUA através do estabelecimento do seu próprio sistema escolar católico. Segundo Rogers, os portugueses fundaram «relativamente menos» escolas paroquiais em comparação com outros grupos, e, ainda de acordo com Rogers, a primeira paróquia de São João Baptista, em Nova Bedford (1869) apenas abriu a sua escola depois da II Guerra Mundial.

Ironicamente, os portugueses fundaram a sua primeira escola mais de um século depois do programa de estudos portugueses ter começado a fazer parte do currículo das faculdades e universidades norte-americanas.

No capítulo da educação, a questão da adaptação do luso-americano à língua inglesa é digno de referência. Os investigadores do Centro de Recenseamento afirmam que ainda não existem estatísticas definitivas nesse campo.

O que se sabe, no entanto, não parece muito encorajador. Por exemplo, uma importante análise dos Serviços nesse capítulo indica que mais de 94 por cento dos indivíduos com cinco anos de idade ou mais falam outra língua.

Qual o significado exacto desta estatística? Dorothy Waggoner, uma investigadora de Washington, não chegou a uma conclusão definitiva mas aconselha a que se não façam juízos precipitados.

«Falar português não significa necessariamente inexistência de bons conhecimentos de inglês», diz Waggoner, e nota que se os portugueses enfrentam barreiras linguísticas isso poderá apenas significar que muitos luso-americanos estão no país há pouco tempo. Os imigrantes recém-chegados, afirma ela, têm, regra geral, «uma menor fluência em inglês» do que os indivíduos que se fixaram no país há mais tempo. Além disso Waggoner realça que as respostas dadas aos Serviços de Recenseamento são baseadas em avaliações pessoais e, assim, «poderão não ser totalmente exactas».

Em conclusão, e após analisar os dados dos Serviços de Recenseamento, Waggoner considera os portugueses «como não tendo tantas dificuldades como outros grupos». No que respeita ao inglês, aparentemente têm necessidade de programas que levem em consideração as suas características particulares».

No entanto, segundo Mendonça, do *Continental Portuguese Union*, os portugueses, em particular os recém-chegados mais idosos, enfrentam dificuldades linguísticas. «Os jovens não têm problemas», observa, explicando que «algumas, poucas» organizações portuguesas têm vindo a dar mais atenção ao ensino do português aos luso-americanos nascidos nos EUA.

Apesar da questão das capacidades linguísticas dos luso-americanos, considera-se que eles se adaptaram bastante bem aos Estados Unidos da América. «No todo... os imigrantes portugueses foram rapidamente assimilados e adoptaram os Estados Unidos como sua pátria», afirma Rogers. Isso apesar das diferenças entre os descendentes dos primeiros luso-americanos e os imigrantes mais recentes, assim como entre várias comunidades portuguesas nos EUA. Na opinião de Cardoso as «duas grandes» comunidades luso-americanas no Massachusetts e na Califórnia estão separadas pela «distância, clima e ocupação», e não estão tão ligadas como quando os laços familiares entre eles fomentavam uma maior comunicação.

Todavia, se o isolamento existe, poderá ter origem em algo mais do que laços familiares menos estreitos. Os observadores notam que os luso-americanos geralmente oriundos de cidades costeiras remotas, são caracteristicamente auto-suficientes; desta forma, continuam, não existem muitos «pequenos Portugais» nas cidades norte-americanas, mas há pelo contrário, inúmeros bairros portugueses.

Nestes bairros, e em particular no Leste, parece que a estrutura tradicional da família portuguesa tem sido mantida. As crianças, por exemplo, são encorajadas a contribuir para o bem-estar familiar desde muito novas, através do trabalho e da permanência em casa. Embora se possam considerar tais atitudes como de certa forma benéficas — um desses benefícios é o dos «jovens ampararem os mais idosos» — poder-se-á igualmente especular se elas não limitarão as oportunidades de emprego e de uma melhor educação para os mais jovens luso-americanos.

Já na Califórnia tal não parece acontecer. Cardoso, ele próprio um californiano, nota que os casamentos mistos entre grupos étnicos são comuns entre os luso-americanos do Estado, e acrescenta que o interesse pelo idioma português está a desaparecer nessa área entre os descendentes das primeira gerações de imigrantes.

Mesmo assim, ele realça que o costume de mudar de nome para se «americanizar» já não é notório, e que, na generalidade, os luso-americanos da Califórnia têm muito orgulho na sua origem portuguesa.

Aparentemente, no entanto, o orgulho é discreto. Baseando-se na opinião de muitos, Cardoso observa que, no todo, os luso-americanos são circunspectos e metidos consigo e não se envolvem em questões como o sitema político norte-americano (de acordo com os dados do Recenseamento apenas 38 por cento dos portugueses nascidos no estrangeiro se naturalizaram cidadãos norte-americanos, em comparação com os 68 por cento de estrangeiros oriundos da Europa do Sul e os 51 por cento da totalidade dos estrangeiros).

Na realidade, pode ser que os luso-americanos tenham sido demasiado discretos. O académico Cardoso, por exemplo, expressa a sua frustração pelo que, diz ele, é prática comum na América, em confundir os portugueses com os «hispânicos». Para sublinhar a sua observação afirma que a Biblioteca do Congresso, o local de eleição para os legisladores norte-americanos, classifica a sua informação sobre os portugueses no departamento «Hispânico».

«Façam o que quiserem», aconselha Cardoso, em relação à classificação errónea, «mas não nos misturem com os «hispânicos». ■

"Pacote laboral" é um projecto "europeu equilibrado"

— considera Amândio de Azevedo

O texto de um projecto lei do chamado «Pacote Laboral» sofreu alterações após a discussão pública — disse uma fonte próxima do ministro do Trabalho.

Entre as alterações introduzidas, uma delas respeita à obrigatoriedade de reintegração do trabalhador se o tribunal declarar a nulidade do despedimento.

O mesmo informador disse que Amândio de Azevedo «sempre esteve apostado no diálogo, continuando logicamente a manter essa posição, mas no âmbito de uma discussão serena».

Sobre as críticas que têm sido formuladas ao «Pacote Laboral», o informador garantiu que o ministro do Trabalho não está interessado em alimentar polémicas, respondendo a afirmações feitas em contextos específicos».

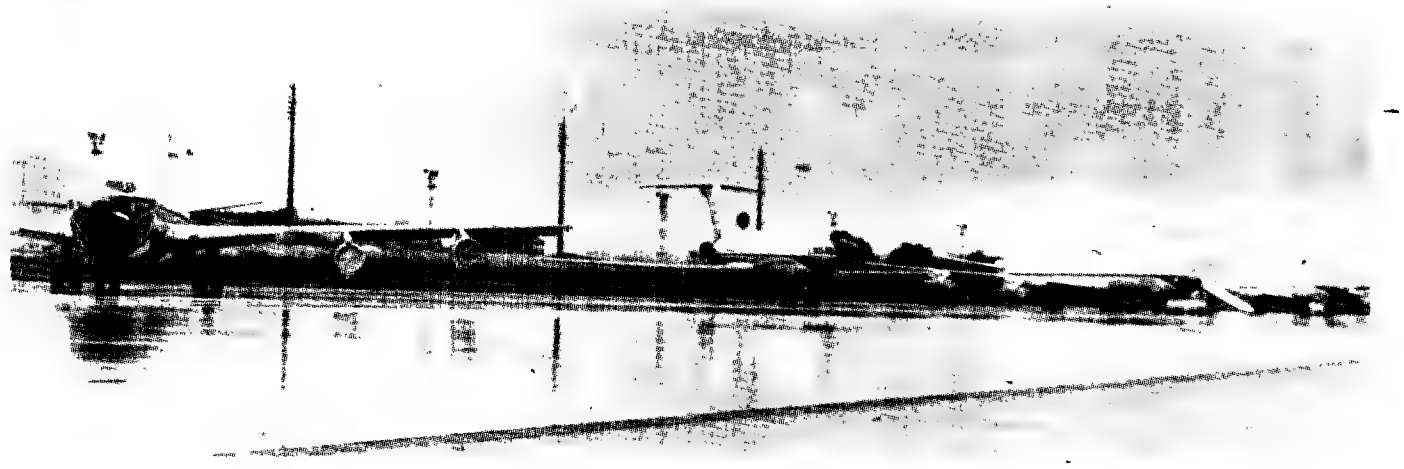
No entanto — continuou o mesmo informador —, o ministro do Trabalho «continua a pensar que se está perante um projecto europeu equilibrado, apesar de receber críticas por parte dos sindicatos e das confederações patronais».

Equimetal reduz postos de trabalho

A administração da Equimetal eliminou a semana passada 300 postos de trabalho da empresa — afirmou a comissão de trabalhadores. Em Janeiro de 1984, a empresa empregava 1200 trabalhadores e «no espaço de um ano foram já suprimidos 500 postos de trabalho», o que representa 41 por cento dos efectivos da empresa. A CT refere em comunicado que «os trabalhadores estão com um mês de atraso no pagamento dos seus salários» e que a administração recusa-se a negociar o caderno reivindicativo «invocando as graves dificuldades que a empresa atravessa». Os trabalhadores da Equimetal propõem-se analisar a situação existente e decidir quais as acções a encetar em defesa dos postos de trabalho, pela negociação do caderno reivindicativo e pelo pagamento dos salários em atraso.

EPAC "já começou a ser desmantelada"

O arrendamento de vários imóveis e utensílios pertencentes à EPAC compõem «o pacote do primeiro espólio oferecido pelo Governo ao sector privado, na concretização do anunciado processo de desmantelamento da EPAC» – considera a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços. Para a organização sindical, o desmantelamento da EPAC «já começou» (mesmo antes de ser decidido e aprovado) através da «distribuição gratuita ao patronato, de valores patrimoniais que são públicos». A Federação diz que as primeiras entidades privadas a serem contempladas pelo Governo, com partes do património da EPAC, são as Associações dos Industriais de Panificação do Norte e do Centro, a Regional dos Industriais de Panificação do Baixo Alentejo e Algarve e a do Alto Alentejo.



Greve na TAP afecta, só hoje, cerca de cinco mil passageiros

Esta manhã

TAP cancelou maioria dos voos devido à greve dos mecânicos

A greve dos técnicos de manutenção da transportadora aérea nacional — TAP, iniciada às oito horas de hoje, está a afectar, parcialmente, o tráfego aéreo da companhia — informou uma fonte do Aeroporto da Portela.

Cerca das 9 e 30 estavam canceladas 10 partidas de aviões da TAP e também 10 chegadas, mantendo-se operacionais algumas carreiras.

A primeira partida cancelada diz respeito ao avião que devia partir para Madrid às 9 e 30, não tendo também levantado voo as carreiras para Londres e Zurique, respectivamente, às 10 e 14 e 10 e 50.

Quanto às chegadas ao Aeroporto da Portela foram canceladas os voos provenientes do Funchal que deveriam chegar a Lisboa às 12 horas e 12 e 45, bem como o avião proveniente de Paris que deveria aterrar em Lisboa às 14 e 05.

Segundo a mesma fonte, as companhias transportadoras aéreas estrangeiras com escala em Lisboa estão por enquanto a operar normalmente.

A greve pretende lutar contra a decisão do Governo e da administração da TAP de eliminar a categoria de topo dos técnicos de manutenção e também reclamar o início imediato da concicliação para a conclusão da carreira profissional dos técnicos de manutenção da TAP.

O director de relações públicas da TAP, Mário Félix, acrescentou que a greve além de paralisar o movimento de passageiros tem consequências negativas ao nível da distribuição de correio, transporte de carga, prestação de assistência técnica a companhias estrangeiras e manutenção de aeronaves.

Mário Félix precisou que a greve acabará por imobilizar todos os aparelhos da TAP.

«É provável que também possa vir a afectar os voos de companhias estrangeiras, embora estas possam trazer mecânicos que permitam fazer a escala técnica», acrescentou.

Mário Félix disse que só hoje cerca de cinco mil passageiros serão prejudicados pela paralisação dos aeroportos portugueses.

A greve, segundo um dirigente do SITEMA, afecta também o programa FEC (reparação de 35 aviões da companhia aérea norte-americana Federal Express Corporation).

Com vista à resolução do conflito, realizou-se na sexta-feira passada uma reunião no Ministério do Trabalho com a presença da direcção do SITEMA, dos secretários de Estado dos Transportes e do Trabalho e do presidente do Conselho de Gerência da TAP.

Na reunião, explica a mesma fonte, foi apresentada pelo secretário de Estado do Trabalho, uma proposta «susceptível de aceitação» por parte do SITEMA, mas foi retirada «por pressão do presidente do Conselho de Gerência da TAP».

«Não foi possível evoluir no sentido da resolução do conflito porquento o secretário de Estado dos Transportes — entidade que determinou a arbitragem — disse que ainda não tinha conhecimento da decisão arbitral, apesar de já terem decorrido mais de 20 dias sobre o termo da mesma», referiu o dirigente sindical.

Entretanto, no domingo, efectuou-se nova reunião entre o SITEMA e o Conselho de Gerência da TAP, mas a intransigência das partes impediu que se avançasse na solução do conflito.

Esta reunião, segundo o dirigente sindical, o presidente do Conselho de Gerência da TAP disse que o Governo se prepara para aplicar à empresa, sob a forma de regime sucedâneo, todos os instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho acordados em negociação directa ou impostos por via arbitral.

A reclamação do SITEMA, que visa a manutenção de uma categoria profissional em que estão actualmente integrados 386 trabalhadores, importaria para a TAP num encargo mensal de quatro mil contos, disse a mesma fonte, que acrescentou que a empresa factura anualmente mais de 80 milhões de contos.

Indústria naval decide jornada de luta

As estruturas sindicais da indústria naval, reunidas em plenário, decidiram convocar uma jornada de luta para o próximo dia 16, a fim de exigirem a aplicação de medidas propostas pelos trabalhadores, nomeadamente a definição de uma política de desenvolvimento e a criação de um centro de coordenação do sector.

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal considera em comunicado que a actual situação que se vive na indústria naval «é o resultado dos governos de direita, muito especialmente os de Mário Soares, ao terem desenvolvido uma política desenfreada de destruição do sector nacionalizado e participado».

O plenário decidiu ainda «reafirmar que há soluções para o sector, desde que se adoptem medidas, no interesse nacional, de aproveitamento das capacidades existentes e de desenvolvimento do sector da Marinha Mercante e da Pesca»; e prosseguir «e intensificar a luta pela defesa dos seus interesses, por melhores condições de vida e de trabalho, pelo pagamento dos salários e pela defesa dos postos de trabalho».

Os participantes no plenário exigiram também «a demissão do Governo e o estabelecimento de uma nova política», por considerarem que as soluções propostas não terão aplicação com «este Governo e esta política».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	76$30	82$30
ALEMANHA FED (marco)	55$05	56$15
ÁUSTRIA (xelim)	7$75	7$95
BÉLGICA (franco)	2$577	2$777
BRASIL (Cruzeiro)	$015	$025
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$80	129$80
(notas de 5 a 1000)	128$30	130$30
DINAMARCA (coroa)	15$30	15$70
ESPANHA (peseta)	$935	1$055
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	178$50	180$50
(notas de 5 a 1000)	179$00	181$00
FINLÂNDIA (marka)	26$60	27$20
FRANÇA (franco)	18$05	18$75
HOLANDA (florim)	48$75	49$75
IRLANDA (libra)	173$00	177$00
ITÁLIA (lira)	$079	$089
JAPÃO (iene)	$669	$704
NORUEGA (coroa)	19$20	19$70
REINO UNIDO (libra)	213$45	217$45
SUÉCIA (coroa)	19$15	19$75
SUÍÇA (franco)	65$50	66$60
VENEZUELA (bolívar)	10$70	11$70

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Com grande oposição popular

Reagan chega esta tarde a Espanha

O presidente dos EUA, Ronald Reagan, e a sua mulher, Nancy, chegam esta tarde a Madrid, para uma visita oficial de 40 horas a Espanha. Há uma semana que se sucedem por todo o território de Espanha manifestações contra a visita de Reagan e contra a permanência da Espanha na NATO, enquanto uma sondagem do jornal «El País» revela que 64 por cento dos espanhóis alimentam sentimentos anti-EUA.

Por sua vez, o governo tem feito várias declarações críticas sobre as relações Madrid--Washington.

No entanto, ontem o director-geral para os Assuntos da América do Norte, Maximo Cajal, declarou em Madrid que a visita de Reagan é considerada positiva pelo governo de Gonzalez.

As vésperas da visita coincidem com declarações e posições polémicas por parte de membros dos dois governos sobre questões em que existem divergências, como a presença de tropas norte-americanas em Espanha, o acordo bilateral e a decisão do governo de Washington de embargo económico e comercial à Nicarágua.

Em declarações à Rádio Nacional de Espanha, Maximo Cajal afirmou que a Espanha é «um aliado sólido, fiel e coerente dos Estados Unidos».

Apesar disso, o governo espanhol tem reafirmado as suas posições em questões de interesse comum que serão ratificadas por Felipe Gonzalez nas suas conversações com Ronald Regan, afirmaram meios diplomáticos espanhóis.

Felipe Gonzalez exportou «sem complexos» o que pensa ao presidente dos Estados Unidos, comentaram à ANOP fontes diplomáticas espanholas.

A posição da diplomacia espanhola, ao interpretar as relações entre os dois países, é correspondida pela administração norte-americana, segundo a qual «são boas», de acordo com fontes do departamento de Estado citadas nos últimos dias pela Imprensa.

Mas coincidindo com esta qualificação e com o «pragmatismo» que tem sido a base do diálogo entre o governo socialista espanhol e a administração conservadora norte-americana, as relações entre os dois países apresentam posições divergentes em muitos aspectos da política internacional e em questões bilaterais.

Não existem contenciosos difíceis nas relações entre os dois países, acentuaram nos últimos dias meios diplomáticos espanhóis e norte-americanos que reconhecem essas divergências de posições, sobretudo quanto à situação na América Central.

As dificuldades dos meses passados, quando dois diplomatas norte-americanos foram surpreendidos a fotografar os sistemas de comunicações da sede da presidência do governo espanhol, em Fevereiro, ou quando da divulgação dos planos norte-americanos para a instalação de armas nucleares em território espanhol, em caso de emergência, parecem ultrapassadas.

Quanto às pressões norte--americanas para que a Espanha se submeta a controlos sobre a exportação de tecnologia de duplo uso, já se chegou a um entendimento provisório, enquanto a Espanha se compromete a encontrar uma solução com as garantias exigidas pelos Estados Unidos neste campo.

O tema de permanência da Espanha na NATO não oferece dificuldades neste momento, embora os Estados Unidos preferissem que não se celebrasse o referendo popular, prometido por Felipe Gonzalez para Março de 1986 e que a Espanha se integrasse na estrutura militar. Mas não se esperam pressões nesta matéria.

As divergências entre os governos de Madrid e Washigton, que vão estar patentes nas conversações entre Reagan e Felipe Gonzalez, referem-se concretamente à política norte-americana em relação a América Latina, e sobretudo ao conflito da América Central e as posições em relação à Nicarágua.

O presidente Reagan à sua chegada ao cemitério de Bitburgo, sob o olhar do chanceler Helmut Kohl

(Telefoto UPI/NP/"DL")

RFA

O presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos, diz hoje adeus à Alemanha Federal dirigindo-se à juventude do país para lhe dizer que o comunismo é, em seu entender, a nova ameaça ao mundo ocidental.

No tempo da sua controversa visita de Estado à Alemanha Federal, Reagan deslocou-se ao castelo de Hambach, uma fortaleza do século onze conhecida como «berço da democracia alemã», onde 30 000 alemães fizeram, em 1932, o primeiro apelo à democracia.

O tema do seu discurso a 5000 jovens alemães (proferido pelas 11h35 de Lisboa), foi o de que o futuro é deles, mas que as oportunidades proporcionadas pela juventude exigem liberdade.

Domingo à noite, num derradeiro banquete de Estado, Reagan declarou ao seu anfitrião, o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, que ao trabalharmos juntos como amigos e aliados conseguimos mais do que qualquer visionário teria previsto. A Europa goza de paz há 40 anos. Isto não aconteceu por acaso.

Reagan apelou também à Alemanha Federal para que participe no seu programa guerra das estrelas.

A contestada visita de Reagan ao cemitério militar de Bitburgo, onde estão sepultados soldados nazis, foi considerada magnânima pelo presidente alemão-federal, Richard Von Weizaecker.

A ida a Bitburgo, pela enorme controvérsia gerada, remeteu para um plano quase secundário os outros actos de Reagan na Alemanha Federal — entre eles a participação na cimeira económica.

Ontem Reagan visitou inesperadamente o túmulo de Adenauer e fez as seus projectos das visitas a Bitburgo e ao campo de concentração de Bergen-Belsen.

Centenas de manifestantes concentraram-se em Bergen-Belsen e em Bitburgo para protestar contra a visita de Reagan ao cemitério onde foram sepultado oficiais nazis. Não se registaram, contudo, cenas de violência, apesar do grande aparato policial que rodeou as visitas.

Cimeira

A União Soviética considerou que o presidente norte-americano, Ronald Reagan, não conseguiu qualquer vitória política na cimeira económica de Bona e qualificou de sacrilégio a visita do chefe do Executivo dos EUA ao cemitério de Bitburgo.

Embora Reagan tivesse tentado usar a cimeira para demonstrar a solidariedade atlântica, os Estados Unidos não conseguiram na reunião quaisquer ganhos visíveis — comentou a agência noticiosa oficial TASS.

Segundo a agência, os participantes da cimeira não apoiaram o embargo decretado por Reagan contra a Nicarágua, e o documento final não mencionou a Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE), conhecida como «Guerra das Estrelas».

Mais tumultos na África do Sul

Povoação negra selada por militares e polícias

Polícias e soldados sul--africanos selaram ontem uma localidade de negros na província do Cabo, depois de três pessoas terem morrido vítimas de violência em várias comunidades do país.

Uma força conjunta de soldados e polícias cercou Kwanobuhle, próximo de Uitenhage — referiu o vice-ministro da Defesa, Adriaan Vlok, num comunicado.

Dois negros morreram sábado à noite vítimas dos tumultos em Kwanobuhle. Um foi abatido pela Polícia e outro foi encontrado morto à facada depois de uma multidão ter tentado incendiar casas de três guardas negros — informou o Quartel--General da Polícia em Pretória.

No sábado, registaram-se incidentes violentos em 11 localidades, incluindo uma rara tentativa de negros alvejarem a tiro unidades da Polícia de Intervenção, na província do Cabo. A maior parte das cenas de violência limita-se a ataques com bombas incendiárias e pedras.

Mais de 150 negros morreram este ano vítimas da violência que assola a África do Sul, principalmete na região do Cabo, onde uma alta taxa de desemprego causada por uma recessão nacional exacerbou a luta contra o «apartheid».

Manobras

O secretário-geral interino da Organização de Unidade Africana (OUA), Peter Onu, disse em Luanda que a retirada sul--africana do Sul de Angola poderá integrar-se num «conjunto de manobras» das autoridades de Pretória.

«A anunciada retirada sul--africana (de Angola) não impressiona ninguém e acreditamos que ela faça parte de um conjunto de manobras da África do Sul» — disse Peter Onu.

O secretário-geral interino da OUA declarou a sua oposição à pretensão sul-africana de instalar na Namíbia um governo dito de transição sem a participação da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO), que — acrescentou — é reconhecida internacionalmente como a única representante do povo namibiano.

Bombas e mais bombas

Dezassete bombas abalaram hoje de madrugada a área de Ajaccio, na ilha francesa da Córsega, causando apenas danos materiais — informou a Polícia.

A responsabilidade dos atentados não foi ainda reivindicada, mas as autoridades presumem que tenham sido obra de separatistas corsos, que desde a última década têm desenvolvido uma campanha por vezes violenta a favor da independência da ilha.

Ontem, no Sul de França, uma bomba destruiu a sede local do PCF.

Em Bruxelas explodiu hoje uma bomba, que causou grandes estragos no edifício da administração da Polícia belga.

Uma bomba de pequena potência explodiu ontem de manhã na praia de Cénia, ao Sul da província espanhola de Alicante, sem que tenha causado vítimas humanas ou prejuízos materiais, informou a Polícia.

Esta é a sexta bomba que explodiu durante a ultima semana nas praias da zona de Valência e Alicante, inserindo-se na campanha da organização terrorista ETA Militar contra o turismo.

LUSANOVA-TOURS
FÉRIAS DE SONHO 85
700 VIAGENS
PARA AS SUAS FÉRIAS
DIFERENTES
AUTO-FÉRIAS NO CAMPO
PRAIA TERMAS
MONTANHA ETC
CONSULTE O N/ CATÁLOGO
NO SEU AGENTE
DE VIAGENS

ESPECIAL
FÉRIAS/85
HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO
Sabemos que você precisa mesmo de umas férias tranquilas. 7 dias por 9 450$00 p/pessoa em quarto duplo nos meses de Maio/Junho ou 10 850$00 em Julho/Setembro, é a possibilidade que o Hotel do Parque pensando em si lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no coração do Alto Minho, além de agradáveis surpresas.
(Pequeno sup. para ocupação quarto individual ou com varanda).
Agravamento por quarto durante o mês de Agosto 2800$00. Peça-nos p.f. programa detalhado 'Especial Férias/85' por escrito C.P. 4900, através dos Telefs. 24151/5, Telex 32511 ou no seu habitual agente de viagens.

IVA
A DEC, organiza novo curso pós-laboral sobre o I.V.A., visando:
1. Caracterização do Imposto Sobre o Valor Acrescentado
2. Análise e interpretação do código
3. Análise das implicações contabilísticas ao nível do POC
4. Exercícios
Duração: 15 horas, a iniciar em 15/5
Monitor: Economista
Informações e inscrições: DEC, Tel. 530650
Av. Duque D'Ávila, 69 – 1.° E, 5102 Lx

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Fax-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 15 de Maio de 1985, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados à Sociedade Industrial Camisaria Bastos & Irmão, SARL, com sede na Rua Vila Sena — Lote C — Olivais Sul no proc.º n.º 1960/80, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Um monta-cargas eléctrico da marca Fenwick X 15-2740 BP, série 782415 em bom estado de funcionamento no valor de 200 000$00.

Verba n.º 2 — O direito ao arrendamento e trespasse do edifício sito na R. Vila Sena, Lote D — Olivais Sul a que foi atribuído o valor de 12 000 000$00.

Verba n.º 3 — Duzentas máquinas eléctricas das marcas Juki, Brother e Union Special industriais de costura e corte em bom estado de conservação no valor de 9 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 2 de Maio de 1985

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Liquidador Tributário
(Ilegível)

«DL» 6/5/85 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Fax-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Conribuições e Impostos de Lisboa, no dia 15 de Maio de 1985, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Tragel-Transportes Sousa Araújo Ld.ª com sede na Est.ª de Benfica-682-à R. Particular C, no processo executivo n.º 6474/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do prédio sito na R. Particular C ao qual foi atribuído o valor de 13 000 000$00.

Verba n.º 2 — Um cofre monobloco c/segredo de quatro combinações, da marca Casa Tomás Cardoso, Porto no valor de 20 000$00.

Verba n.º 3 — Uma mesa de reuniões c/tampo em fórmica e pés de metal e forrados na napa preta, no valor de 50 000$00.

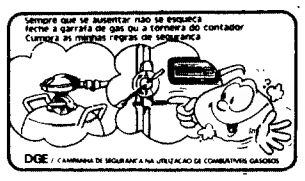
São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 3 de Maio de 1985

O JUIZ DE DIREITO,
(Ilegível)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Ilegível)

"D.L." 6/5/85 — 2.ª Pub.



Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 14 de Maio de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar na estação de Machede.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 20 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 3 500$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Machede

Évora

Reguengos de Monsaraz

Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar na estação de Machede».

Caminhos de Ferro Portugueses

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa
vende-se no CAFÉ ALIANÇA

O embargo de Reagan

Nicarágua apela ao povo e ao Congresso dos EUA

O vice-presidente da Nicarágua, Sergio Ramirez, fez no sábado um apelo emocional ao Congresso e ao povo dos Estados Unidos para interromperemo boicote económico do presidente Ronald Reagan à Nicarágua.

Ramirez disse que o embarco é um ataque directo à independência de todas as nações latino-ameicanas, às quais pediu para colmatarem o lugar até agora ocupado pelos Estados Unidos nas trocas comerciais.

«Apelamos ao Congresso e ao povo dos Estados Unidos para honrarem os princípios democráticos do seu país e pararem a escalada de guerra que o presidente Reagan iniciou contra a Nicarágua», disse Ramirez num discurso transmitido pela Televisão e pela Rádio.

O governo de Manágua chamou para consultas sobre as sanções, o embaixador em Washington, Carlos Tonnermann.

As sanções decididas pelo governo dos EUA porão termo as importaçoes nicarguenses, no valor de 58 milhões de dólares, e impedem os navios e aviões da Nicarágua de entrarem nos EUA.

Acusando os EUA de tentarem destruir «a possibilidade de independência e autodeterminação na América Latina», Ramirez pediu às nações do continente para «apoiarem o nosso país com bens materiais que nos ajudem a enfrentar o embargo do governo norte-americano».

Ramirez falou na qualidade de chefe de Estado em exercício, já que o presidente Daniel Ortega se encontra em digressão por vários países socialistas europeus.

Por sua vez, o presidente Daniel Ortega afirmou na Hungria, no sábado passado, que a Nicarágua estaá disposta a conversações de igual para igual com os EUA.

O presidente da Hungria, Pal Losonczi, e Ortega reafirmaram o seu apoio às iniciativas do Grupo de Contadora.

Finalmente, uma declaração da Frente Sandinista de Libertação Nacional e do governo da Nicarágua considera o boicote dos EUA em relação a Manágua como «uma grosseira violação das mais elementares normas internacionais das leis jurídicas e económicas»e afirma que o «povo nicaraguense não regateará a sua dignidade nem renunciará aos seus princípios», reafirma o Novosti, de Manágua.

Depois de salientar que o bloqueio económico e comercial, decidido por Washington, é uma «vingança cega contra a revolução sandinista» que «visa semear a destruição e eliminar os sonhos dos nicaraguenses por uma vida melhor», o documento afirma que «o governo nicaraguense procurará novos mercados para os artigos de exportação, interditos nos EUA», «continuará a diversificar o comércio externo e considera racionalmente a importação de mercadorias em falta».

Nas Honduras...

Forças dos Estados Unidos deixam as Honduras depois de terem participado nas manobras militares Univeral Trek, que oficiais hondurenhos classificam de «absurdas».

Fontes militares hondurenhas criticaram a pouca participação dos soldados deste país no exercício e sobretudo a utilização de complexas máquinas de guerra «que nunca estarão ao alcance do orçamento das Honduras», frisaram.

O próprio chefe das Forças Armadas das Honduras, general Walter Reyes, queixou-se da fraca produtividade que as manobras rendem a favor dos soldados do seu país.

Em Tegucigalpa, responsáveis pelos Serviços de Administração do Exército manifestaram o seu desalento por terem de comprar armas aos Estados Unidos «a pronto» e discriminadamente, enquanto os aliados da Nicarágua oferecem toneladas delas aos sandinistas.

"Guerra das estrelas" terá devida resposta da URSS

O ministro soviético da Defesa, Serguei Sokolov, disse em entrevista à TASS que «se os EUA militarizarem o Espaço, a URSS será forçada a responder», atendendo a que a atitude norte-americana «minaria o equilíbrio estratégico-militar existente», pelo que a parte soviética «não teria outra alternativa senão a de tomar medidas de resposta para remediar a situação» – escreve a agência Novosti.

«Tais medidas», acrescentou Serguei Sokolov, «poderão assentar tanto nos armamentos defensivos como nos armamentos ofensivos», porque, esclareceu, «a URSS optará pelos meios de acção que melhor correspondam aos interesses da sua capacidade de defesa e não pelos que os EUA desejariam».

O ministro soviético da Defesa sublinhou, entretanto, que o trabalho da URSS no âmbito das pesquisas científicas no Espaço «engloba, naturalmente, o plano militar, mas não é orientado para a criação de armas espaciais, antes se destina ao aperfeiçoamento de sistemas cósmicos de pré-alerta, de reconhecimento, de comunicação, de navegação».

«Nós não criámos armas cósmicas de combate nem de defesa antimísseis», declarou ainda Serguei Sokolov, adiantando que «a União Soviética observa rigorosamente os acordos de 1972».

Sokolov acusou os Estados Unidos de pretenderem, com a sua política de armamento, poder desferir com impunidade um ataque nuclear de surpresa e garantir condições para a chantagem nuclear constante sobre a União Soviética e outros países».

Negando a existência de uma «superioridade nuclear da URSS em armas estratégicas ofensivas ou meios nucleares de médio alcance», o ministro afirmou que o seu país não aspira a «vantagens unilaterais sobre os Estados Unidos e os países da NATO.

Generais argentinos: "nazis e paranóicos"

O jornalista argentino Jacobo Timmerman disse sexta-feira em tribunal que os militares que governaram o país preconizavam a eliminação de todos os que tivessem qualquer relação com uma pessoa considerada subversiva.

Quem quer que fosse ligado a subversivos, pais, filhos, amigos tinha de desaparecer para salvar a pátria do perigo vermelho, disse Timmerman, no depoimento perante o tribunal de Buenos Aires, que está a julgar os ex-comandantes da ditatura militar argentina.

A sessão de sexta-feira foi prenchida designadamente com os depoimentos de Timmerman e outro jornalista, Juan Mazar. Ambos estiveram detidos em centros clandestinos de prisão e tortura, situações que tiveram importantes repercussões internacionais.

Timmerman prestou declarações durante cerca de duas horas.

O jornalista, actual subdirector do matutino Bazon, referiu-se directamente a um dos réus, o general Camps, que disse ser paranóico, demente, nazi e assassino.

Autor do livro, já adaptado para cinema, preso sem nome, cela sem número, em que relata o seu cativeiro durante o regime ditatorial a partir do golpe de estado de 24 de Março de 1976, quando os militartes derrubaram a presidente Isabel Peron, Timmerman referiu que pouco depois do golpe se avistou com os novos governantes.

Timmerman disse que nessa entrevista os militares autores do golpe advogaram que a repressão era inevitável para pôr cobro ao perigo marxista.

Timmerman acrescentou que os chefes militares argentinos não legalizaram a repressão nem efectuaram julgamentos sumários, porque não se atreveram a suportar as pressões internacionais, sobretudo as do Papa.

Vaivém regressa hoje

Os astronautas-cientistas do vaivém «Challenger» devem chegar hoje à TERRA com material suficiente para encher 44 mil livros de 200 páginas cada, depois de uma semana no Espaço.

Concluídas sábado as suas experiências, os tripulantes da nave procederam ontem à arrumação dos resultados e à meia-noite encerraram definitivamente o laboratório europeu Spacelab» para iniciarem a sua viagem de regresso.

A aterragem está prevista para hoje ao meio-dia, (TMG), na pista do lado seco da Base Aérea de Edwards, no deserto de Mojave, Califórnia.

Um saudita

Um sobrinho do rei Fahd da Arábia Saudita fará parte da tripulação de uma missão do vaivém espacial norte-americano que começará em 12 de Junho próximo — anunciou a NASA.

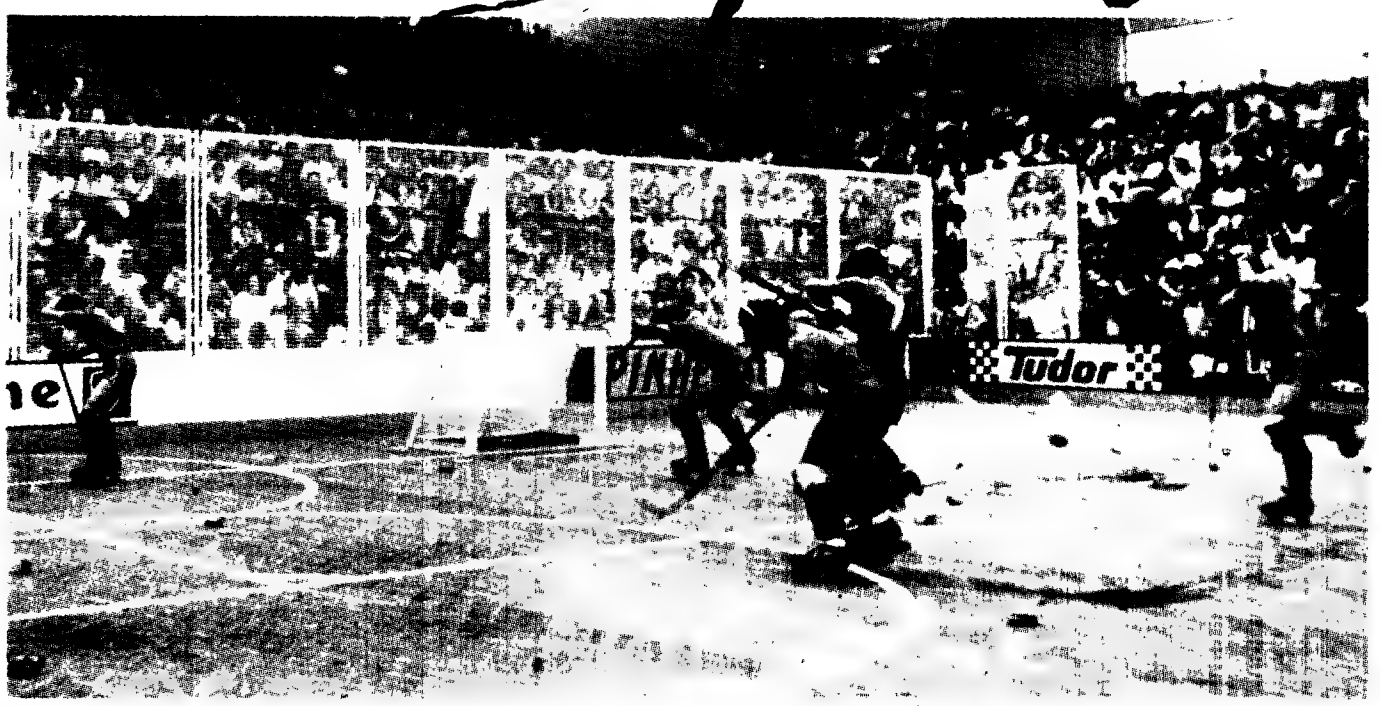
O príncipe Sultan Bin Salman Abde Aziz, de 28 anos, recebeu pedidos dos seus compatriotas para observar o quarto crescente da Lua Nova que assinala o fim do mês de jejum islâmico do Ramadão — informaram cientistas sauditas.

O sobrinho do monarca saudita vai também tirar fotografias e participar numa experiência médica durante a missão de sete dias do vaivém «Discovery» — indicou a NASA.

Foi escolhido como especialista para o «Arabsat», um satélite de comunicações que o vaivém vai lançar para a Arábia Saudita.

O príncipe-astronauta é neto do falecido rei SXAUD. O seu pai, o príncipe Salman Bin Abdel Aziz, é governador de Riade, a capital da Arábia Saudita.

D/Desporto



Perdemos sem dignidade

Neves de Sousa

Eu li: aquele que foi o melhor hóquista mundial antes de ter surgido Marzella, o nosso muito admirado (e premiado) António Livramento, agora seleccionador-treinador da turma portuguesa em «part-time» devido aos seus compromissos com a equipa italiana da Ford Bassano, teve a coragem/ousadia de proclamar (para o «Record»), que o agrupamento português perdera **com dignidade**.

Se isso aconteceu, não acredito. Porque, o espírito saudável dos jogadores foi de tal maneira deturpado pelo (antes) generoso público de Barcelos que todos quantos amam a modalidade sobre quatro rodas ficam fazendo sérias interrogações em relação ao futuro: será que alguma Federação, de qualquer prática desportiva, se lembrará de, nos tempos mais próximos, promover uma prova de alta craveira perante o mesmo público que achincalhou Portugal na noite de sábado?

Quando toda a Península Ibérica constatava que o hóquei espanhol nos dava um **banho** de todo o tamanho, ao mesmo tempo em que a desorganização no bloco hostese era paralela com a cabeça fria e a inteligência no bloco contrário, viveram-se momentos bem difíceis de esquecer, sobretudo para quem estava a um metro do televisor ou do aparelho de Rádio: que nos lembre, nunca tinha acontecido, perante o inevitável, alguém se erguer a tentar erguer daquele modo o estandarte vencido.

Aconteceu em Barcelos. Terra que não merece os (possíveis) moradores que foram ao seu pavilhão provocar e criar a mais vergonhosa imagem do espectador desportivo deste país. Desde garrafas a latas, toda a sorte de possibilidade de agressão voou até ao encontro dos únicos jogadores que tinham merecido, de alta a baixo, conquistar o título europeu: evidentemente que os espanhóis. Foi (até) necessário que os bombeiros e nosso disciplinado e correcto Fernando Pereira desse cobertura à saída de Vila-Puig do recinto, depois de estar sujeito a um bombardeamente que nem seria risível se partissse de crianças e foi perfeitamente mais condenável quando a TV fixou o rosto de cidadãos maiores e várias vezes vacinados gravada para a posteridade. Para eterna vergonha e desconsolo.

A partir de agora, quem tiver voto na questão, interdita Barcelos para qualquer festa desportiva. Poderá localidade não ter a menor culpa na súbita invasão, nos desatropelos emergentes de uma maré para que não estava preparada. Mas, desculpem, nesta história, como no atentado ao Marquês de Pombal, até pode pagar o justo pelo pecador. E, enquanto a Portugal inteiro, a toda a Espanha, lembrar e que vimos pela TV, ninguém ousará fazer qualquer despique despotivo na bela Barcelos. A menos que seja louco eu tenha a cabeça segura por muitos milhares de contos.

Marítimo: futebol graúdo volta a jogar-se no Funchal

O Marítimo garantiu o regresso à divisão maior do futebol português ao vencer o Nacional (por 2-1) em jogo da 26.ª jornada do torneio da 2.ª divisão (Zona Sul). A equipa do Funchal, que volta ao 1.º escalão depois de dois anos de ausência, beneficiou do empate que o União da Madeira registou perante o Cova da Piedade (2-2) e assegurou a sua 6.ª presença junto dos grandes do nosso futebol.

Nas zonas Norte e Centro, Chaves (36) e Sporting da Covilhã (36) conseguiram afatar-se dos seus mais directos adversários, respectivamente, Aves e Paços de Ferreira (34) e «O Elvas» e União de Leiria (35). O Chaves não perdeu a oportunidade de se distanciar dos seus mais competidores mais firmes e, assim, recebeu e venceu (por 1-0) o seu anterior parceiro na tabela classificativa (o Aves, clube que, por sua vez, se viu igualado no 2.º posto pelo Paços de Ferreira, que foi empatar (2-2) com o Valonguense.

Na Zona Centro, os «leões» da Covilhã ficaram com um ponto de avanço do par «O Elvas»/União de Leiria, ao vencerem o Peniché (2-0).

«O Elvas», que até à jornada de ontem ocupava o 1.º lugar, de parceria com o Covilhã, não conseguiu melhor do que um empate na deslocação a Águeda, enquanto o União de Leiria foi vencer em casa do seu vizinho Alcobaça.

Resultados da 26.ª jornada do «Nacional» da 2.ª divisão na **ZONA NORTE:** Lixa-Famalicão, 2-1; Fafe-Lourosa, 3-1; Valonguense-Sanjoanense, 2-2; Espinho-P. Ferreira, 2-2; Chaves-Aves, 1-0; Feirense-Leixões, 3-0; Tirsense-Felgueiras, 2-0; e Gil Vicente-Marco, 2-0. Classificação: **1.º Chaves,** 36 pontos; 2.ºs Aves e P. Ferreira, 34; 4.º Leixões, 33; 5.ºs Famalicão e Espinho, 28; 7.º Felgueiras, 26; 8.ºs Gil Vicente, Tirsense e Lixa, 25; 11.ºs Feirense e Fafe, 24; 13.º Lourosa, 23; 14.ºSanjoanense, 19; 15.ºs Marco e Valonguense, 16 pontos.

ZONA CENTRO: Estarreja-Torreense, 0-0; Águeda-Elvas, 1-1; Peniche-Covilhã, 0-2; Marinhense-Guarda, 3-2; Alcobaça-União de Leiria, 0-1; Benfica de Castelo Branco-Caldas, 1-0; Estrela de Portalegre-Beira-Mar, 2-0; Mangualde-União de Coimbra, 1-1. Classificação: **1.º Covilhã,** 36 pontos; 2.ºs Elvas e União de Leiria,35; 4.º União de Coimbra, 33; 5.ºs Beira-Mar, Águedae Estrela de Portalegre, 26; 8.ºs Peniche, Torreense e Alcobaça, 24; 11.ºs Caldas e Mangualde, 23; 13.ºGuarda, 21; 14.ºs Estarreja e Marinhense, 20; 16.º Benfica de Castelo Branco, 19 pontos.

ZONA SUL: C. Piedade-U. Madeira, 2-2; Torralta-Atlético, 1-0; Sesimbra-Barreirense, 2-1; Estoril-Lusitano, 2-0; E. Amadora-Odivelas, 2-0; Marítimo-Nacional, 2-1; Montijo-Olhanense, 2-2 e Amora-Campinense, 0-0. Classificação: 1.º **Marítimo,** 43 pontos; 2.º União da Madeira, 35; 3.º Estrela da Amadora, 32; 4.º Estoril, 30; 5.º Montijo, 29; 6.ºs Cova da Piedade e Torralta, 27; 8.ºs Atlético e Olhanense, 26; 10.º Barreirense, 25; 11.º Lusitano de Évora, 24; 12.º Odivelas, 23; 13.º Nacional, 22; 14.º Amora, 19; 15.º Sesimbra, 15; 16.º Campinense, 13 pontos.

Divisão 3

Resultados da 26.º jornada do «Nacional» da 3.ª Divisão

SÉRIE A: Merelinense -Moireirense, 1-2; Vieira - Esposende, 3-0; Ponte da Barca -Monção, 2-0; Vianense - Montalegre, 4-0; Macedo de Cavaleiros - Neves, 1-0; Valenciano -Valdevez, 2-1; e Taipas - Mirandela, 1-0. Líder: Vianense, 35 pontos.

SERIE B: Régua - Paivense, 2-1; Infesta - S. Martinho, 0-2; Vilanovense - Oliveirense, 0-0; Ermesinde - Freamunde, 1-0; Valadares - Esmoriz, 1-1; Cucujães - Amarante, 0-7; U. Lamas - Ovarense, 4-1, e Paredes -Trofense, 1-2 (a 6 de Abril). Líder: Amarante, 36 pontos.

SÉRIE C: Mealhada - P. Castelo, 1-0; Anadia - AC Viseu, 0-0; Anadia - AC Viseu, 0-0; Seia - Poiares, 0-0; Santacombadense - Naval, 2-0; Belmonte - Tondela (adiado para 4.ª feira); Lusitano de Vildemoinhos - Gouveia, 0-0; Viseu e Benfica - Luso, 2-0; e Marialvas - O. Bairro, 2-0. Líder: Ac Viseu, 38 pontos.

SÉRIE D: Rio Maior - Paroquial de Fátima, 5-2; Almeirim -Portalegrense, 2-0; Alferrarede - Alcains, 1-1; Guiense - Nazarenos, 1-2; Lousanense - Marinha, 1-2; Nisa e Benfica - Bombarralense, 0-3; Mirense - U. Santarém, 0-1; e U. Tomar -Eléctico de Ponte de Sôr, 0-0. Líder: U. Santarém, 44 pontos

SÉRIE E: Vialonga - Águia, 4-0; Lusitânia - Charneca, 2-0; Samora Correira - Tires, 3-1; Cacém - Olivais e Moscavide, 2-1; Sacavenense - Vilafranquense, 3-2; Campomaiorense -Almada, 1-1; Santa Clara - Marinhas, 3-0; e Olivais - Oriental, 0-0. Líderes: Oriental e Sacavenense, 40 pontos.

SÉRIE F: Alvorense - U. Santiago do Cacém, 0-1; Louletano - Silves, 1-1; Aljustrelense - Esp. Lagos, 2-0; Estrela de V. Novas - União de Montemor, 1-0; Juventude - Moitense, 2-0; Quimigal - Beja, 3-0; Comércio e Indústria - Lusitano de Vila Real, 2-1; e Vasco da Gama -Quarteirense, 0-0. Líderes: Silves e Juventude, 38 pontos.

Valenciano: Caso

O Valenciano, que venceu por 2-1 o Valdevez para a série «A» da 3.ª Divisão Nacional de Futebol, alinhou sem sete dos titulares. A vitória da equipa de Viana do Castelo foi alcançada com o recurso a juniores e reservas, na sequência do diferendo que opõe os jogadores titulares à direcção do clube, por falta de pagamento de ordenados.

Farense-Sporting

O Farense foi «goleado» (0-5) pelo Sporting, em jogo de futebol de carácter particular integrado no programa comemoratrivo do 77.º aniversáriuo do clube algarvio.

Ao intervalo, o Sporting vencia por 0-1, golo de Forbes, aos 13 minutos. No 2.º tempo, Pedro Brito aumentou para 0-2 (aos 49 minutos), Romeu (aos 57 e 81 minutos) subiu para 0-4 e Du fixou o resultado em 0-5, aos 86 minutos.

Continua na pág. 16

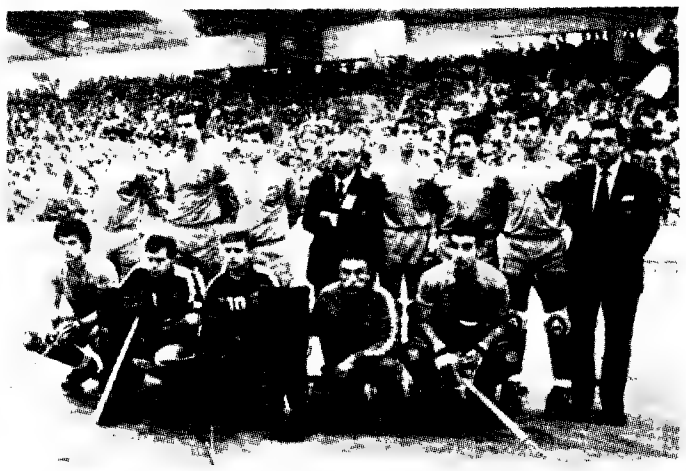
Espanha embolsa primorosamente título europeu de hóquei

Brilhantemente, sem a mis contestação, a Espnha venceu o campeonato europeu de hóquei em patins, dando, na luta final, um cabal exemplo de classe e técnica e atirando Portugal para o 3.º lugar da tabela, mercê do 6-2 que aplicou à rapaziada de Livramento. Para a história, registe-se que o árbitro foi o inglês Jerry Trott e as formações apresentaram-se assim:

Portugal: Domingo, Alves, Fernando Pereira, Vítor Hugo, Vítor Bruno, Armando, Realista, Fanã, Trindade e Luís Nunes.

Espanha: Huelves, Vilapuig, Alabart, Torner, Pauls, e Pujalte.

Golos: Vilapuig (2), Torner (2), Puals, Alabart, Realista e Trindade. A equipa portuguesa falhou duas grandes-penalidades e três livres directos. Uma nota para se avaliar de como os treinos **resultaram**: em todo o campeonato, falhámoos a concretização de dez grandes-penalidades.



Espanha: venceu e convenceu

Para a história

Resultados dos jogos da **8.ª jornada:** RFA-Bélgica, 6-0; França; Grã-Bretanha, 3-3; Itália - Suíça, 11-2; e Holanda -Espanha, 4-3. Na **9.ª jornada:** Bélgica - França, 8-6; Grã-Bretanha - Itália, 0-10; Suíça -Holanda, 1-5; e PORTUGAL -Espanha, 2-6. **Classificação final:**

	J	V	E	D	B	P
Espanha	**8**	**7**	**-**	**1**	**45-17**	**14**
Itália	8	6	1	1	52-16	13
Portugal	8	6	1	1	63-28	13
Holanda	8	5	1	2	24-18	11
RFA	8	3	2	3	31-19	8
Inglaterra	8	1	2	5	17-42	4
Bélgica	8	2	-	6	23-44	4
França	8	1	1	6	31-59	3
Suíça	8	1	-	19	-62	2

Goleadores

O italiano Marzella foi o melhor marcador no «Europeu» tendo apontado no total 18 golos. Vítor Hugo ficou em 2.º lugar (14 golos) seguido do espanhol Pauls, do holandês Gemert e do espanhol Alabart (todos com 13 golos). Luís Nunes, foi 6.º (11 tentos) seguido do italiano Mariotti, Vítor Bruno e Trindade e do francês Parein, todos com 10 golos.

Defensores

O guarda-redes menos batido foi o holandês Win Neijer (4 golos sofrigos em 109 minutos), seguido do espanhol José Lonch (5-160), do italiano Cuositi (7--199) e do português Armando (9-98).

Os «astros»

O italiano Giuseppe Marzella foi considerado pelos jornalistas presentes no Campeonato como o melhor jogador do torneio. Marzella foi ainda distinguido pelos 89 jornalistas portugueses e pelos 26 estrangeiros, como o melhor avançado, juntamente com o português Vítor Hugo. Alessandro Milani (Itália) foi considerado a revelação do campeonato. O melhor guarda-redes (na opinião dos jornalistas) doi o espanhol José Lonch e o seu companheiro Villa Puig, o melhor defesa.

Juízes soberanos

No capítulo da arbitragem, o britânico Gerry Trott (que dirigiu o Portugal - Espanha) foi considerado o melhor. Gerry Trott dirigiu neste campeonato, o Itália - França (1.ª jornada), RFA - Portugal (3.ª) e França -Grã-Bretanha (5.ª).

Porto: contratação

Depois do sportinguista Realista (1500 contos por assinar contrato e 150 mil escudos mensais) o FC Porto assegurou a prestação de serviços de Armando (guarda-redes da Oliveirense) ficando Cristiano à frente do «cinco» das Antas.

Nacional

Em jogo antecipado do nacional da divisão superior, Sanjoanense e Valongo empataram a duas bolas, ao passo que a Juventude de Viana bateu o Turquel por 7-4.

Antas: aí vai o foguete Futre

Paredes: Carlos Manuel em luta para

Futebol: "Taça" em tom trivial

Nem a mais pequena surpresa nos três jogos que contavam para os quartos-de-final da «Taça de Portugal», em futebol: o Benfica foi passear a Paredes (3-0, golos de Manniche, Vando e Nené), enquanto o FC Porto se desembaraçava largamente do Rio Ave (3-0: tentos de Futre, Gomes e Jaime Magalhães) e o Boavista, inesperadamente recepcionista (em lugar de repetir a recepção ao Varzim) ganhava por 2-0 (remates certeiros de Coelho e Frederico) num embate assinalado pela expulsão do varzinista Vítor Manuel (recente júnior) e por larga contestação dos dirigentes da colectividade da Póvoa que, segundo afirmaram, ficaram positivamente **siderados pela rapidez da movimentação da justiça federativa** que (perante os incidentes ocorridos na ronda 26 do nacional, precisamente entre poveiros e axadrezados) instauraram processos de inquérito ao Varzim e logo marcaram o jogo imediato para casa do aversário.

Com o Sporting da Covilhã já apurado para as meias-finais da «Taça» (triunfo sobre o Marítimo, em jogo antecipado) eia como lainharam neste fim-de-semana os seis competidores para um salto em frente:

Em Penafiel, o juiz Miranda Dias (Coimbra) dirigiu o Paredes--Benfica, as turmas:

PAREDES: Paquete; Magalhães (Dilson na 2.º parte), Filipe, Pereira e Hernâni; Carneiro, Mascarenhas, Quim, Meireles (Fernando, 29) e Carvalhinho; Carlitos.

BENFICA: Bento; Pietra, Samuel, Oliveira e Álvaro; Diamantino, Carlos Manuel, Nuines e Vando; Nené e Manniche.

No Estádio do Bessa, sob a arbitragem de Veiga Trigo (Beja) alinharam:

VARZIM: Lúcio; Bandeirinha, Lima Pereira, Vítor Manuel e Rodolfo; Manuelzinho, Lito, Paulo Pires e Miranda (Folha, 70 e Augusto, 82); Magalão e Vatá.

BOAVISTA: Alfredo; Queiró, Frederico, Adão e Palhares; Parente, Walker, Almeida e Casaca (Caetano, 73); Coelho e Filipovic (José Rafael, 82).

Cartão amarelo: Bandeirinha, Lito, Miranda, Magalão a Vítor Manuel. Vermelho: Vítor Manuel.

Nas Antas, com direcção de Mário Luís, de Santarém, as equipas alinharam:

PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira (Eduardo Luís, 49), Eurico e Inácio; Quim, Semedo, Jaime Magalhães e Vermelhinho; Gomes (Cascável, 49) e Futre.

RIO AVE: Figueiredo; Sérgio, Brito, Antero (Chico Faria, 12), e Santana; Duarte, Carvalho, Juanico, Carlos Manuel; Pinto (Rui Lopes, 58) e Álvaro.

Cartão amarelo: Brito.

Nacional volta

No próximo fim-de-semana regressa o campeonato nacional da 1.ª divisão (ronda 27) com o seguinte cartaz: Portimonese -Académica, Vitória de Guimarães - Farense, Vitória de Setúbal - Salgueiros, Benfica -Varzim, Boavista - Penafiel, Rio Ave - Sporting, Sporting de Braga - Vizela e Porto - Belenenses.

Amadora: torneio

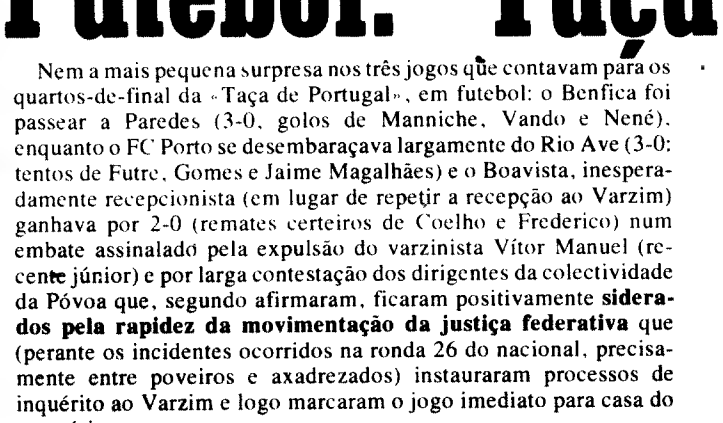
A Associação Académica da Amadora realiza, no seu pavilhão gimnodesportivo, um tor-

Marítimo volta ao seu lugar

Domínio do Sporting, num jogo de pouco empenho, arbitrado por José Rufino (de Faro) em que as equipas alinharam:

Farense: Amaral (Peres, 45); Morgado (Bio, 45), Leonardo (Quaresma, 45) Javi e Bucoiak; Hernâni (Mário Wilson, 45), Rogério, Nelson Borges (Julinho, 60) e Carraça (José Marques, 45) Ika e Herbert.

Sporting: Sérgio; Pedro Brito, Venâncio, Kostov e Germano; Zezinho; Jorge Tavares, Romeu, Fernando Cruz e Virgílio, Forbes (Du, 66m).



O jogo que facilitou a vida do Marítimo

O duelo Cova da Piedade-União da Madeira atraíu grande multidão ao Parque «Silva Nunes». Sob arbitragem de Alder Dante (Santarém) alinharam:

COVA DA PIEDADE: Hélder; Paulo, Horta, Alberto e Cabral; Horácio, Jaime, Hélio e Larsen; Diallo e Arnaldo Silva (Vinagre, 72 m). Treinador António Bernardo.

UNIÃO DA MADEIRA: Crispim; Hilário, Corvelo, Raul e Inguilla; Passos, Jorge Martins (Garcês, 81 m), Pinto Rocha (Humberto, 63 m) e Osvaldo; Coimbra e Beca. Treinador: Mário Morais.

Ao intervalo: 0-0. Golos: Hélio (52 m), Passos (69 m), Cabral (78 m) e Hilário (88 m). Cartão amarelo: Humberto (74 m).

Juniores

Resultados do campeonato nacional de juniores, na zona Norte: União de Coimbra -Porto, 0-0; Braga - Varzim, 0-0; Leixões - Anadia, 2-0. Classificação: 1.º FC do Porto, 10 pontos; 2.º União de Coimbra, 9; 3.º Braga e Leixões, 8; 5.º Varzim, 6; 6.º anadia, 0. Zona Sul: Sporting - Barreirense, 6-3; Caldas - Nazarenos, 0-1; Setúbal - Benfica, 0-3. Classificação: 1.º Sporting e Benfica, 11 pontos; 3.º Barreirense e Nazarenos, 8; 5.º V. Setúbal, 4; 6.º Caldas, 1.

Juniores B ao trabalho

Estão convocados para comparecerem hoje (14 horas) na sede federativa, onde decorrerão inspecções médicas, seguindo-se o primeiro treino (no Jamor) os juniores B que vão tomar parte na fase final do campeonato da Europa, na Hungria. Foram chamados os seguintes elementos: Bizarro, Zé Nando, Cabral, Zé Luís, Fernando e Toninho (FC Porto); Cali, Kikas e Paulo Jorge (Benfica); Fernando Pires (Sporting de Braga); Sérgio Barros (Farense); Beto (Torralta); Penetra, Cadete, Brito e Canana (Sporting). A equipa ficará instalada num hotel do Estoril, até à partida (dia 14) para a Hungria.

Guimarães contrata

O varzinista Adão acaba de firmar compromisso, por uma temporada, com o Vitória de Guimarães.

Serafim das Neves: homenagens «azul»

Face a uma homenagem que vai ser prestada a Serafim das

Varzim jogou sob pro

O Varzim demonstrando inc
(que considera à revelia da lei) de ma
com o Boavista no campo deste, fez
protesto e assim começou o jogo do B
contencioso que ora se prende ent
direcção federativa, a «guerrilha» irá
convidado a pronunciar-se sobre o «p
dente do Boavista, major Valentim L
dado ao nosso companheiro Joaquim
Varzim não pode jogar sob protesto,
fiz muito claramente o Artigo 10
ciplina de 1960: só são admitidos pro
jogos com os fundamentos seguintes
res, irregulares condições do campo
Portanto, é apenas uma questão de
Mais um caso para os juristas
resolverem.

TOTOBOLA

jogue connosco

12 de Maio de 1985

1. Porto-Belenenses 1
2. Rio Ave-Sporting x
3. Benfica-Varzim 1

4. Portimonense-Académica 1
5. Guimarães-Farense x
6. Setúbal-Salgueiros 1

7. Boavista-Penafiel x
8. Braga-Vizela x
9. Sanjoanense-Espinho .. 1

10. P. Ferreira-Chaves 1
11. Barreirense-Estoril 1
12. Lusitano-Est. Amadora x
13. Odivelas-Marítimo 1

a "chave"

FC Porto-Rio Ave	1
Varzim-Boavista	2
Paredes-Benfica	2
Espinho-P. Ferreira	X
Chaves-Aves	1
Feirense-Leixões	1
Estarreja-Torriense	X
Águeda-Elvas	X
Peniche-Covilhã	2
Alcobaça-U. Leiria	2
Mangualde-U. Coimbra	X
C. Piedade-U. Madeira ..	X
Sesimbra-Barreirense	1

...ta para homens de barba rija

...l

Bessa: Coelho espreita a toca

...neio de futebol de salão deste mês até Junho. Todas as informações e a própria formalização das inscrições das equipas terão lugar no pavilhão, das 19 às 22 horas (2.as, 4.as e 6.as-feiras) e das 21.30 às 23 horas (3.as e 5.as-feiras).

Neves (antigo «internacional» do clube do Restelo), o jogo Belenenses - Porto do campeonato da 1.ª divisão (a 12 do corrente) terá início pelas 18 horas de domingo.

Apelo aos meninos

A Comissão de Desenvolvimento de Futebol Infantil de Coimbra informa de que estão abertas inscrições até ao dia 9 do corrente, nas câmaras municipais do distrito para o Torneio Aberto da Primavera (Pedroto, o Zé do Boné). Os escalões compreendem as idades de 9/11 anos (infantis), 12/13 (iniciados) ou mistas (9/13 anos).

...protesto

...inconformismo com a decisão ...) de mandar disputar o encontro ...te, fez antecipada declaração de ...go do Bessa. Quanto ao resto do ...nde entre o clube poveiro e a ...lha» irá continuar. Entretanto, e ...bre o «protesto» poveiro o presi...ntim Loureiro, teria este parecer ...baquim Gomes, de «A Bola»: «O ...otesto, porque, sobre o assunto, ...o 10.º do Regulamento de Dis...idos protestos sob a validade dos ...guintes: qualificação de jogado... campo e erros de arbitragem. ...tão de saber ler».

...juristas ao serviço do futebol

Ciclismo: Volta a Espanha

Portugueses vão resistindo

A Volta à Espanha prossegue, tendo-se ontem disputado a 12.ª etapa, cabendo o triunfo na tirada ao colombiano Pacho Rodriguez. O melhor português neste contra-relógio foi Adelino Teixeira, que gastou no percurso mais 3,99 minutos do que o vencedor.

Entretanto, a camisola amarela passou para o dorso do escocês Robert Millar.

Os cinco melhores da «geral» são: 1.º, Robert Millar (Escócia), 61.27,10 horas; 2.º, Francisco Rodriguez (Colômbia), a 13 segundos; 3.º, Pello Ruiz (Espanha), a 1,59 minutos; 4.º, Fabio Parra (Colômbia), a 2,54; 5.º, Pedro Delgado (Espanha), a 4,41.

Os portugueses

Na etapa: 30.º, Avelino Teixeira, a 3,39; 40.º, Manuel Cunha, a 4,21; 58.º, Jacinto Paulinho, a 5,18; 59.º, Luís Domingos, a 5,24; 76.º, Benjamim Carvalho, a 6,07; 82.º, Carlos Ferreira, a 6,15; 90.º, Manuel Zeferino (ZOR), a 6,32; 98.º, João Paulo, a 6,42; e 99.º, José Poeira, a 6,44.

Na geral: 36.º, Manuel Cunha a 43,27 do líder; 46.º, José Poeira, a 55,19; 49.º, Jacinto Paulinho, a 1.13,55; 92.º, Luís Domingos, a 1.39,50; 85.º, Avelino Teixeira, a 1.40,56; 98.º, Manuel Zeferino (ZOR), a 1.44,11; 105.º, Carlos Ferreira, a 1.52,26; 107.º, Benjamim Carvalho, a 1.53,52; 109.º, João Paulo, a 1.55,59.

Por equipas, a «Lousa/Trinaranjus» obteve a 12.ª posição, a 11,17 do primeiro classificado. Na geral, por equipas, o conjunto português continua em 14.º lugar, a 2.37,13 do guia.

Barreiro homenageou atletismo do Sporting

O Núcleo Sportinguista do Barreiro promoveu um jantar de homenagem à equipa do Sporting Clube de Portugal, conquistadora da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» de atletismo (corta-mato) no ano corrente.

Presidiu ao bom convívio João Rocha, que estava rodeado por José Dias, Mário Casquilho, Armando Biscoito, dr. Alexandre Baptista, Manuel Petronilho, Rui Pignatelli (todos da direcção do Sporting), general Melo Egídio, Jorge Vieira (sócio n.º 1 da colectividade de Alvalade), Raimundo Mendes (técnico de atletismo), Pereira de Sousa, Duarte Gonçalves, Amadeu Marques, Isabel Marques, Mário Ferreira, Rui Viegas e Jorge Ferreira (seccionistas do Departamento de Atletismo), os técnicos futebolistas Toshack e Pedro Gomes, os futebolistas Manuel Fernandes e Virgílio, Brito (internacional de andebol), Pedro Miguel, Nuno Dias e João Portela (equipa sénior de ténis de mesa do Sporting, que comanda a tabela do campeonato nacional) e ainda quatro integrantes na formação que arrebatou a «Taça dos Campeões» em corta-mato (Fernando Mamede, Rafael Marques, Hélder de Jesus e Dionísio Castro). Entre as figuras que foram festejadas apenas não compareceram (por ausência no estrangeiro) o professor Mário Moniz Pereira e Carlos Lopes (em Paris) e Ezequiel Canário (no Japão).

Depois do presunto e do queijo, a seguir do ensopado de enguias é da vitela estufada à «Meihelma» (nome do Restaurante de Alhos Vedros onde se efectuou a reunião), quando já tinham desfilado doces e cafés, vários oradores enalteceram os feitos sportinguistas: Jorge Simões (presidente do Núcleo Sportinguista do Barreiro), o «capitão» da turma de futebol **verde-branca** (Manuel Fernandes), Jorge Vieira e o presidente sportinguista João Rocha. E tudo terminou com entrega de bonitas medalhas aos campeões europeus de atletismo.

J.M.N. de S.

TÉNIS DE MESA: o trio sportinguista Pedro Miguel, Nuno Dias e João Portela que venceu (5-4) os experientes benfiquistas Alvoeiro, Marquês e Ivanoel Moreira. Com este triunfo, o Sporting comanda o nacional, seguido do CP Natação e FC Porto, que somam menos um ponto

Basquetebol no INATEL

No Pavilhão do Estádio 1.º de Maio (Lisboa) está a decorrer o torneio internacional de basquetebol comemorativo do 50.º aniversário do Inatel, com participação de turmas de Lisboa e Porto e, ainda, representações de Israel (Hapoel), Itália (UISP), França (UST) e Bélgica (VASC).

Hoje é dia de repouso das várias formações. Amanhã, a partir das 15 e 45, desenrola-se a fase decisiva, para na 3.ª feira ter lugar o festival final e a consequente entrega de prémios.

Resultados do campeonato de basquetebol do Inatel: Vasc (Bélgica) — UISP (Itália), 85-90; Hapoel (Israel) - UST (França) 115-90. Inatel do Porto - Hapoel, 50-112; Inatel de Lisboa - Vasc, 55-113.

Microscópio

Monumento a Joaquim Agostinho

Promovido pelo Ministério da Cultura, Câmara Municipal de Torres Vedras e com o patrocínio da Secretaria de Estado dos Desportos está aberto concurso para a realização de um monumento ao ciclista **JOAQUIM AGOSTINHO.**

O regulamento do concurso pode ser obtido no Ministério da Cultura ou nas principais instituições artísticas portuguesas.

COLECTIVIDADES

Oriental: calma

Quando se prepara para trepar até à 2.ª divisão do futebol nacional e, provavelmente, tentar o regresso ao plano a que já teve inteiro direito (escalão maior), o Clube Oriental de Lisboa elegeu a única lista candidata aos corpos gerentes. Nomes dominantes: Cunha Casanova (assembleia geral), Armando Alves (direcção) e João Torge (conselho fiscal).

Campeonatos nacionais

Andebol

Vencendo o Sporting no último minuto (20-19, com 9-11 ao intervalo), mercê de uma grande penalidade, o Belenenses, igualou os «leões» no 2.º lugar da classificação da fase final do campeonato nacional de andebol onde o comando é agora apenas do Benfica, que (nas Antas) venceu o FC Porto, por 28-25, depois de ao intervalo estar já a ganhar por 16-14. Após esta jornada a classificação é a seguinte: Benfica, 10 pontos; Sporting e Belenenses, 8; FC Porto, 6.

O jogo principal teve arbitragem da dupla Manuel Mendes e Ramiro Costa. As equipas alinharam e marcaram: Belenenses — José António: Janeiro (3), Paris (2), Mendes (1), Crespo (8), Emanuel (2), Caldeira (1), Espadinha (1), Vital (1), Rui Moreira e Armindo. Sporting — «CM»: Carlos Silva (Pedro Miguel); Areias (1), Hernâni (3), Mário Santos (4), Miranda (3), Carlos José (2), Marques (2) e Luzia.

Basquetebol

A cinco jornadas do termo do «Nacional» o FC Porto assume a liderança da prova com um ponto de avanço sobre o Benfica com a particularidade de no próximo fim-de-semana os dois conjuntos se defrontarem no Pavilhão das Antas em jogo que se nos afigura decisivo para a conquista do título.

Vejamos os resultados das jornadas de sábado e domingo:

Sábado: FC Porto-Barreirense, 78-70; Sangalhos-Queluz, 115-101 e Benfica-Olivais, 100-76.

Domingo: Porto-Queluz, 75-68 e Sangalhos-Barreirense, 75f-88.

Classificação: 1.º FC Porto, 62 pontos; 2.º Benfica, 61; 3.º Barreirense, 57; 4.º Queluz, 55; 5.º Sangalhos, 52 e 6.º Olivais, 47.

SÉRIE B: nesta série verificaram-se os seguintes desfechos: Ovarense-Belenenses, 97-85, Ginásio-Illiabum, 62-68 e Sanjoanense-Belenenses, 84-68. Na classificação geral o Ginásio comanda com 47 pontos, seguido do Illiabum (45), Ovarense (45), Sanjoanense (43) e Belenenses (41).

Hóquei em campo

O União de Lamas e o Ramaldense continuam no comando da classificação do Campeonato Nacional de Hóquei em Campo, com 29 pontos, após a realização dos encontros da 5.ª jornada da segunda volta, que forneceu os seguintes desfechos: Carris-Belenenses, 2-0; Futebol Benfica-Benfica, 1-1; União Lamas-Viso, 1-0; FC Porto-Ramaldense, 2-4.

Râguebi

Após dez anos de actividade, o clube de râguebi Universidade Livre/S. Miguel subiu à 1.ª divisão nacional de seniores, depois de derrotar o técnico por 13-10. A entrada do S. Miguel no escalão principal do râguebi aconteceu depois de disputar com o Técnico uma «liguilla» em duas «mãos». No 1.º jogo, a equipa dos «engenheiros» ganhou por 7-6, perdendo sábado por uma margem de três pontos frente ao S. Miguel, equipa que garantiu um lugar entre os «maiores» do râguebi nacional.

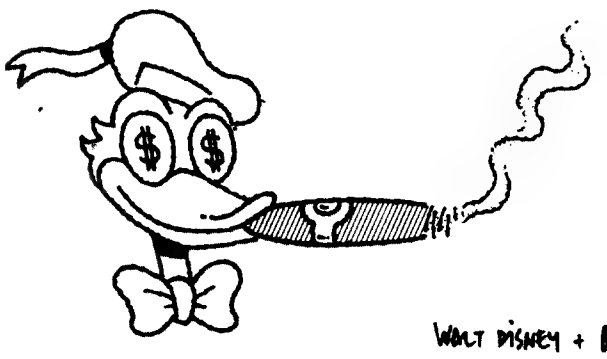
SPORT-SOCIETY

Sport Goofy

A Walt Disney Portuguesa (representada no nosso país por L. Hubay Cebrian) convidou representantes dos Órgãos de Comunicação Social para uma conferência de Imprensa seguida de cocktail, que terá lugar pelas 18 e 30 de amanhã, no Clube dos Empresários (Avenida da República, 38, em Lisboa). Motivo: apresentação oficial da fase regional da «Taça Sport Goofy 1985» (campeonato de Portugal de ténis infantil).

Basquetebol do Inatel

O Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (Inatel) organiza na 4.ª feira, pelas 21 horas, no Centro de Férias de Oeiras, um jantar para encerramento dos campeonatos internacionais de basquetebol do CSIT.



Vela: «Lassen»

A secção de vela do Sport Algés e Dafundo, (com o apoio da ARVC e o patrocínio da firma «Lassen Transport») organiza, nos dias 11 e 12, o «Torneio Lassen», a entrar na 8.ª edição e este ano dedicado à classe «Optimist», a qual engloba velejadores com idades compreendidas entre os 8 e 15 anos. Já está confirmada a participação de 70 embarcações, especialmente porque é uma das quatro provas de coeficiente «5», que contam para o apuramento da equipa que irá representar Portugal nos campeonatos da Europa (em Brest) e do Mundo (em Helsínquia). Haverá dois campos de regata: S. José de Ribamar e Belém. Às 17 horas do dia 12, no Pavilhão Náutico, (Doca de Belém) são distribuidos os prémios, numa festa que reunirá também os representantes da Comunicação Social.

Andebol: mundial

A direcção da Federação Portuguesa de Andebol promove, às 12 e 30 de 4.ª feira, no Hotel Altis (Lisboa) uma Conferência de Imprensa para apresentação e divulgação de duas importantes actividades internacionais a realizar no nosso país: campeonato do mundo de seniores masculinos do Grupo C (em Fevereiro de 1986) e o simpósio internacional de arbitragem, que vai decorrer ainda este mês. Na altura será divulgado o símbolo-mascote do «mundial».

Fase da prova de 110 metros-barreiras ganha pelo belenense Cristóvão Amaro

Atletismo: juniores

Benfica vence "regional"

O Benfica venceu os «Regionais» de Juniores disputados na pista do Estádio Alvalade, quebrando assim a hegemonia que vinha sendo mantida pelo Belenenses nos dois últimos anos. No sector feminino o triunfo coube à equipa da Quimigal, com forte oposição das atletas benfiquistas, que travaram luta de muito equilíbrio nas diversas disciplinas.

O destaque da competição vai para Paulo Santos (Sporting de Alenquer), que bateu o recorde nacional dos 10 quilómetros marcha, no tempo de 44.55,02, seguido de José Urbano (Benfica), que gastou 45.25,09. Estes dois atletas alcançaram os mínimos para os Campeonatos da Europa que se disputarão na RDA em Agosto próximo.

O conjunto de resultados foi superior ao das últimas jornadas situando-se em plano de evidência Cristóvão Amaro, Nuno Alpiarça, Fernando Pires, Artur Crisóstomo (que lançou o peso a 14,59), José Rodrigues, António Veiga e Luís Neves. No sector feminino, Lassalete Mineiro, Cristina Sanches, Carmo Prazeres, Alexandra Mineiro, Sofia Padrão e Isabel Farreira tiveram comportamento muito positivo. Refira-se ainda o triunfo de Filomena Silva (Olivais Sul), que venceu a prova de 3000 quilómetros marcha.

Nas classificações colectivas o Benfica averbou 261 pontos (6 títulos) e no sector feminino a Quimigal registou 158 pontos (3 títulos).

Filomena Silva (do Olivais-Sul) vencedora da prova de 3000 m marcha

Carlos Lopes: «passada» decisiva

Carlos Lopes conduziu uma selecção portuguesa à vitória numa prova de maratona por estafetas em Milão, Itália.

A equipa portuguesa era constituída por Elísio Rios, Carlos Capítulo e Carlos Lopes e fez o tempo de 2.03,36 horas. Em segundo lugar classificou-se uma selecção italiana, com 2.04,13 horas, e a Alemanha Federal ocupou o terceiro lugar com 2.05,49 horas.

Carlos Lopes esteve na base do triunfo da selecção, dado que a equipa se encontrava em quarto lugar quando Lopes recebeu o testemunho, e no último percurso de 14 quilómetros manteve um animado despique com o italiano Orlando Pizzolato, vencedor da maratona de Nova Iorque o ano passado, e acabou por ganhar com uma vantagem folgada dando a primeira vitória a uma selecção portuguesa.

Classificação: 1.º, Portugal (Elísio Rios, Carlos Capítulo e Carlos Lopes), 2.03,36 horas; 2.º, Itália (Gelindo Bordin, Aldo Fantoni e Orlando Pizzolato), 2.04,13 horas; 3.º, Alemanha Federal (Ralf Salzman, Andrea Weniger e Eberhard Wejel), 2.05,49 horas; e 4.º, Grã-Bretanha (Barry Knight, Gerry Helme e Stephen Anders), 2.06,11.

Galamares vence estafeta

O Grupo Desportivo de Galamares venceu a 6.ª Estafeta do Litoral Saloio de Sintra em Atletismo, com 2 horas, 6 minutos e 34 segundos, para os cerca de 42 quilómetros da prova.

Varticiparam na prova, organizada pelo Grupo de Atletismo de Vila Verde e Desportivo de Galamares, cerca de 370 atletas de 62 equipas de seniores, veteranos e senhoras.

A prova, que teve o patrocínio do pelouro desportivo da Câmara Municipal de Sintra, teve a partida e a chegada junto ao Casino de Sintra, passando por Colares, praia das Maçãs, Janas, Magoito, S. João das Lampas e Vila Verde. A prova internacionalizou-se este ano, com a participação da equipa masculina da Interline da Checoslováquia, que concluiu na 39.ª posição, com 2.42,5 horas.

Grande Prémio de San Marino

No jogo imprevisto da gasolina a taluda foi para De Angelis

O italiano Elio de Angelis (Lotus), ao beneficiar da desclassificação do francês Alain Prost (McLaren), foi o vencedor inesperado do Grande Prémio de San Marino em Fórmula Um, em Imola.

Prost cortou a meta em primeiro lugar, mas o peso irregular do seu carro, determinou a sua desclassificação, tendo Angelis (segundo classificado) sido reconduzido ao lugar cimeiro, com o belga Thierry Boutsen (Arrows) a ascender ao segundo posto.

Os oficiais da corrida verificaram que o McLaren de Prost não tinha o peso mínimo (540 quilos), tendo a balança na pesagem acusado menos dois quilos que o exigido pelos regulamentos.

Prost havia ganho a prova, depois de o brasileiro Ayrton Senna (Lotus) e o sueco Stefan Johansson (Ferrari) terem perdido a liderança da corrida, em virtude de falta de gasolina nas últimas voltas.

Angelis, que assuniu o comando do «Mundial» de pilotos, com 16 pontos, completou as 60 voltas ao circuito no tempo de uma hora, 34 minutos e 35,995 segundos.

Thierry Boutsen foi segundo classificado, com uma volta de atraso, seguido do francês Patrick Tambay (Renault), também com uma volta de atraso.

Senna perdeu o comando da prova a favor de Johansson à quinquagésima oitava volta, com falta de conbustível, mas na volta seguinte, o piloto sueco acabou também por ser traído pela falta de gasolina no seu Ferrari.

Johansson, que passou a representar a Gerrari no Grande Prémio de Portugal, no passado dia 21 de Abril, viu-se impedido de ganhar o Grande Prémio de San Marino perante 100 mil espectadores, com Prost a ultrapassá-lo já perto do fim.

Duas horas depois de cortar a linha da meta e de receber os louros da vitória, Prost foi desclassificado, tendo angelis somado nove pontos preciosos.

Os júris da prova levaram mais de uma hora a verificar o peso do carro de Prost e a decidir a sua desclassificação, tendo um apelo da MacLaren sido rejeitado

O italiano Michele Alboreto (Ferrari) efectuou a volta mais rápida, com o tempo de um minuto e 30,961 segundos.

Classificação final: 1.º, Elio de Angelis (Itália), Lotus, uma hora, 34 minutos e 35,995 seg.; 2.º, Thierry Boutsen (Bélgica), Arrows, a uma volta; 3.º, Patrick Tambay (França), Renault, a uma volta; 4.º, Niki Lauda (Áustria), McLaren, a uma volta; 5.º, Nigel Mansell (Inglaterra), Williams, a duas voltas; 6.º, Stefan Johansson (Suécia), Ferrari, a três voltas; 7.º, Ayrton Senna (Brasil), Lotus, a três voltas; 8.º, Nelson Piquet (Brasil), Brabham, a três voltas; 9.º, Martin Brundle (Inglaterra), Tyrrell, a quatro voltas; e 10.º, Derek Warwick (Inglaterra), Renault, a quatro voltas.

Rallye Rota do Sol

Passeio de Moutinho

A equipa da Renault Portuguesa/Galp, constituída por Joaquim Moutinho e Edgar Fortes em Renault 5 Turbo foi a vencedoira do Rali Rota do Sol, quinta prova pontuável para o campeonato nacional de ralis, organizado pelo Clube Automóvel da Marinha Grande.

Joaquim Moutinho, fazendo um rali totalmente à parte, dominou por completo, vencendo as 19 provas de classificação que constituiam a prova.

A luta pelo lugar imediato foi muito renhida com José Miguel ao volante do seu Ford Escort RS 1800 a dar que fazer a Joaquim Santos que só descansou após a desistência do piloto da Rodam

Carlos Bica e José Miguel, este enquanto esteve em prova, foram de facto os grandes animadores do ralil proporcionando aos adeptos do desporto automóvel que se deslocaram à zona de Leiria excelentes despiques, ao mesmo tempo que faziam frente ao campeão nacional, Joaquim Santos, que nesta prova não teve a sua tarefa tão facilitada como nas anteriores.

No entanto, a junta da cabeça queimada do carro de José Miguel impediu-o de continuar em prova, deixando assim o caminho aberto tanto para Joaquim Santos como para Carlos Bica, que acabaria a prova no terceiro lugar da geral, bem como do Agrupamento B.

Ainda no pelotão dos Escort RS 1800 há salientar a grande forma de José Rodrigues e de Mirador dos Santos (ambos ex-iniciados) que efectuaram excelentes tempos, conseguindo mesmo ficar à frente do Nissan 240 RS de Santinho Mendes, que se viu em dificuldade por falta de pneus e jantes adequados para aquele tipo de piso.

António Moutinho vence Grupo A

Jorge Ortigão, um dos favoritos ao pódio do grupo, viu-se arredado da prova na sexta classificativa por despiste. Ortigão, já no segundo troço, tinha sido vítima de um furo que acabaria por afectar a suspensão do seu Toyota Corolla de 16 válvulas. Após este abandono, apenas restavam três carros com possibilidades de alcançarem a primeira posição do Grupo A. Eram eles: o Fiat Abarth de Ramiro Fernandes, o Toyota Corolla GT de António Coutinho e o Opel Manta GTE do piloto madeirense Paulo de Oliveira que nos primeiros troços teve problemas de travões.

Ramiro Fernandes, tudo fez para alcançar António Coutinho. Não o conseguiu devido a problemas de suspensão e foi mesmo ultrapassado por Paulo de Oliveira, que acabaria o rali no segundo posto.

António Coutinho, apesar de ter sofrido um furo, soube administar a vantagem que tinha arrecadado na primeira secção para vencer o Grupo A com uma vantagem de mais de meio minuto sobre o segundo classificado.

Quanto ao Grupo N, Manel Mello Breyner em Audi 80 Quattro, que foi o comandante até à 10.ª classificativa, viu fugir-lhe a liderança, uma vez que na terceira passagem pelo troço da ponte da Crastinha furou, perdendo cerca de 20 segundos, tempo suficiente para Bento Amaral ocupar a primeira posição com o seu Ford Escort 1600 I.

Pedro Vilar, um piloto de velocidade que ainda na semana passada participou na Rampa de Castelo Branco com o seu Renault 5 GT Turbo, também abandonou na 4.ª Pec por ter-se queimado a junta da colaça.

Classificação geral

1.º Joaquim Moutinho (Renault 5 Turbo) 1h15m44s; 2.º Joaquim Santos (Escort RS 1800) a 4m09s; 3.º Carlos Bica (Escort RS 1800) a 5m09s; 4.º José Rodrigues (Escort RS 1800) a 6m59s; 5.º Mirador Santos (Escort RS 1800) a 8m09s; 6.º Santinho Mendes (Nissan 240 RS) a 8m39s; 7.º António Coutinho (Toyota Corolla GT) a 11m10s; 8.º Paulo de Oliveira (Opel Manta GTE) a 11m42s;

Tiago Alexandre

CNID

CNID: festa e eleição

Com a presença dos galardoados, realiza-se hoje, pelas 20 horas, na «Adega da Tia Matilde» (na Rua da Beneficência, em Lisboa) a tradicional cerimónia da entrega dos prémios CNID, iniciativa do Clube Nacional da Imprensa Desportiva. No decorrer de um jantar serão entregues os prémios correspondentes aos seguintes anos:

● 1980 — Futebolista do ano: Rui Jordão; Atleta do ano: Fernando Mamede; Revelação do ano: Luís Vargues.

● 1981 — Futebolista do ano: António Oliveira; Atleta do ano: Fernando Mamede; Revelação do ano: Manuel Zeferino.

● 1982 — Futebolista do ano: António Oliveira; Atleta do ano: Rosa Mota; Revelação do ano: Nuno Marques.

● 1983 — Futebolista do ano: Fernando Chalana; Atleta do ano: Carlos Lopes; Revelação do ano: Cunha e Silva.

Durante a cerimónia serão alvo de especial homenagem os consórcios Fernando Seromenho, Manuel Mota, Vítor Santos, Artur Agostinho e Alves dos Santos, responsáveis pela fase de arranque do CNID, em 1966. A inscrição para o jantar, apenas ao preço de esc. 700$00, só é possível devido ao espírito de colaboração revelado por Emílio Andrade, proprietário da «Adega da Tia Matilde» e grande amigo dos jornalistas desportivos.

Por seu lado, na Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20, Lisboa), realiza-se amanhã, pelas 17 e 30, uma assembleia geral do CNID com a seguinte ordem de trabalhos: 1 — Informação; 2 — Apreciação e votação do Relatório e Contas da actual Direcção, referente ao período de 1 de Setembro de 1977 a 31 de Dezembro de 1984; 3 — Eleição dos novos corpos gerentes para o biénio 85/86. A lista oficial a submeter a sufrágio integra os seguintes jornalistas:

Assembleia geral: Presidente, David Sequerra; vice-presidente, Alfredo Farinha; 1.º secretário, Fernando Sá; 2.º secretário, Costa Santos; suplente, Dias Neves. **Direcção:** Presidente, Vítor Sérgio; vice-presidente, Joaquim Castro; vice-presidente, Joaquim Queirós; secretário-geral, Mendonça Ferreira; secretário-geral adjunto, Augusto Murat; tesoureiro, Mário Sérgio; vogais: João Marcelino, Rui Santos e José Pinto. **Conselho Fiscal:** Presidente, Monteiro Poças; secretário, Álvaro Braga, relator, Carlos Sequeira; suplentes, Rodrigo Pinto, Teresa Montserrat e Neves de Sousa.

À VENDA O N.º 7

foot

o futebol em exclusivo numa revista totalmente a cores

Distribuição Interpress

Foto Francisco Paraíso

Mensagens Pessoais na Pág. 26

Sinais dos tempos

Mensuração da mentira

Tal como com muitas das coisas humanas, também a mentira é quantificável. Foi esse o objecto de uma sondagem estatística há pouco feita pela revista francesa «VSD» (ou seja: «Vendredi Samedi Dimanche») sobre os mentirosos. Os resultados são elucidativos: é preciso desconfiar radicalmente dos homens políticos, como dos publicitários (com que então lava mais branco?), dos comerciantes e, dizem os sondados, que não nós, dos jornalistas. Mas mentirosos são também os advogados e os médicos, e já muito pouco os professores que, sendo agentes e difusores do saber, são olhados como não podendo mentir(!).

Ficou-se igualmente a saber que se mente muito aos amigos, que os homens pensam serem as mulheres as mais mentirosas e que estas acham terem aqueles mais tendência para a aldrabice. Uma descoberta agradável para este Ano Internacional da Juventude é concluir-se que os jovens mentem menos que os mais velhos, facto que a revista interpreta por eles serem mais idealistas que os seus pais, estes sabendo já que nem todas as verdades são boas de dizer. Enfim, melhor que da parte dos políticos, que agem como se nenhuma verdade possa ser dita.

Mãe-cegonha

A mesma revista publica uma conversa com a primeira «mãe portadora» francesa, Patrícia, 21 anos de solidariedade humana, se concluírmos pelas suas próprias palavras. Casada e já com um filho de dois anos, Patrícia refere-se nestas páginas aos 9 meses em que concebeu o filho para uma outra mulher que o não podia ter.

Decidira pois ir prestar a sua colaboração ao CEFER (Centro de Estudos da Fertilidade), em Marselha, dirigido pelo dr. Sacha Geller, onde é inseminada.

É neste ponto que começa um difícil equilíbrio: entre duas mães, um pai, um marido e um filho, equilíbrio esse que já foi ensaiado por um colega de Geller, o dr. Griboul. Patrícia, embora gozando a sua gravidez ao máximo, afirma nunca ter sentido aquela criança que transportava em si como seu filho, de modo que não lhe foi difícil a separação, logo após o parto, desse ser que trouxe ao mundo mas não chegou a conhecer. Ao acabar de nascer, Isabelle foi colocada, como é de costume, sobre os seios da «mãe» — mas entre as duas um pano evitava o contacto entre as suas peles, para impedir que acontecesse a primeira ligação natural entre mãe e filho. Faltam 15 anos para iniciar-se o século XXI.

Presos sindicalizam-se

Em França, país da reinvenção democrática, chega-nos a notícia de que os presos sociais se sindicalizam numa denominada Associação Sindical dos Prisioneiros de França (ASPF). Inimaginável entre nós, onde nem inclusive o sindicato da Polícia consegue reconhecimento e legalização.

A associação sindical agora criada «permite aos presos — segundo um seu porta-voz — associarem-se e assegurarem eles próprios a sua representatividade». O presidente eleito, preso em Fleury-Mérogis, é Jacques Gambier. Proximamente será criada uma comissão, presidida pelo magistrado honorário Étienne Bloch, que irá estudar os meios que permitirão a expressão dos direitos dos prisioneiros. Nesse órgão participarão, nomeadamente, juristas, filósofos e membros dos sindicatos dos educadores de prisão, tudo gente que se propõe humanizar a vida dos detidos por razões sociais.

O grande dinamizador da iniciativa é a Rádio Libertária, das mais criativas e transformativas ondas livres de além-Pirenéus. Anarca, «et pour cause».

Comprar fotografias

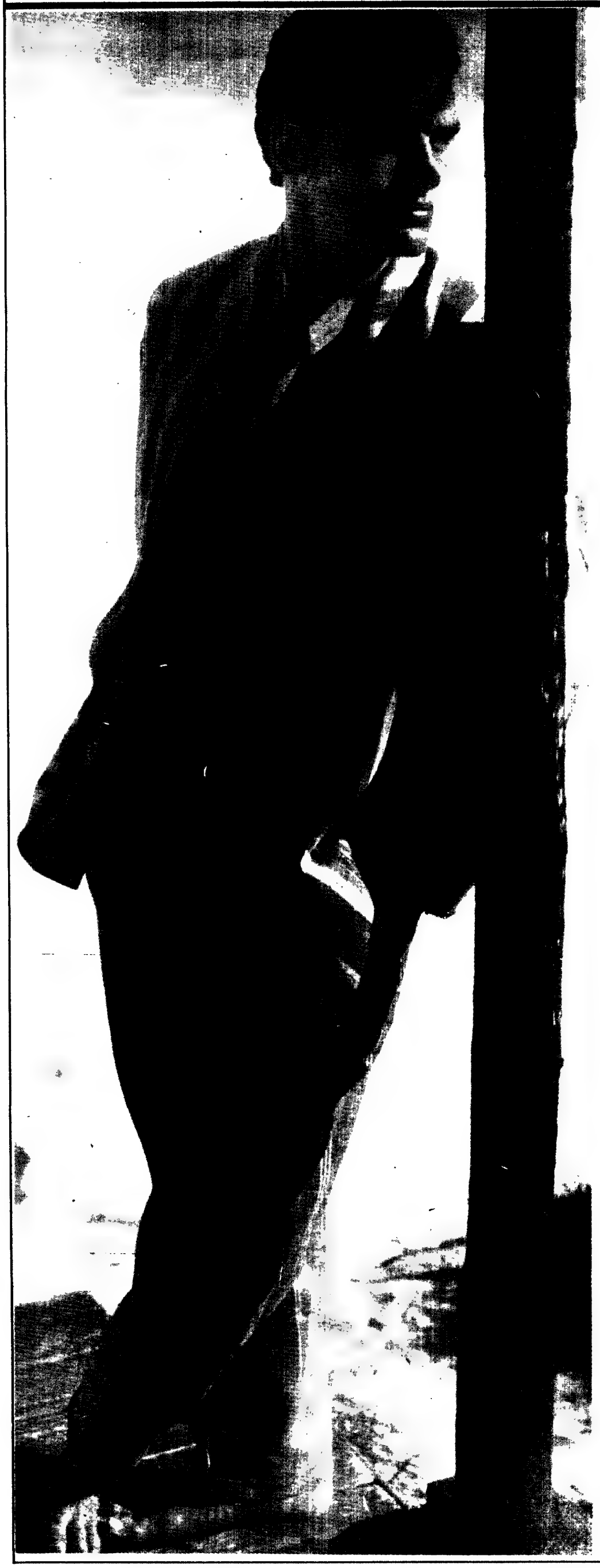
As primeiras vendas especializadas de fotografia aconteceram há meia dúzia de anos atrás em Londres e em Nova Iorque. Depois em Paris, onde houve recentemente um verdadeiro recorde mundial na venda de fotos de Man Ray.

Ora, o negócio da fotografia artística não é coisa simples, e um catálogo bem preciso é tarefa trabalhosa. Para mais, sabemos que a partir de um dado negativo se podem tirar quantas provas se quiserem, de modo que uma mesma foto se pode reproduzir durante longo tempo, como que se massificando e, simultaneamente, diferenciando-se do original. Perde pois valor.

Assim, a fotografia que é mais buscada é a que vem em primeira tiragem, a edição reduzida. Em custos isto tem tradução: uma foto de Ansel Adams, por exemplo, como a que se divulga aqui, vendeu-a no ano passado a Sotheby por 6875 dólares. Actualize o valor do dólar, veja os câmbios e faça as contas ao nosso escudo. Depois nos dirá...

Saídas económicas

Os recursos lucrativos vão-se multiplicando: é o caso da jovem canadiana Rosina Campbell, que soube aproveitar bem a última histeria norte-americana, a dos Patoufs, aqueles bonecos que causaram violentos distúrbios entre maternais compradoras nas lojas de bonecas e que se podem registar nos notários como se de verdadeiras crianças se tratasse. A ideia de Rosina foi simples, como simples são as grandes ideias — abriu uma lavandaria especialmente vocacionada para esses bonecos de pano, onde lhes dá o tratamento especial que as suas «mães» exigem. A «toilette» custa 6 dólares.



De passagem

Rui Eduardo Paes

É numa conversa que as ideias já ocorridas encontram prosseguimentos e conexões. Já desde Sócrates o sabemos: que o diálogo nos concretiza, nos materializa. É precisamente o que acontece no dos jovens, dos poucos discursos vivos porque intimamente ligados ao quotidiano e à vivência própria, ao estar aqui e agora.
Seguem algumas falas intercruzadas de jovens. O que fica registado não teve lugar nos termos em que é exposto mas foi baseado em conversas que o autor teve com outros jovens, por diversas ocasiões.

Todo o diálogo se realiza num contexto. Imaginemos para este um daqueles característicos quartos-salas-estúdios dos jovens. Música no «pick-up», talvez uma variedade entre This Heat, 23 Skydoo, Tuxedo Moon, Lask, Rip, Rig & Panic, Laurie Anderson, Robert Fripp, Massacre. Cervejas e cubas livres. A encenação pode já ter lugar.

Imaginemos também: o Tó é o mais velho, empregado bancário, um desiludido da extrema-esquerda. É o nosso pessimista. A Luísa, esta a mais nova de todos, teve uma actuação feminista que a insatisfez. É a acusadora, a rebelde. A Nanda toma conta de crianças e todos os problemas que se lhe põem à reflexão são os que dizem respeito à sua própria existência subjectiva. Dura, realista. O Júlio está a tirar sociologia: um reflexivo, um observador que se apaixona, que gosta de contrapor. Os amigos dão-lhe um defeito — ser muito teórico. O Carlos, por sua vez, é guitarrista num grupo rock. Gosta de se mostrar como superficial, um recurso afinal quase ideológico. Um cínico, pois. A Manuela é estudante de Belas-Artes, profundamente cativada pela questão estética. Tem um espírito de síntese, um raciocínio conclusivo.

«(...) num tempo em que intensa propaganda se dedica ao transitório, às modas bárbaras, à pastilha elástica.»
— in «Ler/Escrever» — «DL», 2/5/85
(...)

Tó — «Depois de uma série de anos em que eu pensei que cada gesto meu era fundamental num sentido de viragem, um certo dia eis que pus tudo em dúvida: a razão de ser da minha vontade, a minha própria razão de ser. Tudo me pareceu falso, esquemático, inútil — como se as coisas que realmente eram verdadeiras estavam num outro lado que não o meu.

Tive então a clara consciência da minha própria rigidez, eu que pensava ser um elemento na vanguarda da abertura, da mudança para outra coisa. Deixei a minha companheira, que me criticava a fixidez, que não compreendia o meu alheamento de tudo o mais. Vi depois tudo claro: eu, que dizia estar a lutar contra todas as formas de alienação, refugiava-me numa mecânica do imediato. No próprio campo da possível solução eu arranjava as condições que me continuavam os limites, as contradições.

Larguei tudo, chamaram-me de traidor, perdi-me. Fui despedido, comecei a beber como um doido, juntei-me ao pessoal da heroína. Ainda procurei a Teresa, mas ela estava já com outro, só fui despertar velhas feridas.

Até que o tempo passou, eu estabilizei, reencontrei um fio à vida, mas um fio amargo, angustiado, feito de desilusões. Descobri que talvez fosse isso a lucidez. Não acredito em nada, recebo as coisas que me rodeiam com uma espécie de passividade, sem juízos de valor, ao contrário do que fazia naquele tempo de militância, que vejo hoje apenas como um moralismo como qualquer outro, só que pretensamente revolucionário. Sou um ecléctico. Sou um pessimista e um relativista. Não sei, e não pretendo querer saber, o que quero daqui para a frente. Mas sei muito precisamente o que não quero. Acho que, 26 anos feitos, voltei à adolescência: ando à procura de me encontrar.

Sou agora um individualista, ando a ler com muita atenção as coisas que o João Carlos Espada anda a escrever no «Expresso»; é-me difícil dizer que já não sou de esquerda. Sou, e... incrível, ando a ler outra vez o Marx. No entanto, apercebo-me de toda uma série de valores conservadores que sinto como também meus. Não sei mesmo o que vai seguir...»

Luísa — «Eu não fiz certamente o mesmo trajecto que tu. Também sou mais nova, é verdade. E sobretudo aquilo que eu mais acreditei, e acredito hoje, embora já de uma outra forma, foi na emancipação da mulher. Todo esse meu investimento ainda é recente: a luta pelo aborto.

Mas a minha tristeza maior vem precisamente daí: eu tinha 16 anos quando a lei do aborto foi discutida na Assembleia, e a questão interessava-me enquadrada num aspecto fundamental para mim, nessa altura: a da vida sexual de uma jovem, juridicamente menor, que se achava no direito de ter relações sexuais mas a quem todo o sistema como que impedia que isso acontecesse.

Porque, enfim, não é só uma questão de pais e de mentalidades, de eles serem mais ou menos modernos, de serem culturalmente mais ou menos abertos, porque se hoje muitos pais vigiam as filhas e tentam evitar a todo o custo que elas vão para a cama com alguém, é porque há toda uma estrutura a nível da sociedade, a nível do regulamento do Estado, que faz com que também esse controlo familiar se justifique.

A discussão do aborto fez-se em termos completamente deformados, e aí ninguém se safou. É que, se formos a ver, o aborto diz muito particularmente respeito às jovens, às raparigas a quem aconteceu ficarem grávidas não o desejando ou não podendo receber um nascimento. E daí todo um número de dramas, em que o recurso ao aborto, clandestino então como clandestino agora, é o doloroso culminar. Já o Pasolini, na Itália, tinha avisado que era preciso recuar mais na questão: até ao próprio acto sexual. Isso seria essencial para os jovens, a quem é praticamente proibido fazer amor.

Mas isso é um absurdo, eu como indivíduo posso querer ter uma vida sexual, coisa que me é extremamente pessoal, sem ter obrigatoriamente que participar aos meus pais, e sem que a sociedade tenha algo a ver com isso. Uma rapariga de 16 anos tem um sexo, tem uma sensibilidade, tem uma vontade de vida. Ninguém lhe pode roubar o direito humano fundamental de a viver.

Agora eu pergunto: quem é que fez realmente barulho, quem é que estrilhou, durante o debate sobre o aborto, em relação ao facto de os jovens terem o direito a assmirem o seu próprio corpo, a sua própria afectividade? Ninguém perguntou a opinião aos jovens, e só adultos participaram na discussão.»

Nanda — «Já repararam que se os jovens pudessem participar nas questões que lhes dizem respeito tudo aquilo que nos comporta rebentava pelo interior? Eu dou o meu próprio exemplo: quando eu e o Pedro cortámos, como vocês sabem, comecei a andar com a Lúcia. Vocês lembram-se, ficaram todos admirados e eu própria devo reconhecer que fiquei desconcertada. No princípio foi um pouco assustador, interrogava-me se me tinha tornado lésbica, ou se sempre o tinha sido sem que isso tivesse vindo ao de cima até então. À Lúcia, ela que o diga, também se passou um pouco o mesmo.

Quando finalmente me assumi, e à minha afeição por ela, pude perceber melhor a minha própria sexualidade e entender até que ponto estava antes codificada a partir de fora, culturalmente, socialmente. Como se o sexo, em vez de qualquer coisa decorrente da natureza, fosse perfeitamente cultural. Quero eu dizer com isto que me foi possível rever em completo a minha identidade, e aquilo que eu era até esse ponto foi posto em causa.

Continua na pág. 21

Continuação da pág. 20

Tive problemas com os meus pais, como vocês tiveram conhecimento. Muitos conhecidos meus, e da Lúcia, começaram a evitar-nos e passámos até a ser mal vistas. E porquê? Muito simplesmente porque com o nosso comportamento, e a nossa opção, nós estilhaçámos toda uma lógica que nos foi preestabelecida. Hoje, eu sou muito mais eu do que era dantes. Serei lésbica? Não creio — amo simplesmente uma pessoa, independentemente de tudo o mais.»

Júlio — «Vocês fizeram-me ocorrer um problema que é muito importante. Tu, Tó, ao falares de uma certa aproximação tua às posições de tipo liberal, individualista, e a Nanda ao falar daquilo que, sendo originalmente natural, inscreve-se já da cultura. Reparem que na tradição liberal um princípio primeiro é o do Direito Natural — os velhos liberais acreditavam que as leis da Natureza teriam de ser igualmente as leis da Razão, ou seja, que os homens se devem conduzir a partir do que a Natureza revela em si mesma. Alguns ecologistas de hoje são afinal característicos liberais.

Ora, o que eu contesto ao liberalismo, pelo menos ao tradicional, é muito obviamente a consciência de que tal postulado não tem já nada a ver connosco e com o nosso tempo, e recusá-lo talvez implique o desmoronamento de todo o aparelho teórico liberal. Tenho a impressão que nunca como hoje o desejo e a necessidade de libertação e de liberdade, no sentido subjectivo (já que no funcional temos a questão das liberdades democráticas), foi tão importante. Acreditar num primado determinante da Natureza é continuar a insistir numa sobreposição ao homem. Li há dias já não sei onde que o homem actual é não o centro do Universo mas o próprio Universo.

Quando eu comecei a fazer nudismo, ali na Fonte da Telha, apercebi-me que o próprio acto de despir é cultural: no nudismo, um corpo nu não é um corpo retornado à Natureza mas um corpo perfeitamente revestido de um sentido, o de uma opção vivencial determinada. É por isso, Nanda, que eu acho que o humano só pode ser, hoje, cultural. Não reconhecê-lo permitiu todas as perversidades que a partir do sexo se construiram; assumi-lo será uma condição de libertação.»

Carlos: «Eu ainda queria acrescentar algo àquilo que o Tó disse. Parece-me a mim que ele, após uma desilusão política, está a querer revitalizar-se numa outra, digamos, possibilidade de solução. Enfim, quem como ó Tó teve uma tal questão com a política, que eu de modo algum tive, vindo de sítios muito diversos, dificilmente poderá saír desse, sei lá, labirinto, desse círculo vicioso que recria continuamente o desencanto.

O político a mim nunca me seduziu, e vocês sabem como eu faço questão em me apresentar como alguém perfeitamente despolitizado. Os moralistas, ou melhor caracterizando, aqueles que ajuízam do lado da política, censuram o facto de a juventude ser hoje completamente despolitizada, alheada, indiferente. Teme-se pelo futuro que tal gente poderá vir a trazer para o País.

Evidentemente que eles nunca poderiam compreender que a despolitização e a indiferença existem, enquanto fenómeno, numa clara reacção à imbecilidade do nosso curso político. Sim, talvez seja também porque o pessoal tem uma muito franca formação cultural e cívica e béu-béu, mas o facto essencial permanece: os jovens não se reconhecem neste modelo de democracia. Usam-se somente dela, das suas coissanterias e danceterias, das suas cervejas e das suas pastilhas elásticas, do seu haxixe e do seu cinema. O que é esta democracia senão uma democracia de consumo?

Por tudo isto quero-me a mim também como um despolitizado, como um simples mascador de pastilha elástica, em suma, como um usufrutuário desta democracia, já que fazem tudo por tudo para que não me diga respeito fazê-la. Sou um filho típico da democracia portuguesa.»

Manuela — «Tudo isto se vai ligar, creio, à grande questão do nosso tempo: a pós-moernidade. Nós somos a idade do depois, viemos a seguir às grandes questões que encerraram uma época. Somos agora muito mais transitórios, nada de nós fica em definitivo, estamos de passagem e retiramos a nossa própria riqueza dessa característica. Trazemos connosco, radicalmente, a nossa juventude, e por essa mesma juventude conhecemos a amplitude e a multiplicidade do que é efémero, e a sua imensíssima importância.

Neste contexto obviamente que tinha que esttlar o valor da indiferença e do alheamento. As pessoas em geral, e os jovens muito em particular, andam a construir em torno de si espaços de autonomização em relação àquilo que os esmaga — a política, o Estado. Porque sabem, sentem em si mesmos, que o lado da vida é o que flui de encontro às margens: o rio, passagem, vai modificar o que de inerte o cinge.

O tempo presente é o da diversidade, do paradoxo. Por isso podemos ter opiniões divergentes, de perspectivas contraditórias, e através disso mesmo convergirmos. As coisas relativizaram-se, tornaram-se mortais, parciais. A vida tornou-se muito mais interessante, como se fosse um constante, jogo. As sociedades estão finalmente a rejuvenescer; a única ética deve ser a estética. Vivemos finalmente na era libertária.»

(...)

H O J E

Sarney prometeu ser maior que ele próprio

«José Sarney? Vai governar mais à esquerda do que o teria feito Tancredo Neves». O ministro que faz esta confidência pertence à ala progressista do governo. Pensava como o defunto presidente. Sente a morte de Tancredo Neves como uma crueldade do destino e não aceita com alegria o seu substituto. Não hesita, no entanto, em predizer que o governo de Sarney será o governo das reformas. A maioria dos políticos e dos observadores fazem o mesmo prognóstico.

Aparentemente trata-se de um paradoxo: Sarney foi, até ao ano passado, presidente do PDS (Partido Democrático e Social), a formação dos militares. Ele é um dos representantes da direita liberal no seio da Aliança Democrática, a coligação governamental. Essa direita é, ela própria, uma emanação do patronato. Nestas condições como pode ele governar à esquerda? À custa de que renúncias? **Será obrigado a isso,** respondem os nossos interlocutores, **devido às suas origens e à maneira como chegou ao poder.**

A agonia e a morte de Tancredo Neves lançou na rua milhões de brasileiros desesperados e revelou a que ponto a transição democrática simbolizava a aspiração à mudança.

Os observadores interpretam os imensos cortejos destes últimos dias como uma manifestação tão importante (ou mais ainda) como os desfiles maciços do ano passado em favor das **«directas»** (eleição do presidente por sufrágio directo). Este país que exprimiu a sua dor, dizem eles, pensava ter encontrado em Tancredo Neves o homem capaz de melhorar a sua sorte. Nenhum homem de Estado poderia, sem riscos de perturbações muito graves, renegar os empenhamentos tomados em nome da justiça social e da democracia. **A própria burguesia está convicta de que é preciso fazer reformas,** explica um editorialista da capital. **Ela sabe que a situação é insustentável. Aprende-o sempre à sua custa enfrentando a violência das ruas.**

Sarney não pode enganar a opinião publica, tanto mais que chega à presidência em situação de fraqueza, o que não era o caso de Tancredo Neves, na véspera de entrar em funções. **Ele sucede a um homem que se tinha tornado um mito,** explica-se em Brasília. **Não tem a legitimidade que Tancredo ganhara na rua, e se amplificara com a sua doença. Não tem partido visto ser um transfuga do regime militar. Também não tem governo, visto não ter sido ele quem escolheu os ministros actuais.**

A previsão de um «governo à esquerda» apoia-se noutro argumento. Embora o sistema brasileiro seja presidencial, Sarney vai ter que governar com o Parlamento, que poderá exigir dele uma partilha do Poder, de acordo com a lógica democrática dos novos dirigentes. Ora, o partido dominante no Congresso é o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). **E a esquerda, no seio deste partido, talvez não seja maioritária mas tem uma influência decisiva,** segundo Carlos Castello Branco, cronista político do **Jornal do Brasil.**

Reforma agrária, aumento dos salários mais baixos, reconhecimento do direito à greve, revisão da legislação sindical, são estas as reivindicações imediatas que Sarney deverá enfrentar e satisfazer se tiver meios e desejo para tal. O seu primeiro teste passá-lo-á com os metalúrgicos de São Paulo que vão, sem dúvida, retomar na próxima semana a greve começada há duas semanas e interrompida no dia 22 de Abril, após a morte de Tancredo Neves. Uma greve dirigida contra o patronato paulista, mas que também põe à prova a capacidade de negociação do governo.

Executor testamentário

Sarney já combinou com o ministro da planificação, João Sayad, o programa de urgência que os conselheiros de Tancredo Neves tinham proposto antes da eleição de 15 de Janeiro para acorrer em auxílio dos desempregados e dos esfomeados. Este programa será lançado nos próximos dias. Ele prevê uma extensão das refeições gratuitas nas escolas e uma multiplicação dos trabalhos de construção civil para absorver uma parte dos desempregados.

Na sua primeira mensagem à nação, domingo passado, Sarney falou a linguagem da mudança. Retomou os objectivos do presidente que acabava de morrer: moralidade, austeridade, reformas. Ele citou a reforma agrária que Tancredo Neves concebia como uma aplicação da legislação existente — o estatuto da terra editado em 1964 pelos militares — mas nunca realizada. E disse: **Ninguém pode ser feliz num país onde milhões de pessoas não têm direito à felicidade.**

Apresentou-se em todos os pontos como o executor testamentário de Tancredo Neves, disposto a respeitar os empenhamentos subscritos pelo PMDB e a Frente Liberal, os dois pilares da Aliança Democrática.

«Serei maior do que eu próprio», prometeu. A dimensão da personagem continua, porém, um ponto de interrogação. Há quem o veja como o governador do Estado do Maranhão (de 1965 a 1970). Um bom governador, ao que se diz. Os outros vêem, nele um político hábil, um bom técnico de partido mas não mais do que isso. Ninguém fala dele como de um homem de Estado. Culto, escritor e poeta nas horas vagas, tendo mesmo a farda de «imortal» (numa academia de quarenta membros, como o seu modelo francês), Sarney passa por um homem hesitante. **«É preciso empurrá-lo»,** dizem os que o conhecem.

Em suma, a menos que consiga ser **«maior do que ele próprio»,** ganhará decerto em partilhar o poder. Ele já anunciou que não governaria por decretos-lei o que é um primeiro passo neste sentido. Espera-se que confirme num primeiro tempo os ministros escolhidos por Tancredo Neves.

A batalha das próximas semanas dar-se-á em volta do ministro das Finanças, Francisco Dornelles. A esquerda do PMDB acusa este antigo director dos impostos de não ser mais que um tecnocrata disposto a sacrificar o emprego e o crescimento ao saneamento das finanças públicas e a um novo acordo com o FMI e os credores estrangeiros. Ela também lhe censura o facto de se opor, por ortodoxia financeira, às reformas sociais necessárias. Dornelles negou uma tal acusação: **«Estou convencido, respondeu ele, de que o Estado deve ocupar-se do que lhe diz respeito: a saúde, a higiene pública, a educação, a segurança, e que deve renunciar a ser um Estado empreendedor.»**

Tais palavras parecem indicar que Dornelles está pronto a entrar, se lho pedirem, no campo das reformas. Ele já anunciou que a organização financeira devia servir — como a esquerda o deseja — para orientar o crédito para as actividades criadoras de empregos: a agricultura e os sectores voltados para a exportação.

O próprio PDS não escapa ao clima do dia: o antigo partido fanático dos militares faz hoje oposição à Aliança democrática no tema das liberdades. Ele não quer esquecer a formação da Constituinte em 1986 para inscrever na legislação o restabelecimento da eleição directa do presidente da República. E pede a supressão dos poderes excepcionais concedidos ao chefe do Estado em caso de ameaças internas.

Aos que espantam com essa oposição «à esquerda», o porta-voz do PDS na Câmara dos deputados, Prisco vianna, responde: **«Antes, éramos um partido sob tutela. Hoje vivemos num regime constitucional e a nossa tarefa é defendê-lo e preservá-lo.»**

Pacto de Varsóvia assinado por mais vinte anos

Varsóvia, a Varsóvia oficial, não tinha há muito tempo uma festa assim. O último **número um** soviético que lhe deu a honra de uma visita foi Leonid Brejnev, na Primavera de 1980 — meses antes da grande agitação do Verão. Mesmo assim tratava-se de uma reunião de rotina do pacto e, sobretudo, de um estranho e famoso encontro com Valéry Giscard d'Estaing. Se esquecermos este episódio de que a Polónia não foi mais do que o lugar e Gierek o primeiro secretário de então, o organizador complacente, é preciso recuar até 1975 para encontrar uma verdadeira visita oficial de um dirigente supremo do Kremlin à Polónia: o mesmo Leonid Brejnev que ali se dirigiu para um congresso do partido, e que essa estadia pusera particularmente em **verve**. Quando retiniam na sala do congresso as notas da Internacional, ele colocou-se, diante dos outros dirigentes do bloco a marcar o compasso, aparentemente muito satisfeito por mimar o seu próprio papel de um maestro que dirige o seu pequeno mundo com a batuta.

Jan Krauze

Era em 1975, no fim do período rosa de Gierek, no tempo em que o país julgava poder emburguesar-se traquilamente com os empréstimos ocidentais. Era o princípio das desilusões. Cinco anos mais tarde a economia já tombara, e hoje, depois de a Polónia ter, no espaço de alguns anos incríveis, conhecido tudo e o seu contrário, encontra-se ainda mais em baixo. Mas o importante não é isto. Se Gorbatchev pode ir a Varsóvia é porque o essencial, isto é, as aparências, estão de novo salvas.

Quanto ao resto, a escolha de Varsóvia para essa reunião dos dirigentes do campo soviético, é lógica e natural.

Foi lá que foi assinado, a 14 de Maio de 1955, o pacto, e já na altura o quadro dessa cerimónia era absolutamente lógico, visto a Polónia ser, entre os aliados europeus da URSS, o país de longe mais importante pela sua população, o seu território e a sua situação de placa giratória encarregada de todo o dispositivo militar do bloco.

Reabilitação

Ainda aí, que bela ocasião para os habitantes de Varsóvia sonharem, com a sua habitual filosofia acre-doce, com a água que desde então correu debaixo das pontes (envelhecidas) do Vistula. Estaline morrera em 1955, mas não verdadeiramente o estalinismo. A Imprensa saudava em termos ditirambicos este belo tratado assinado com **canetas de ouro maciço** e que sancionava **o fracasso dos imperialistas vaidosos** (os Ocidentais) uns seis dias depois de terem anunciado a terceira **descida** dos preços em dezoito meses.

Na altura, o ministro «polaco» da defesa ainda era um russo, o marechal Rokossowsky, que tinha a sua sede no bureau política em Varsóvia e dava contas directas a Moscovo. Mas, pelo contrário, o regime ainda era relativamente «recente», só 33% do corpo dos oficiais pertencentes ao partido. Alguns deles iam mesmo, no ano seguinte, iniciar preparativos para uma eventual resistência às trocas soviéticas que convergiam para Varsóvia, no momento em que Khrouchtchev desembarcava inesperadamente na capital polaca, antes de se deixar convencer por Gomulka a não cometer o irreparável.

Hoje, mais de 85% dos oficias são membros do partido e, sobretudo, ninguém ignora que é o exercito ou, pelo menos, o seu chefe, general Jaruzelski, que pode gabar-se de ter salvo o partido, uma noite de Dezembro de 1981, e evitado assim que a URSS se lançasse numa operação escabrosa.

Hoje, os chamados polacos têm de fazer um juramento que é, de facto, um acto de obediência à URSS: por ter recusado fazê-lo mas não de cumprir as suas outras obrigações militares — um jovem universitário, Marek Adamkiewicz, está a cumprir uma pena de dois anos e meio de prisão — ocasião para alguns representantes conhecidos da oposição fazerem recentemente uma dessas greves da fome de protesto que agora se multiplica.

Como era previsível, a cerimónia da Varsóvia foi preparada, desde Abril, de um modo excepcional, na Imprensa, com declarações de amizades e elogios à URSS — tanto menos surpreendentes quanto coincidiam com os aniversários clássicos neste período (o de Lenine, o da aliança com Moscovo). Um ritual portanto melhorado mas infelizmente acompanhado por um gesto muito simplesmente indecente no contexto psicológico polaco: a construção, às furtadelas, no cemitério principal de Varsóvia, de um monumento aos milhares de oficiais polacos executados em Katyn, no princípio da guerra, com uma inscrição descrevendo-os como **vítimas do fascismo hitletiano.**

Não há, no entanto, um historiador no mundo, e decerto nem um polaco, para negar que o massacre foi cometido pelo NKVD.

O caso é antigo mas continua sensível, e não é assim que esta ferida pode ser cicatrizada. A menos que não se trate de acabar

Continua na pág. 26

O libertador ainda lá está

Os operários dos complexos petroquímicos aumentam o seu rendimento, os relojoeiros produzem mais relógios, os estudantes liceais duplicam os seus esforços, sobretudo em russo... A acreditar nos títulos que há um mês aparecem nas primeiras páginas do «Neues Deutschland», o jornal do partido, toda a RDA acelera as cadências e celebra no frenesi o quadragésimo aniversário da queda do nazismo. Decididamente, na hora das comemorações, as pessoas entendem-se melhor a Leste e a Oeste.

Claire Trean

Quando o presidente Reagan e o chanceler Kohl se empenham de modo lastimável na elaboração de um programa comum de cerimónias, a Leste é mobilizada a grande artilharia da propaganda. Todos levam a sua bandeira, o seu cartaz, e todos o fazem por um acesso de civismo. É certo que a tarefa é mais fácil visto que o que aqui se festeja com a queda do regime hitleriano, é a libertação pelo exército soviético.

Tanto a RDA como os outros países irmãos fazem-no com ostentação, embora, quarenta anos depois, o libertador ainda lá esteja.

Enquanto Kohl parece querer riscar o passado da Alemanha, os alemães de Leste há já muito que, oficialmente, esqueceram o problema e trocaram o luto pela celebração. Como se o nazismo nunca tivesse tido adeptos na Prússia, em Saxe ou na Turíngia. Nestas grandes ocasiões, a RDA exalta o seu patriotismo sem a menor reserva, sem a menor alusão aos pais, e aos avós, daqueles que mobiliza, a menos que tenham sido resistentes.

A República Democrática define-se como **a concretização das forças antifascistas**. E de onde poderiam vir eventuais problemas de consciência, visto que o único passado político sobre o qual se debruça começa, precisamente, em Maio de 1945?

Todo o país está coberto de slogans em letras brancas sobre fundo vermelho, de proclamações de amizade e de reconhecimento para com a URSS, de declarações encantatórias a favor da paz. Não há edifício nem empresa que não tenha às janelas uma bandeira vermelha e uma bandeira da Alemanha do Leste, preta, amarela e vermelha.

Os espaços que a celebração da festa do trabalho deixa habitualmente vagos estão este ano ocupados por este 40.º aniversário. O país está sobrecarregado de propaganda. Não há uma maratona nem uma corrida de bicicleta que não tenha o seu sentido no quadro da comemoração do 8 de Maio. As próprias discotecas receberam uma circular do partido, incitando-as a contribuir tanto quanto possível para esse aniversário. Os telespectadores têm quase diariamente sergido o avanço vitorioso da frente russa para Berlim.

Um filme sobre o ano de 1945, essencialmente realizado a partir de arquivos soviéticos, teve um grande lançamento em Berlim-Leste. No princípio de Abril organizaram-se cerimónias nos antigos campos de concentração, ao ritmo dos aniversários da sua libertação: Buchenwald, Sachsenhausen, Brandenburgo.

De tudo isto, o que os alemães de Leste retêm são as imagens dos soldados do Exército Vermelho, repartindo a sua ração com os pequenos berlinenses esfomeados, porque a guerra teve essencialmente lugar entre o Oder e o Spree, e vinte milhões de soviéticos morreram ali.

Não se fala, evidentemente, das atrocidades a que o Exército Vermelho se poderá ter entregue de passagem, sobre as populações civis. Não se fala de judeus, palavra praticamente desconhecida na abundante literatura a que as comemorações dão lugar. Eles são, como outros, **estrangeiros de vinte países** massacrados nos campos. Não têm um destino especial e são englobados no termo geral de **antifascistas**. O nazismo não passa, assim, de uma barbárie como outra, que ocasionalmente permite estabelecer a filiação com o imperialismo americano, como o fez, a 11 de Abril, em Buchenwald, Hermman Axen, membro do bureau político, num autêntico discurso de pré-guerra, anunciando a iminência da catástrofe nuclear.

Isto no que diz respeito aos grandes meios. Restam, apesar de tudo, algumas nuances através das quais a RDA, no concerto dos países de Leste, lança discretamente a sua mensagem particular. Um dos pontos fortes desse programa de cerimónias foi, no dia 30 de Abril, o encontro dos veteranos americanos e soviéticos em Torgau, um pequeno burgo à beira do Elba, onde os dois exércitos fizeram a sua junção no dia 25 de Abril de 1945.

Enquanto a fanfarra de Leipzig tocava a Internacional e a Marcha fúnebre, mostravam-se fotografias de 1945, evocava-se o **juramento do Elba**, o juramento de paz de José Polowsky, antigo soldado da 69.ª divisão de infantaria e motorista de táxi em Chicago, que morreu há alguns anos e quis ser enterrado em Torgau.

Tudo isto teria sido um êxito se a morte do coronel americano Nicholson, abatido há semanas pelos soviéticos na RDA, não tivesse fornecido aos oficiais americanos, franceses e britânicos um pretexto para boicotar uma manifestação que, de resto, não os entusiasmava.

O essencial é a publicidade dada a esta cerimónia mais do que a outras, pelas autoridades alemãs de Leste. Tratava-se de demostrar que a RDA triunfa onde a RFA fracassa: pôr em presença os vencedores de ontem no solo alemão. O telegrama enviado a Torgau por Gorbtchev e o de Honecker incitando a uma **coligação da razão e do realismo** onde houve outrora uma coligação anti-hitleriana, apoiavam esta mensagem.

A RDA fez-se, mais do que qualquer outro país de Leste o porta-voz dos apelos à paz e ao desarmamento. Ela esforça-se também por fazer compreender que é simpatizante do desanuviamento. Assim, os discursos do chefe do Estado, Honecker, são muito mais moderados para com o Ocidente do que os de Axen. O aniversário do bombardeamento de Dresden pela aviação americana e britânica oferecia, em Fevereiro, uma ocasião de falar contra o Ocidente que não foi compreendida, assim como não se reagiu em Berlim-Leste aos ecos que neste momento provêm da República Federal.

O encontro dos dirigentes dos dois Estados alemães em Moscovo, por ocasião do funeral de Tchernenko, marcou oficialmente para a RDA o retomar do diálogo, depois de um período frio, e é considerado importante embora a República Federal dê o flanco à crítica: depois das declarações de um dos dirigentes da CDU, segundo as quais, o dia 8 de Maio de 1945 fora **uma catástrofe para a Alemanha**, depois das de outros representantes da direita oeste-alemã acerca dos antigos territórios da Silésia, o projecto de visita de Kohl e Reagan ao cemitério de Bitburgo, onde estão enterrados SS, teria, no entanto, podido ser uma boa fortuna para a propaganda contra o «revanchismo».

Enquanto a Oeste uma certa direita lembra que a Alemanha sofreu e ainda sofre devido aos soviéticos, a Leste, um Estado, nascido virgem e sem memória há pouco menos de quarenta anos, festeja hoje uma amizade «eterna» com a URSS. ■

A multiplicação dos voos espaciais, tripulados ou não, abre uma nova via: o fabrico de medicamentos sem a força da gravidade

As farmácias do Espaço

Com o Ariane, a Europa ganhou uma batalha. Mas não se arriscará, com o tempo, a perder a guerra? A do fabrico de produtos no espaço, que vão das combinações «exóticas» aos componentes electrónicos passando por uma série de substâncias farmacêuticas.

Claro que, em face dos Estados Unidos, a Europa soube tomar uma parte não negligenciável do mercado dos serviços de lançamento de satélites. Só se trata de consultar o caderno de encomendas da sociedade Arianespace, encarregada da promoção e da comercialização do lançador europeu, para nos convencermos disso. Com efeito, em meados de Abril Arianespace tinha 6,4 mil milhões de francos de encomendas em conta firme destinadas à colocação em órbita, nos próximos anos, de vinte e cinco satélites e de dez reservatórios com recipientes a 100 000 dólares por peça, para o lançamento a confirmar, de outras cargas úteis. Claro que os construtores europeus de satélites se esforçam — ainda sem grande êxito — por colocar um pião na coutada dos seus concorrentes americanos, completando assim o dispositivo europeu no domínio das actividades espaciais comerciais (1).

Jean-François Augereau

Mas, na verdade, isto basta? A Europa, que soube reagir ao monopólio americano dos construtores de lançadores e de satélites, não estará a perder a sua vantagem ao não entrar bastante depressa num domínio de actividades especiais comerciais ainda mais prometedor? Tendo em vista os esforços feitos além Atlântico a favor das investigações no fabrico de materiais no espaço, podemos perguntá-lo. Porque, no espaço de vinte anos, existirão, na verdade fábricas ou antes oficinas e unidades de produção espaciais que fabricarão, para fins comerciais novas composições, substractos e matérias-primas para a indústria electrónica, mas também hormonas, protaínas, nacinas, culturas de células, etc. Negligenciados durante muito tempo, estes produtos de vocação biomédica, parecem dispostos a tomar importância considerável devido aos resultados conseguidos pelos americanos. A julgar pelas previsões de uma firma de investigação para investimentos de Cambridge (Massachusetts), o Center for Space Policy, as apostas são de monta. No ano 2000, dos 45 a 52 mil milhões de dólares, de volume de negócios, que as

Continua na pág. 24

A McDonnell Douglas e a sua máquina

A McDonnell Douglas pensa ganhar, em meados dos anos 90, mil milhões de dólares com a venda das substâncias farmacêuticas fabricadas no espaço. Verdadeiras ou falsas, estas declarações do director-geral da firma americana, John F. Yardley, fazem-nos reflectir na medida em que este volume de negócios provirá, ao que parece, só da venda de três produtos. Outros se seguirão, e, no fim dos anos 90, a McDonnell pensa estar em situação de propor um catálogo de uns dez produtos diferentes.

Mesmo que estes cálculos pareçam um pouco optimistas, é forçoso reconhecer que a firma americana teve um forte avanço técnico, realizando uma unidade de electroforese que permite produzir determinadas substâncias no espaço. Este sistema, que tem o nome de Continuous Flow Electrophoresis System (CFES), funcionou por várias vezes a bordo do vaivem. Trata-se de um aparelho relativamente pequeno, que pesa um pouco mais de 350 quilos e fica situado no entreposto do vaivem espacial.

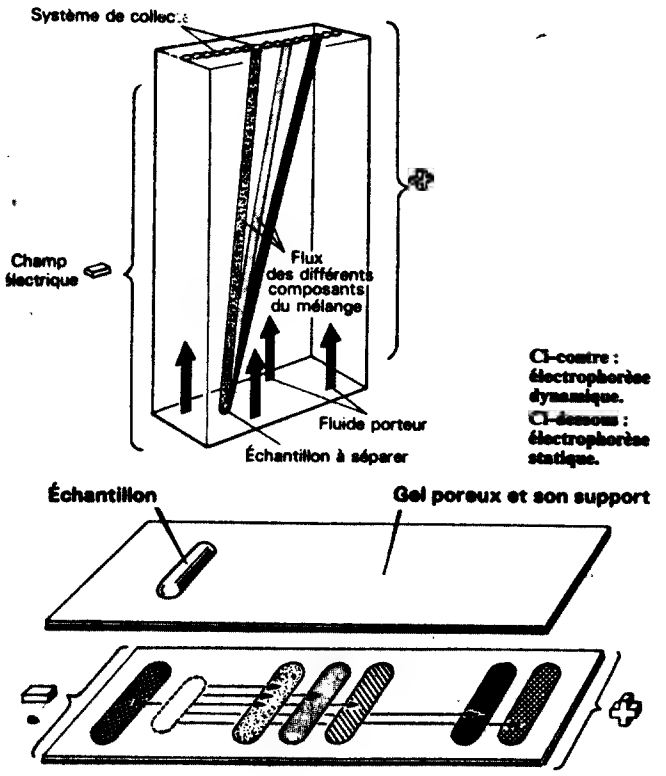
O seu princípio é simples e retoma, com algumas melhorias, o dos aparelhos de laboratório correntemente utilizados na Terra. Certas substâncias colocadas sobre um gel poroso podem, com efeito, ser separadas nos seus diferentes componentes, quando se encontram submetidas à acção de um campo eléctrico. Progressivamente, as diferentes fracções químicas da amostra (serum sanguíneo, mistura de proteínas, etc.) emigram a velocidades diferentes no gel poroso, e podem assim ser recolhidas.

Infelizmente só se podem extrair quantidades ínfimas de matéria (à volta de 0,01 mililitro). É a razão pela qual essa técnica de electroforese estáctica só é utilizada nos laboratórios para análises e não para produção. Assim, foi arranjado outro processo; a electroforese dinâmica, na qual a mistura a seprar é injectada de modo contínuo num fluido portador. A aplicação de um campo eléctrico leva então a uma separação das substâncias em várias correntes de fluidos bem diferenciados e recuperáveis por um sistema de colecta.

Um tal processo seria perfeito se a gravidade terrestre não contrariasse a boa marcha do aparelho, limitando singularmente as suas actividades. Aparecem, com efeito, fenómenos parasitas (convecção, sedimentação, aquecimento do meio ambiente por efeito Joule) que perturbam a produção.

Pelo contrário, no espaço, a maior parte desses problemas desaparecem, e torna-se possível acreditar nas equipas da Mc Donnel Douglas obter com o CFES um poder de separação dos compostos químicos investigados quinhentas à setecentas vezes mais elevados do que nos laboratórios terrestres e com um grau de pureza quatro a cinco vezes superior. Uma pureza muito procurada pelas indústrias farmacêuticas, e muito difícil de obter quando se tenta separar as misturas de características físico-químicas vizinhas.

Tudo isto é um princípio, a julgar pelas intenções da firma americana, que encara a hipótese de embarcar este ano no paiol do vaivém uma unidade de electroforese também muito importante (EDS-1) que será constituída por um módulo com 5 metros de comprimento, 1 de largura e que terá um peso de 2.500 quilos. A capacidade de produção deste sistema deverá ser vinte e quatro vezes maior do que a da pequena instalação que voa neste momento a bordo do vaivém Discovery. Nestas condições, para quando as oficinas em órbita que a firma espera lançar em 1988?



As farmácias do Espaço

Continuação da pág. 23

actividades especiais comerciais deviam gerar anualmente mais de 25 mil milhões de dólares — dos quais 20 000 milhões para os produtos farmacêuticos — conseguirão o fabrico de materiais no espaço. Previsões optimistas? Talvez. É o que pensa Fréderic D'Allest, director-geral do Centro Nacional de Estudos Espaciais (CNES), que afirma o seu «cepticismo» sobre os projectos financeiros e duvida de que os «**lucros a atingir sejam no ano 2000 tão importantes como o dizem os americanos.**» Em contrapartida, declara-se mais convencido da necessidade de a França se lançar rapidamente em investigações fundamentais e aplicadas sobre este tema, e pensa que talvez haja domínios em que razoavelmente se podem esperar bons resultados.

Para tal resta convencer os investigadores e os industriais franceses de que ponham um pouco de matéria cinzenta e de dinheiro fresco nestes temas de investigação.

Esta mutação das mentalidades parece estar a fazer-se. Já não estamos no tempo em que os investigadores troçavam dos que encaravam a possibilidade de produzir materiais no espaço. As numerosas experiências levadas a efeito tanto pelos americanos como pelos soviéticos como ainda por algumas equipas pioneiras europeias foram de natureza a rever os juízos iniciais. Se isto não bastasse ainda havia as experiências empreendidas pela firma McDonnell Douglas a bordo da nave espacial americana, cujos resultados, embora não tão notáveis como os comunicados da firma querem dar a entender, fazem pensar.

E depois também há a amplidão do esforço americano. Um exemplo: o da NASA, que, neste domínio, dispõe para 1985 de um orçamento de 27 milhões de dólares contra menos de 1 milhão de dólares para o «Programa microgravidade (fase 2)» da Agência Espacial Europeia que cobre um período que vai de 1985 ao fim de 1988. Vêm depois os pedidos da NASA para 1986, aumentados em 25% em relação ao ano passado, isto é, um orçamento de uns 34 milhões de dólares. (2). Finalmente há os empenhamentos próprios das firmas americanas nesta corrida. Exemplos? Eis alguns entre os mais significativos: John Deere, o industrial internacional do tractor, interessado pelas experiências de formação dos aços; a General Motors, construtor automóvel, disposto a fazer estudos sobre os problemas de combustão, de lubrificação e de crescimento dos cristais; a sociedade 3M, em busca de novos cristais de materiais e de filmes finos; a Microgravity Research Associates e a Microgravity Technologies, desejosos de produzir para a indústria electrónica cristais de arseniuro de galio, de teleluro de cadmio e de inobato de litio; por fim Johnson e Johnson, que compra a McDonnell Douglas as substâncias farmacêuticas produzidas por eletroforese a bordo do vaivém.

Tudo isto concorre para tornar os europeus vigilantes, mesmo que a parte que se joga com os americanos pareça desigual, mesmo que os trabalhos levados a efeito nestas disciplinas tenham muito de uma «ciência nascente». Porque o quase desaparecimento das forças de gravidade a bordo dos engenhos espaciais, essa famosa ausência de gravidade que faz flutuar os astronautas nas naves espaciais e põe os líquidos em bola, é «**um utensílio demasiado revolucionário**». Como o escrevia um investigador do Comissariado para a energia atómica, Yves Malmejac, director do laboratório de estudos de solidificação, «**a comunidade científica começa simplesmente a compreender toda a importância desse novo desafio representado pela disponibilidade da microgravidade**». «**Quase todas as disciplinas científicas,** acrescenta, **construíram o seu edifício de conhecimentos com a gravidade, como parâmetro inamovível do conjunto das observações efectuadas e dos resultados obtidos.**»

Todo o corpo mergulhado no espaço

Suprimir a gravidade, ou antes, reduzi-la a um milésimo ou até a um milionésimo do seu valor, como pode ser o caso em certas naves espaciais, volta, com efeito, a abrir um campo incomparável de novas experiências. Porque numerosos fenómenos incómodos na Terra, sobre tudo quando se trabalha em fluidos, coisa frequente em química biológica, deixam de aparecer em órbita. É, com efeito, o caso de Marangoni, cuja existência prevista pela termodinâmica só pode ser posta em evidência com os programas de experimentação de microgravidade e dá lugar a certos fenómenos de propagação do calor. É também o caso dos líquidos levados à ebulição, que, devido à aceleração deste fenómeno no espaço, produzem espumas relativamente estáveis. É, enfim, o dos fenómenos de expulsão de gases ou de efeitos capilares particularmente incómodos para certas experiências.

É tudo isto que convém estudar detalhadamente no plano fundamental antes de nos podermos lançar em operações de carácter industrial. Neste domínio os americanos começaram muito cedo, como o prova McDonnell Douglas, que chegou a formar um astronauta experimentador científico, Charles D. Walker, para voar a bordo de um vaivém espacial americano e realizar as suas próprias experiências. Já se efectuaram várias missões deste tipo e outra está a ser realizada a bordo do Discovery. Ainda desta vez será posta em acção uma unidade de electroforese destinada a produzir, por conta da firma americana Johson and Johnson certas substâncias biomédicas. Que substâncias? Mistério. O segredo industrial a isso obriga.

A França na corrida

Que importa? Só conta o facto de duas sociedades americanas, e não das menores, entrarem activamente neste terreno. Claro que agindo assim as duas sociedades fazem um bom «golpe de publicidade» relativamente barato. Mas seria injusto reduzir a operação a este aspecto das coisas. Desde 1980 que McDonnell Douglas funciona com fundos próprios e faz trabalhar umas cem pessoas nos seus temas de investigação. Por outro lado, a firma parece ter-se lançado recentemente numa caça à cooperação com as indústrias farmacêuticas, que um perito francês qualifica de «planetária». Teriam sido contactados industriais farmacêuticos japoneses, suíços e mesmo franceses. Daí a acreditar que as substâncias farmacêuticas interessam McDonnell Douglas vai um passo que não se deve ultrapassar na medida em que o industrial americano antes parece procurar vender material de produção e um «savoir-faire». Caberá aos industriais de farmácia dizer se vale a pena tanto esforço e quais as substâncias que têm interesse.

Face a este forte movimento apoiado por numerosos programas específicos da NASA, a Europa, ou, pelo menos a França, deve reagir. É o que actualmente está a tentar o Centro Nacional de Estudos Especiais que, há já certo tempo, tenta levar os organismos de investigação franceses e também os industriais, a reflectir naquilo que poderiam fazer. Em consequência disto as equipas do Centro Nacional de Investigação Científica, as do Instituto Nacional da Saúde e da Investigação Médica, assim como laboratórios universitários, propõem-se definir novos temas de investigação fundamental e aplicada porque, como o faz notar Alain Esterle do CNES, «**com a microgravidade temos que reaprender a pensar, mostrar imaginação e habituarmo-nos a não racionar a partir do que se faz na Terra**».

É somente a este preço que novos programas de investigação poderão ser iniciados, programas esses que então permitirão definir os dados reais do problema sem «engolir», a parte de «intoxicação» que há nos comunicados triunfantes dos industriais americanos.

Uma visão das coisas que os industriais franceses parecem compartilhar, a julgar pelas suas reacções recentes. Os contactos feitos o ano passado pelo CNES com a Sanofi, a Rhône-Poulenc e a Roussel-Unclaf estariam, com efeito, a chegar lá. Eles deveriam dar lugar à criação de um projecto comum cujo conteúdo está prestes a ser definido.

A amplidão financeira do projecto, tal como os processos de produção conseguidos — a electroforese decerto, mas talvez também técnicas de cristalização de proteínas, e as substâncias que cada um dos industriais deseja ver produzir, estão no centro das discussões actuais. Querer-se-ão os interleuquinos, a uroquinase, determinada hormona, célula ou organismo vivo?

(3)? Pouco importa. O que, em contrapartida, é essencial é o empenhamento destes três industriais franceses na batalha. Para René Santier, presidente da Sanofi, as coisas são claras **Eu,** diz ele, **estou com pressa.** Resta encontrar oportunidades de voo que, na ausência de meios tradicionais ou europeus, será preciso ir buscar onde eles se encontram, isto é, sobre tudo aos Estados Unidos.

NOTAS

(1) Uma firma europeia, l'Aerospatiale, em associação com outras sociedades europeias mas também com uma sociedade americana (Ford Aerospace), ganhou um contrato para exportação com a encomenda de satélites de telecomunicações árabes Arabsat.

(2) Uma parte importante dessa linha orçamental vem, no entanto, da reintegração neste capítulo de outros programas que dizem respeito à aeronáutica e à tecnologia espacial.

(3) Segregada por algumas células renais, o uroquinase permite a dissolução de coágulos sanguíneos e serve pois para tratar os enfartes e as embolias pulmonares. A interleuquina é procurada pelas suas capacidades de modular as reacções de defesa do organismo. ■

Postal de Albufeira

Morreu alguém em Montechoro?

Os personagens

(Personagens do processo sem ordem de entrada em cena à balda, pelo menos)

O procurador — lanceiro sem pontaria
O advogado de acusação — desgalvanizador
A advogada oficiosa de defesa — um mal-entendido
O colectivo — quem lhe come as cápsulas na cabeça?
Os jurados — o povo unido . . .
Os jornalistas — já abriu a época dos saldos?
As testemunhas — algumas: seja eu ceguinho se vi alguma coisa
outras: eu estou certo, embora não tenha a certeza.
A intérprete: não interpreta traduz.A PJ — o bando dos cinco ou «vai um cafezinho, ou um reconstituinte?»
A PSP — o desbando
A GNR — quem?
O ofendido — espalhou-se caiu de costas
O réu — palestiniano.

Maria Londia Correia

Au, au . . .

Em Albufeira, à porta do tribunal, os cães-polícia são às dezenas. Seguram pela trela os guardas republicanos. Bonitos. Alemães e, julgo, heterossexuais. (Não sou racista.) Falo dos cães.

Trincam, portanto. O amor, é cego.

São fotogénicos, não obstante a sua compenetração: guardam a igreja. A 10 metros de distância está a ser julgado um infiel. Até colher de surpresa «os terroristas-mercenários» que vão aí cair e de satélite. Ou a terceira vaga é um «entupia».

De qualquer modo, e perante tal eventualidade, a minha opinião é a seguinte: a segurança pirava-se de carrinha e com sirene ligada «para despistar os bandidos» ou então ficava atrás dos arbustos, a satisfazer em coro as suas necessidades do «verde».

Foi mais ou menos assim que sucedeu.

«Foge, foge, senão mato-te.»

No supermercado

Os habitantes desta vila nem parecem nortenhos. E não é que o não são?

— Ó menina, mas esta coisa não é nada com a gente, para quê tanto chinfrim aqui na terra? Isto prejudica o nosso comércio. Já não chegava o Xufre, o presidente. O melhor era porem o homem lá na terra dele. Até me disseram que o rapazinho é de boas famílias e que o secretário do morto está metido na coisa. Porque é que a cara dele vem agora tanto nos jornais?

Francamente, minha senhora — adverti-a.

Albufeira: gente que sabe muito, gente que sabe pouco. E a esta vá-se-lhes lá explicar o que é a Internacional Socialista, quem era o doutor Sartawi e mais aquele percurso sem segurança do hotel Balaia ao Montechoro, coisas do «rosto da Justiça portuguesa lá para fora», as presidenciais para já com candidato(s), Arafat e a Itália, o «New York Times» de Fevereiro 84, o atentado ao senhor embaixador de Israel de Lisboa, etc . . .

O melhor é ir comendo morgados «typical style» ou estamos feitos.

O procurador procura

Que este país seja um tanto original já o suspeitávamos, mas há maluqueiras e maluquices.

Das últimas: não é que o delegado do MP aparece em pleno tribunal com um saco de pedras de todos os tamanhos, sem dúvida para descobrir a verdade seja a que «peso» for?

Aqui está um homem que há alguns séculos teria descoberto a Índia no hemisfério norte.

Às vezes lá vem ele de lacinho no pescoço. Pensei: o casino da Póvoa mudou-se para o sul, pois parafraseando um ditado árabe «se a montanha não vai a Maomé, vai a Póvoa ao Algarve».

Fala com quem não pode, conferencia com quem não deve, vai pagando uns copos ao pessoal no tasco em frente, mas também, que diabo, a tarefa é difícil e até não diz lá muito com o seu «brilho». Trás lantejoulas. Queda tem.

Troca impressões com um colega. Permanentemente. Fazem que sim com a cabeça. Já têm nome: duo humor negro. Qual deles é o defunto?

A guerra das estrelas

E não é que os «maioritários» estão sempre à bolachada? Parecem «flippers». Dita para aqui, dita para ali. Redacções. E disse, dois pontos. Uns chatos, os doutores. Felizmente que há quase sempre a seguir um intervalo e uma ou mais indeferições.

Os acusadores (i)lustram a cadeira. É o seu papel e vai de atacar o colectivo: falta de tacto ou desespero? É que se vem acentuando para o final. Há um actor conhecido da praça (Reagan não o desmerece), da família, suponho, de um ex-ministro do fascismo, que se encarniça, de quando em quando, e avança, voz colocada, para dar convicção. Mas quanto mais aparenta mais os parentes recusam a parentela. Depois sorri. De dentes. Está sempre de acordo com o procurador ou o procurador com ele. É o Roque e a amiga, como lhes chamo, carinhosamente.

O caso das astronaves

De vez em quando, a nave-mãe (rodeada dos colegas de Portimão e Lagos) mostra o cartão amarelo aos carrinhos de corda, ou seja: desliga-lhes as pilhas. Muitos anos de manejo com brinquedos: farto de reinações e vê-se bem. Marionetas também não o fazem rir. Felizmente, e a bem de todos, que somos a nação e mais os que «naxão» (sem ofensa para os beirões e arabões e calvões e galvões e vendilhões e outros que teões) porque «apesar de tudo, isto, meus senhores, ainda é um julgamento» — disse a nave-mãe, qual Ursula le Guin.

doces crónicas

Pacto de Varsóvia

Continuação da pág. 22

demonstrativamente com uma época, a do Solidariedade, que foi, entre outras, a de um imenso desejo de reabilitar a história «verdadeira» desse país.

É, no entanto, outra reabilitação — a dos dirigentes polacos actuais — que a cimeira de Varsóvia consagra. Estamos bem longe das críticas indignadas formuladas há poucos anos nos países vizinhos, das chamadas de atenção dirigidas por Moscovo em 1981 a uma equipa onde figurava já em bom lugar o general Jaruzelski. O tom é hoje de apoio caloroso. O que não impede a vigilância, os convites ocasionais a um maior vigor na ordem.

Os **Izvestia** preocupavam-se no princípio deste mês com o **real e terrível perigo** constituído pela **crescente influência da Igreja na Polónia**, denunciando a proliferação de lugares de culto transformados em **centros de propaganda antigovernamental**. A própria Imprensa polaca não fica para trás (ela atacou mesmo recentemente, caso excepcional, o Papa). No domingo passado, a alguns dias da cimeira, censurou com virulência, ao clero, propagar a imagem de uma Polónia «presa com cadeias», submetida à ocupação soviética.

Extravagâncias romenas

A reunião de Varsóvia foi precedida, de 8 a 13 de Abril, por uma visita do ministro soviético da defesa, marechal Sokolov, acompanhado pelos comandantes das forças terrestres e da aviação soviéticas, e dos comandante adjunto para a marinha. O marechal Sokolov e o general Jaruzelski exprimia o seu desejo comum de **continua a reforçar a organização do pacto de Varsóvia**, mas essa declaração de rotina não parece anunciar modificação sensível dos termos da aliança. Contentar-se-á, como o revelou em primeiro lugar o dirigente da Alemanha de leste Erich Honecker, em reconduzir por vinte anos um tratado que tem a vantagem de dar um quadro institucional a uma situação de facto.

No fundo, a recondução do tratado por todos os seus signatários, à excepção da Albania, nunca causara a menor dúvida. Mas as questões de forma e, sobre tudo de duração, permitiram ao dirigente romeno, Ceausescu, entregar-se às negaças que ele aprecia.

Através de confidencias habilmente feitas em várias capitais da Europa do Leste, os romenos fizeram saber que Bucareste desejava limitar a cinco anos ou, no máximo, a dez, a prorrogação do tratado. Pudera ser mantido um certo **flou** em volta desse problema tanto mais facilmente quanto uma reunião de cimeira do pacto, prevista para o passado mês de Janeiro em Sofia, fora anulada devida à doença de Tchernenko.

A morte do efémero secretário-geral permitiu uma rápida solução. No próprio dia do seu funeral, Gorbatchev reunia os dirigentes do pacto, evidentemente todos presentes em Moscovo, e foi feito um acordo imediato e unanime sobre as modalidades de recondução do tratado. Fim do parentese aberto pelas sucessivas doenças do Kremlin, fim também de todos os estados de almas de Ceausescu: tudo entrava na ordem. O número um romeno, que as graves dificuldades económicas do seu país, de resto dissuadem de extravagâncias demasiado marcadas, deveria agora contentar-se em cultivar a diferença a um nível mais modesto, convidando, por exemplo, como o fez em princípio de Abril, o chefe do Estado Maior do exército americano, general Vessey, a visitar Bucareste. ■

MENSAGENS PESSOAIS

Atrelado-tenda

Combi-Camp Easy-1, 1983. Como novo. 120 c. Telef. 218 50 03.

Minigravador Sanyo

Vende-se minigravador Sanyo (mais transformador) para mini-«cassetes». 6000$00. Telef. 276 61 50. Dias úteis até às 12 horas. Todos os dias às 20 horas.

Máquina fotográfica

Máquina fotográfica japonesa Meikai EL-X, 35 mm, vende-se pela melhor oferta. Lentes F/8, 50 mm. Sitama duplo de exposição consoante o estado do tempo. Estado absolutamente novo (nunca usada). Vende-se volume 1 encadernado do «Jornal da BD». Rui Miguel Saramago, R. Pinheiro Borges, 22 1.º C Alfragide 2700 Amadora. Envios à cobrança.

Quarto em Benfica

Alugo quarto em apartamento moderno às portas de Benfica. Telef. 36 37 73 de Lisboa. D. Esperança.

Mobília

Mobília quarto casal c/colchão ortop., Móvel bar séc. XVII. Arca e cantoneira em pinho escurecido.
Telefone: 361141/2

Fogão a gás

Fogão alto gás ODACLA 4 bicos. Candeeiro tecto c/pingentes meio cristal.
Telefone: 372587

Baby sitter

Tomo conta de crianças. Vou a casa.
Telefone: 603386

Casa de campo

Casa de campo em ruínas no concelho de Arganil. Pela melhor oferta. Telefone 363773 - de Lisboa - D. Esperança.

Contabilidade

Todo o serviço de contabilidade — POC. Escrituração de Livros Selados (trabalho especialização). Em Part-Time ou para casa. Telef.: 952915

Praia/campismo

Vendo, a estrear, dois colchões pneumáticos, um colchão de espuma dobrável em 4, um par de sapatos de ginástica n.º 37. Telefone 686103 depois das 19 h excepto segundas e quintas-feiras.

Austin 1000

Vendo Austin 1000 Nov. 1980. Pintura nova 35.000$ por 340.000$00 telefone: 712087

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Festival de Música do Algarve começa em Maio

O nono Festival Internacional de Música do Algarve, subordinado ao tema «Oito Séculos de Música Europeia», vai decorrer de 6 de Maio a 30 de Junho em várias cidades algarvias.

O festival deste ano integra-se, pela sua programação, no Ano Europeu da Música promovido pelo Conselho da Europa e compreende 45 espectáculos.

Durante o festival será assinalado o tricentenário do nascimento dos compositores J.S. Bach, Haendel e Scarlati.

Entre as várias manifestações do Festival destacam-se as actuações das orquestras de câmara de Polónia, Mozarteum de Salzburgo, ópera de Hannover e coro e orquestra da Gulbenkian.

Da programação fazem parte quatro espectáculos de bailado do Ballet Gulbenkian (dois) e o estúdio Lourdes Basto do Rio de Janeiro com o espectáculo «Mar sem fim — viagem coreográfica pela obra de Fernando Pessoa» integrado nas comemorações do poeta português que se realizam este ano.

Destaque ainda para os recitais de Hugh Tinney e Sequeira Costa e o concerto de violino e piano de Edith Volckaert e Jorge Moyano.

Albufeira, Faro, Lagos e Portimão são as cidades onde vai decorrer o Festival de Música do Algarve.

Festival da Eurovisão

Canção portuguesa em penúltimo lugar

A Noruega com 123 pontos, venceu no sábado o Festival Eurovisão da Canção.

Adelaide Ferreira, representante de Portugal com a canção «Penso em Ti Eu Sei» ficou classificada em 18.º lugar.

A canção norueguesa «La Det Swinge» foi interpretada por «Bobbysocks» e é da autoria de Rolf Loevland.

Adelaide Ferreira com «Penso em Ti» e Carlos Paião com «Play Back» foram as duas representantes portuguesas ao Festival da Eurovisão que obtiveram piores classificações, ambas em 18.º lugar.

A representante de Portugal não regressou ontem a Lisboa como previsto, impedida por uma greve que decorre na Suécia e que não permitiu que a cantora portuguesa tomasse o avião que liga Gotemburgo a Copenhaga, dado o voo ter sido cancelado.

Adelaide Ferreira deverá viajar por Londres, não se sabendo ainda para quando está prevista a sua chegada a Lisboa.

"Violent Femmes", álbum de estreia

Esperança em invólucro de amargura e medo

Os Violent Femmes são hoje apontados como os recuperadores do rock americano, ao lado de grupos como os Dream Syndicats e o R.E.M. O grupo é formado por Gordon Gano, o guitarrista e vocalista, Vitor de Lorenzo, na bateria e Brian Ritchie, no baixo acústico.

Há uns anos atrás viveu-se o reacender da chama do rock, caído então num certo marasmo depois do punk e new-wave. Essa revitalização dava-se, aparentemente, só do lado de cá do Atlântico através de grupos como os U2, Echo & The Bunnymen. Falava-se já na morte do rock americano cuja originalidade decaía e a novidade escasseava, mas não era bem assim, ao mesmo tempo que os novos grupos ingleses se consagravm, os americanos eram marginalizados.

Foi o caso dos Violent Femmes que no princípio tiveram alguma dificuldade em se afirmarem. Os dois únicos clubes de Milwaikee, de onde são originários, ou de punk ou de new-wave. Não sendo os Violent Femmes nem carne nem peixe, eram relegadas para actuações nos dias úteis e com público reduzido.

Desiludidos e frustrados, resolveram começar a tocar no meio da rua, de preferência em locais próximo de supermercados e centros comerciais. Foi assim, que por mero acaso, conseguiram o seu primeiro grande espectáculo. James Honey-Scott, membro dos Pretenders, passou por uma esquina onde os Violent Femmes estavam nesse momento a assustar criancinhas e convidou-os a abrirem o espectáculo dos Pretenders, que se realizava nessa mesma noite em Milwaukee

Janela aberta

A voz de Gordon Gano é amarga, com a confiança de quem tem uma série de coisas a dizer. Ele escreve e canta as baladas da mudança e da dor, e o disco é uma imensa janela aberta sobre os corações envoltos em arame farpado, embora as canções tenham o segredo da esperança, envolta numa emblagem de amargura, cinismo e medo.

As mensagens dos Violent Femmes acharam uma solução brilhante para o problema da sobrecarga eléctrica: utilizando sobretudo instrumentos acústicos, com um toque judicioso da guitarra e do baixo eléctrico fornecem, quase por sugestão, não só o esqueleto como também o espírito e a filosofia de um rock muito forte, embora desvalorize deliberadamente os níveis sonoros. A tensão, a febre, o movimento e a força, tudo está aqui presente.

DL CINEMA — CRÍTICA

"A Noite e a Madrugada" de Artur Ramos

Jorge Leitão Ramos

Se o neo-realismo nunca chegou, com força e contundência, ao cinema português, esta incursão tardia nesse territorio apenas convoca, de modo canhestro, temáticas de ontem sem se aperceber que ontem é passado.

Nunca é tarde para voltar a lugares mal pisados. A questão não está, portanto, em ir até ao neo-realismo e tentar, com ele, cinema politicamente empenhado. A questão está no facto de **A noite e a madrugada** ser um filme feito com pés de chumbo, fraco engenho, deficiente técnica.

A lição da longa, longa abertura é só essa: a voz **off** e a imagem ilustrativa demonstram que, do romance ao filme, não houve argumento carpinteirado para cinema, ou seja, a narração não se chega a articular em termos de escrita cinematográfica, fica no audiovisual, no diaporama. Daí para a frente segue-se um balbuceio de filme, um esquisso — a gente vê onde se queria ir e a fita passa sempre ao lado, erra, indecide-se, à míngua de respiração cinematográfica.

O resultado é penoso. Se os actores — mercê talvez de uma acertada distribuição — ainda vão aguentando o filme num mínimo de credibilidade, nem eles conseguem resistir a uma narrativa que é sempre mole e descosida e, poi vezes, atinge a caricatura (estou-me a lembrar da travessia do rio que acaba em tragédia, verdadeiro manancial de coisas que não se devem fazer).

José Viana em «**A noite e a madrugada**»

Mais de vinte anos depois de **Pássaros de asas cortadas,** este regresso de Artur Ramos ao cinema ocorre da pior maneira, queimando uma reputação — já algo chamuscada no teatro — que conseguira erguer-se com a série televisiva **Retalhos da vida de um médico.** Claro que as muito precárias condições de produção deste filme poderão justificar alguns problemas técnicos que ele tem. Mas não explicam que a sua estrutura dramática seja tão mal construída, a evidente **dificuldade de cinema** que ali acontece.

Ainda por cima a publicidade — de quem a ideia? — resolveu afirmar que **A noite e a madrugada** é «orgulhosamente português»: estamos, então, em pleno equívoco, até parece que voltamos a tempos de um nacionalismo serôdio, a fazer dos outros pacóvios ou «culpados» de não aderir ao produto nacional. Ser português não é mérito, nem álibi, é apenas circunstância.

FICHA:
Realização: Artur Ramos (Portugal-1983).
Argumento: Artur Ramos e Carlos Coutinho, segundo romance de Fernando Namora.
Fotografia: Germano Vaz.
Cenários: Eduardo Cruzeiro.
Música: Francisco Naia.
Montagem: Assis Gil.
Interpretação: José Viana, Helena Féliz, António Assunção, Fernando Loureiro, Mário Pereira, Inês Oliveira, Dorel Iacobescu, Carlos Santos, etc.
Distribuição em Portugal: Distribuidores Reunidos.
Cinemas: Roxy e Zodíaco.
Classificação: Para maiores de 12 anos.
Duração: 108 minutos.

CNB promove concurso coreográfico

A Companhia Nacional de Bailado promove pela primeira vez um concurso coreográfico nos próximos dias 7 e 8, às 21 e 30, no Teatro da Trindade.

Às obras, classificadas em 2 categorias e de duração diversa, serão atribuídos prémios pecuniários nos quais colabora o INATEL.

O Grupo de Câmara da CNB apresenta de 26 do corrente a 5 de Maio, no Trindade, o Pas-de-Quatre coreografado por Anton Dolin, segundo Jules Perrot e música de Pugni.

O calendário do programa é o seguinte: dias 26 e 27, às 21 e 30, 27 e 28, às 16 horas e em Maio, nos dias 2 e 4, às 21 e 30 e 4 e 5, às 16 horas.

TEATRO DA TRINDADE
INATEL

Apresenta

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

I CONCURSO COREOGRÁFICO DA C.N.B.

Dia 7 de Maio, às 21.30 horas
Programa
NIGHT DREAMS
coreografia- Ben Love. música-Jeff Lober
AMIGOS
coreografia-Peter Lewton-Brain. música-Franco Corelli
REQUIEM
coreografia-José Silvestre. música-Mozart
REFRAIN
coreografia-Víctor Linhares. música-Gershwin
PETIT-PAS DE BACH
coreografia-António Laginha. música-Bach

Dia 8 de Maio, às 21.30 horas
Programa
EINSTEIN NA COSTA
coreografia-António Laginha. música-Philipp Glass
CONTO DE FADAS. PONTO
coreografia-Lúcia Marta. música-A. Scriabin
BRANDENBURG N.º 3
coreografia-Raymond Chai. música-J.S. Bach
O ECO DE CADA SER
coreografia-Michelle Ceballos. música-F. Lopes Graça

Após o início do espectáculo não é permitida a entrada na sala

Com papas e bolos...

Carlos Porto

COM PAPAS E BOLOS SE ENGANAM OS TOLOS, criação colectiva. Guião: **Armando Dourado, Celina Cabral e Vítor Valente.** Encenação e cenografia: **Vítor Valente.** Música: **Manuel Tentúgal.** Figurinos: **Clara Bento.** Interpretação: **Adelaide Teixeira, António Gonçalves, Clara Bento, Maria do Céu Xavier e Sofia Rocha.** Músicos: **Paulo Guimarães, M. Tentúgal e V. Valente. Grupo** O Realejo.

Vou repetir o que já aqui tenho escrito: a riqueza do teatro português não consiste apenas na criação de grandes ou pequenas máquinas teatrais de qualidade, consiste também na originalidade dos seus vários registos, na imaginação de que os seus artistas dão constantes provas. Não se pode dizer que o grupo «Realejo» tenha um projecto estético definido. Tem no entanto ideias que vai transformando em espectáculos que na maioria dos casos percorrem registos diferentes, isto apesar das dificuldades que o grupo tem encontrado nas suas relações com o poder. Vimos lá espectáculos de café-teatro, vimos um surpreendente espectáculo de luz negra, vimos um espectáculo que nos mostrava como era franca e risonha a escola no tempo de Salazar. Fomos agora ver a mais recente criação do grupo que tem como ponto de partida histórias populares, ditados, provérbios, adivinhas e outras vulgaridades, incluindo receitas de cozinha tradicional, ou seja uma literatura marginal que participa da linguagem do povo, mesmo no que tem de esteriotipado, no que nela há de frustrante, os fantasmas, as inculcações ideológicas que vão passando de geração em geração, aqui de resto desmontadas com muita graça.

Pela bibliografia transcrita no programa, é fácil verificar que este espectáculo tem como base o estudo cuidado da temática popular colhida e trabalhada por gente erudita.

O espectáculo decorre numa taberna medieval que se inscreve no próprio contexto histórico em que o grupo trabalha (a Ribeira), com os espectadores sentados a mesas onde lhes é servido o vinho; diversos elementos sinalizam não só o local como as peripécias aí evocadas, incluindo um ornamentado pau de cornos; aberturas que funcionam como janelas por onde as vizinhas tricotam a má língua que se sabe, completam a cena.

Três músicos que utilizam instrumentos populares ou criado para o efeito acompanham os actores que não só representam como cantam de maneira excelente.

Essa ligação da música, da palavra, da marcação é, de resto, uma das forças do espectáculo que tem assim a característica de festa popular, que um projecto como este implica, sem deixar de levantar ao mesmo tempo a ponta do véu que permite a visão crítica, sempre risonha, do espectador. O aparecimento de elementos, aparentemente não teatrais como os animais vivos (incluindo um porco) faz parte do imaginário popular que o espectáculo levanta também, eles se integrando nesse percurso por vezes inesperado, rico, cuja dinâmica passa muito especialmente pelos trabalhos dos actores, pelo corpo dos actores, pelo relacionamento que entre eles se cria, na multiplicidade das suas personagens, mas também pelo relacionamento deles com o público (embora talvez este seja insuficiente). O jogo com objectos muito simples mas cenicamente reelaborados, os figurinos também eles concebidos com imaginação — cada uma destas propostas e o conjunto delas constituem um espectáculo, como se calcula, com uma grande energia de comunicação.

O espectáculo do «Realejo» é, portanto, um daqueles que se situam à margem do teatro oficial, oficioso e mesmo **off.** É uma sopa de pedra,cuja história reconstitui, e como ela saboroso, porque tem os condimentos necessários, e de que Victor Valente foi o principal cozinheiro (texto, encenação, música), contando com um conjunto de colaboradores, como já se escreveu, que assume a função com aquela margem de gozo sem a qual haveria esturro. Bom proveito!

As estrelas de cinema e o amor pelos filhos

J. Castillo

Existe por vezes a impressão de que as estrelas de cinema descuidam a educação dos filhos. Por vezes devido às prolongadas ausências do lar por causa das rodagens, outras vezes devido às separações matrimoniais que dificultam sempre o cuidar de crianças em determinadas idades. Mas há casos admiráveis que podem ser apresentados como exemplo de actores e actrizes populares cuja vida profissional não os fez abandonar os cuidados com os filhos.

James Stewart, na foto acompanhado da mulher, é geralmente considerado como marido e pai ideal

BETTE DAVIS

Bette Davis, que acaba de completar 77 anos, vive desde há anos inteiramente dedicada a sua filha Margo, deficiente física e mental.

Todo o dinheiro que tem ganho dedica-o a melhorar as condições de vida da filha, internada numa clínica. A existência de Bette Davis tem sido marcada por esta infelicidade, a que tem feito frente com uma coragem digna de admiração.

LINDA GREY

Linda Gray, que se tornou famosa interpretando o papel de Sue Ellen na série televisiva «Dallas», divorciou-se há meses do seu marido, Ed Trasher, director artístico da Metro.

«Sempre estivemos muito empenhados no nosso trabalho, mas comprometemo-nos a viver em função dos nossos filhos e a não os sacrificar para alcançar o êxito profissional. Um de nós ficava sempre em casa, com os miúdos. Quando decidimos divorciar-nos, prometemos jamais deixar de cuidar dos nossos filhos.»

O seu filho Jeff, que completou já 20 anos, faz parte da equipa técnica de «Dallas» e sente uma verdadeira adoração pela mãe.

LAUREN BACALL

Lauren Bacall, que já passou a barreira dos 60 anos — nasceu a 16 de Setembro de 1924 —, triunfa actualmente nos palcos da Broadway. Tem dois filhos: Stephen, de 35 anos, filho do seu casamento com Humphrey Bogart, e Sam, de 23, filho do seu casamento com o também actor Jason Robards. Stephen é professor na Universidade e Sam é actor, como os pais.

«O mais belo presente que se pode dar ao homem amado é um filho. E mesmo quando os pais estão separados, a primeira coisa a fazer é cuidar e educar o fruto dessa união, em nome do amor» — afirma a actriz.

TONY CURTIS

Jamie Lee Curtis, de 32 anos, filha de Tony Curtis e Janet Leigh, sempre sentiu profundo amor pelos pais, mesmo quando o divórcio destes a afectou bastante. Nunca culpou nenhum dos dois e manteve sempre por eles grande amor filial.

«Os meus pais nunca deixaram de estar a meu lado, sobretudo quando iniciei a minha carreira de actriz. Ajudaram-me bastante. Nunca pude escolher. Os meus pais eram os dois iguais. E eu não tinha o direito de os julgar.»

ELVIS PRESLEY

Lisa Maria Presley, de 17 anos, filha do falecido rei do «rock», vive com a mãe, Priscilla.

Semanas antes de morrer, Elvis Presley entregou ao seu advogado uma carta destinada à filha, que esta deveria abrir quando completasse 16 anos. Além de uma considerável fortuna, Elvis dava à filha emocionados conselhos, garantindo-lhe que sempre a tinha amado «com todo o seu coração».

HENRY FONDA

Conhecem-se também casos de desavenças entre artistas famosos e os filhos. Um deles foi o de Joan Crawford e da sua filha adoptiva Christina, que num livro autobiográfico dirigiu fortes acusações contra a actriz.

Jane e Peter Fonda, filhos do falecido actor Henry Fonda, viveram durante muitos anos afastados do pai.

Foi emocionante a reconciliação de Jane com o pai, ao lado de quem quis trabalhar no seu último filme, «A Casa do Lago».

ANTHONY QUINN

Anthony Quinn, que completou 70 anos a 21 de Abril, casou-se por duas vezes e teve nove filhos, um dos quais morreu num acidente em 1941. O actor mexicano, que triunfou em Hollywood, esteve ao lado dos filhos sempre que eles tiveram algum problema: uma das filhas drogava-se e o seu filho Duncan tentou em vão ser bem sucedido como actor. Quinn fala no entanto com grande orgulho da sua numerosa prole.

JAMES STEWART

James Stewart, que completa 77 anos em Maio, é apresentado muitas vezes como modelo de marido e pai. Está casado com Gloria de Haven há 35 anos e afirma com certo humor:

«Creio que o público gosta de mim não só pelas personagens bondosas e simpáticas que interpretei no cinema, mas também porque amei sempre a mesma mulher e fui um bom pai.»

Serviço especial EFE/«DL»

ROTEIRO CULTURAL

Uma das pinturas que João Mário tem patente no Ateneu Comercial do Porto

Exposições

• A exposição de pintura de **João Mário** está patente ao público no Ateneu Comercial do Porto, todos os dias das 15 às 20 horas e das 21 às 23 horas. O pintor tem participado em várias exposições colectivas no País e no estrangeiro, nomeadamente nos Estados Unidos. De entre os vinte e quatro prémios obtidos desde 1958 a 1984, destacam-se o primeiro prémio Secretaria de Estado da Cultura no Salão da Escola Ferreira Borges, o prémio de honra «professor Reinaldo dos Santos» e o primeiro prémio em pintura a óleo e medalha de prata nas exposições de Motivos Ribatejanos.

• Ilustrações e humor, de **Carlos Potier,** e escultura em barro, de **Paula Duarte,** podem ser vistos hoje, pela última vez, das 10 às 24 horas, n'A Varandinha d'Alfama, no Beco da Corvinha, n.º 1.

• Entre as 14 e as 20 horas, na Galeria Roma e Pavia, no Porto, a exposição de aguarelas e desenhos de **Roque Gameiro,** pode ser visitada por quem aprecia a obra do mestre.

• A exposição de pintura do dr. **José Sarmento,** cônsul-geral de Portugal em Barcelona, mantém-se aberta ao público no Palácio dos Coruchéus, todos os dias, entre as 15 e as 18 horas.

• A exposição «Olhares», com obras de pintura e gravura de **Maria Soares** continua patente ao público na Codilivro, na Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, em Lisboa, das 15 às 20 horas. A pintora tem participado em várias exposições realizadas na SNBA, em Bolonha, no Brasil e na Cooperativa Árvore do Porto, entre outras.

• A partir de hoje e até 6 de Junho está patente no Forum das Picoas a exposição «60 Anos de Rádio em Portugal». Dividida por décadas, a mostra possui quatro painéis por cada decénio, subordinados aos temas «a actividade da rádio»; «acontecimentos de maior vulto a nível nacional e internacional», «cronologia dos acontecimentos» e «amostragem de material de gravação, discos e documentação». Cerca de 250 peças revelam ao público a evolução tecnológica do material de gravação, desde o pioneirismo até à utilização dos raios «laser».

Cinema

• As **Segundas Jornadas Internacionais da Oficina Musical** prosseguem hoje com a projecção do filme «Morangos Silvestres», de Ingmar Bergman, em duas sessões, às 15.30 e às 21.30 horas.

• Integrado no ciclo de filmes de **Jacques Becker,** a Cinemateca Portuguesa apresenta hoje dois filmes daquele realizador. Assim, às 18.30 horas, é projectado o filme «O Vagabundo de Montparnasse», de 1957. Pelas 21.30 horas pode-se assistir à projecção de «Casque d'Or», de 1952. Jacques Becker foi assistente de Jean Renoir de 1932 a 39 e iniciou a sua carreira três anos mais tarde, com o filme «Dernier Atout», um policial. Realizou apenas 13 filmes, nos quais retratou muitos meios da sociedade francesa e foi considerado uma «ponte» entre Renoir e a «Nouvelle Vague».

CINEMAS

Uma cena do filme «Paulina na Praia». A nova obra-prima de Eric Rohmer da série «Comédias e Provérbios». Em exibição no Estúdio 444 Ⓟ

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2
TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3
BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24h

Alfa Club
O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70
— T. 763319
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Avila
— T. 539930
O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h e 24 h

Avis
— T. 547163
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
de Daniel Duval
(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscopio
— T. 795093
PINOCCHIO
Falado em português
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358
A DEUSA DO AMOR
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil
— T. 530194
MICKI & MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A CONSPIRAÇÃO DO URÂNIO
de Menahem Golan
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h

Cine Camões
— T. 324194
A ÚLTIMA GOLPADA
de Michael Cimino
(n. ac. a men. de 18 anos)
14, 16.30 e 21.30h.

Cine 222
— T. 579460
SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
O FIM DA VIAGEM
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h.

Cinemateca
O VAGABUNDO DE MONTPARNASSE
de Jacques Becker
18.30 h
AQUELA LOIRA
de Jacques Becker
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Galeria Arrábida
PARIS, TEXAS
de Wim Wenders
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45h

Estúdio Sic 2a
CONAN, O DESTRUIDOR
de Richard Fleischer
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30h

City Cine
— T. 549999
O DUETO DA CORDA
de John Landis
(n. ac. men. 13 anos)
15, 18 e 21 h
BUTCH E O KID, OS AVENTUREIROS
de Richard Lester
(para maiores de 13 anos)
23.45h

Condes
— T. 322523
A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
A CIDADE DAS MULHERES
de Federico Fellini
(não aconselhável a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO — PARTE 2
de Hal Needham
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 779095
PAULINA NA PRAIA
de Eric Rohmer
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
O DESTRAVADO DO TÁXI AMARELO
Bob Clark
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3
SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Imperio
— T. 541037
Ana
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h.

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
E TUDO O VENTO LEVOU
de Victor Fleming
(para maiores de 13 anos)
15.15 e 21 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2
AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Monte Carlo
— T. 681117
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
de Nagisa Oshima
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
CAÇADA AO HOMEM
de Larry Ludman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia
— T. 325309
A VÍBORA DO SEXO
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathe
— T. 821933
VIOLÊNCIA E SEDUÇÃO
de David Schmoeller
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Politeama
— T. 326305
OS DESTEMIDOS
de Henri Verneuil
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora
— T. 637180
ASSASSINOS SELVAGENS
de Ernest Day
(para maiores de 12 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto
— T. 771378

Sala 1
O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
O SARGENTO NEGRO
de John Ford
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2
O HOMEM QUE SABIA DE MAIS
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Sala 3
NINGUÉM DUAS VEZES
de Jorge Silva Melo
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15
O REI DA COMÉDIA
de Martin Scorsese
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 4
TOP SECRET
de Jim Abrahams
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
CÃES DE GUERRA
de John Irvin
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Quinteto
— T. 573407
BLADE RUNNER — PERIGO IMINENTE
de Ridley Scott
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
BALBÚRDIA NO LESTE
de Mel Broocks
(para maiores de 6 anos)
24 h

Restelo
— T. 610375
CAÇA-FANTASMAS
de Ivan Reitman
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma
— T. 889192
BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
— T. 548560
CAÇADA AO HOMEM
de Larry Ludman
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
— T. 579144

Sala 1
ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.15 h

Sala 3
ASSIM NASCE UMA ESTRELA
de George Cukor
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h

7.ª Arte
— T. 730715
HISTÓRIA DO SOLDADO
de Norman Jewison
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
T. 804210
AMOR ETERNO
de Alain Resnais
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
MICKI & MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
— T. 706666
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
de Garry Marshall
(para maiores de 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox
— T. 880808
GENTE GIRA
de Jamie Uys
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Xenon
— T. 368480
NA SENDA DO VÍCIO
de Henry Hathaway
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
A NOITE E A MADRUGADA
de Artur Ramos
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O ÚLTIMO COMBATE
de Ivan Hall
(para maiores de 13 anos)
24 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cine-Teatro Lido — «Fugitivos do Inferno», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio Lido — «Cartas de Amor», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Vidas em Jogo», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Uma Louca História do Mundo», às 15 e 21.30 (não aconselhável a menores de 13 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Christine, o Carro Assassino», às 21.30 (maiores de 16 anos)

Linha de Cascais
ALGÉS — 2000 — «Os Eleitos», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «Gente Gira», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ESTORIL — Casino — «Passagem para a Índia», às 17 e 21.30 (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL — São João — «Momento da Verdade», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Impala — «Encontros Imediatos do 3.º Grau — Edição Especial», às 16 e 21.30 (não aconselhável a menores de 13 anos)
CASCAIS — Miarmar — Sala 1 — «Passagem para a Índia», às 15.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Sala 2** — «Protocolo», às 15.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «A Mulher Pública», às 16 e 21.30 (maiores de 18 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «Os Tarados do Rio Louco», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Incrível — «O Lugar do Morto», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Cine Cristal — «João Broncas... o Eterno Repetente», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Os Taxistas do Ritmo», às 15.30, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Porto
CHARLOT — «1984», às 15.15, 18 e 21.30 (maiores de 16 anos) — «Quem é Harry Kellerman», às 24 (não aconselhável a menores de 18 anos)
COLISEU — «2010 — O Ano do Contacto», às 16.30, 18 e 21.30 (maiores de 6 anos)
LUMIÈRE — Sala A — «Ninguém Duas Vezes», às 15, 17.45 e 21.30 (maiores de 16 anos) — **Sala L** — «Metropolis», às 15.15, 18 e 21.45 (maiores de 12 anos)
OLÍMPIA — «O Império da Paixão», às 14.15, 16.45 e 21.30 (maiores de 18 anos)
PASSOS MANUEL — «Terra Sangrenta», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 16 anos)
SALA BEBÉ — «Aos Nossos Amores», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.20 (maiores de 12 anos)
STOP — Sala 1 — «Passagem para a Índia», às 14, 16.30, 19 e 21,30 (maiores de 12 anos) — **Sala 2** — «Encontro com o Amor», às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)
TRINDADE — «Amadeus», às 15.30, 18 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIXA: Azevedo Filhos**, Rossio, 31 (T. 327478); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CHELAS -COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PARQUE EDUARDO VII: Latina**, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **QUINTA DO MENDES -ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da américa, 16-B (T. 885859); **ALVALADE -POTE DE ÁGUA: Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Manuel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 275297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 229091). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisco Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA — Alves Velho**, L. Camões, 27 (T. 221132); **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Higiene**, R. Frei Agostinho Cruz, 51 (T. 22408). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Maueira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Romeiro, Urbanização Casal de São Brás, lote 116. Permanente; **São Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Até às 22 horas; **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Catujal. Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei M. Contreiras — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).
«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Café-Concerto

R. Norte, 24

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).
«PROÍBIDO».

Teatro Nacional D. Maria II

Prç. D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado, às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).
«O GEBO E A SOMBRA». De Raúl Brandão, com Rogério Paulo, Carlos Daniel, Barroso Lopes, Eunice Muñoz, Maria Amélia Matta e Fernanda Alves. Cenário de João Hogan, figurinos de Teresa Paulo e música e execução de Carlos Paredes. **(M/12 anos).**

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).
«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson. Música: João Vasconcelos, F. Correia Martins e N. Nazareth Fernandes. Encenação: Henrique Santana. Interpretação: Alice Gomes, Carlos Cunha, Carlos Ivo, Eugénio Salvador, Fernando Mendes, Herrique Santana, Ivone Silva, Leonor Edviges, Linda Silva, Maria Cabral, Marília Barroso, Marina Mota, Nuno Emanuel, Raquel Almeida e Soraya Arrais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

(Domingos e segundas, às 21.30).
«DOIS TEMPOS UM PAÍS», c/Sandra Baptista e Nuno Miguel.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15 —

— CORNUCÓPIA
(Sábados e domingos, às 15.30).
«Ó QUE MEDO, QUE AQUI HÁ».

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado. Encenação: Maria Helena Matos e António de Cabo. Interpretação: Aida Baptista, Ana Otero, Fernanda Oliveira, Luís Esparteiro, Nicolau Breyner e Rosa do Canto.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 68 09

«ÚLTIMO ACTO», de Simon Gray. Tradução: Maria Teresa Guerreiro. Encenação: Artur Ramos. Cenografia: Fernando Filipe. Interpretação: Adelaide João, Carmen Santos, Fernanda Montemor, Jorge Sequerra, José Brás, Laurinda Ferreira, Luís Beira e Simão Pinheiro. **TEATRO-ESTÚDIO DE LISBOA.**

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados às 21.15; domingos às 17)
«QUATRO PARA QUATRO».
(Sextas, sábados às 19 e 21.15).
«MESTRE MEU MESTRE QUERIDO».

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)
«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

Teatro de Almada

GRUPO DE CAMPOLIDE

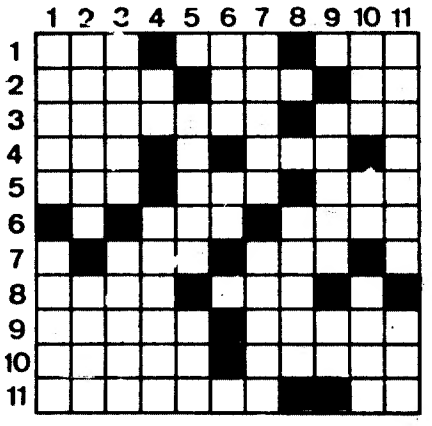
(De 3 a 12 de Maio-21.30 — Sábados e domingos-16 e 21.30)
«200 STORY». Encenação de Joaquim Benite.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 423

HORIZONTAIS:

1 Bigorna de aço sem hastes. Recusa. Setecentos em romano.
2 Prendem. Nome de jogo. Existe.
3 Moveria os remos. Cabelos brancos.
4 Rio de Portugal. Monarca.
5 Nome de mulher. Claridade. Preposição.
6 Pronome possessivo. Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no Castelo de Fustenried.
7 Vende a crédito. Animal doméstico.
8 Semelhante. Fúteis.
9 Tristeza (pl). Traça.
10 Cavaleiro do Exército alemão austríaco, armado de lança. Tiras de fígado temperadas e fritas.
11 Mencionara. Nota musical.



VERTICAIS:

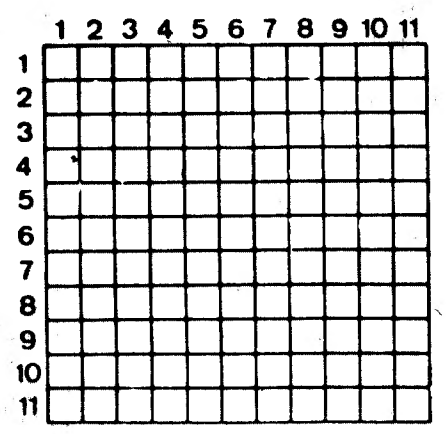
1 O futuro. Cidade da Suécia.
2 Avivava o lume. Muito zangado.
3 Arquipélago dos Navegadores. Fixam a vista em.
4 Ruim. Nome de mulher.
5 Governo (fig). Ecoa.
6 Acrescentando uma vogal é rosácea da Guiana também chamada aciosa. Interjeição de dor (inv).
7 Rezara. Freguesia do concelho de Belmonte.
8 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
9 O mesmo que quisto. Sentidas condolências.
10 Repressão (fig). Duas vogais desiguais. Fúteis.
11 Unimos pelo casamento. Agarrei.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 263

HORIZONTAIS:

1 Fruto da tamareira. Fraco.
2 Guarnecer de asas. Cidade da Arábia.
3 Hábito. Igual. Oceano.
4 Nota musical. General dos persas vencido, com Artafernes, em Maratona, por Milíciades 490 aC. Rénio (s.q).
5 As duas juntas. Irmãs.
6 Ouro (s.q).
7 Bebedeiras (pop).
8 Prefixo de privação. Desmontar. Laço.
9 Apologia. Naquele lugar. Víscera dupla (inv).
10 Rio da Alemanha. Regaço.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Tornar cor de rosa.



VERTICAIS:

1 Espécie de merlo, na Índia. Barril turco para água.
2 Deste modo. Antiga.
3 Tanto. Cidade da Ucrânia. Duna na Suécia.
4 Irídio (s.q). Embarcação indiana de um mastro e vela latina. Zomba.
5 Utensílios domésticos. Marisco do Senegal.
6 Matemática. Estampilha.
7 Víscera dupla. Progenitor.
8 Preposição. Remediar. Cobalto (s.q).
9 Bondoso. Pedras de moinho.
10 Erguera. Tinge de azul.
11 Deuses protectores do lar e da família, entre os antigos romanos. Irmã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 422

HORIZONTAIS:

1 ANTES. ASSIM.
2 Pois. Sica.
3 Avô. Cãs. Sam.
4 Gesto. Amora.
5 Al. Or. Ri. ER.
6 Olmo. Alas.
7 Ia. Ob.
8 QUE, PRJ. Apa.
9 Ur. Mi. Canil.
10 Ro. Ecoa.
11 Moirama. Aro.

VERTICAIS:

1 Apaga. Aquém.
2 Novelo. Ur.
3 Tios. Lie. Ri.
4 És. Toma. Mor.
5 Coro. Pi.
6 Fa. Br. SM.
7 Sara. JC.
8 SS. Milo. Ae.
9 Siso. Abanca.
10 Içares. PIOR.
11 Mamar. Balão.

PROVÉRBIO: Antes assim que pior.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 262

HORIZONTAIS:

1 Valdosende.
2 Arica. Asa.
3 Lãs. Baça.
4 Adoro. Armam.
5 Sé. Criam.
6 Ás. Gear. Cão.
7 Rani. Sabida.
8 Ébano. Aos.
9 Socareis. Si.
10 Já. Crase.
11 Miolo. Marco.

VERTICAIS:

1 Valadares.
2 Arad. Saboji.
3 Lisos. Nação.
4 DC. Regina.
5 Oaio. Orço.
6 Cãs. ER.
7 Esbarriam.
8 Ari. SS.
9 Damlácia. Er.
10 Escamados.
11 Aam. Osásico.

Radio

Antena Um

16.00: Musocomania; **17.50**: Informação regional; **18.05**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiário sde hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Solos de instrumentos; **16.45**: Árias de óperas francesas; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.30**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Poesia; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Músuca. de Chopin; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Sinfoneta, de Van Rossum; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Os anos 80; **22.00**: O canto e os seus intérpretes; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.25**: «Morte e Transfiguração», op. 24, dé Strauss; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Cabo da Boa Esoerança; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: A logicamente; **23.00**: Subterrâneos de veludo; **24.00**: Ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Universidade na Rádio; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.15 - «Tempo dos Mais Novos»
Além de mais um dos «Contos de Andersen», a rubrica infantil inclui um episódio protagonizado por «Yakari», a criação original em Banda Desenhada do suíço Derib.

18.45 - «Sumário»
Primeira síntese noticiosa do dia.

19.00 — «Desporto»
Uma reportagem sobre um tema desportivo.

19.30 — «Portugal Passado Presente»
Um documentário da responsabilidade do professor Lagoa Henriques: na Boca do Rio, a dois passos da Praia da Salema, entre Sagres e Lagos, desenvolve-se uma invulgar exploração arqueológica — a recuperação do espólio do «L'Océan», navio francês afundado após combates travados com a esquadra inglesa na batalha de Lagos, ocorrida em meados do século XVIII. A produção e realização do programa é de Francisco Manso.

20.00 — «Telejornal»
Informação diária segundo o critério da RTP.

20.25 — «Boletim Meteorológico»
Tempo de antena para o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica: prometer-nos-ão bom tempo para amanhã?

20.35 — «Tempo de Antena»
Este é a «sério»: dez minutinhos para o Partido Social Democrata.

20.50 — «A Sucessora»
Agora no primeiro canal, após o passatempo de «Chuva na Areia»: Adélia diz a Miguel que vai entregar o diário de Alice a Marina. Ele tenta impedi-la, mas ela desarma-o. E ele acaba por entregar também as cartas que pertenciam a Alice. Juliana diz a Marina que António e Ondina tiraram uns dias de descanso. Marina diz-lhe que, quando Ondina voltar, ela irá de férias. Marina sente-se mal e Roberto fica preocupado. Adélia entra em casa de Marina segurando o diário e as cartas de Alice. Roberto aproxima-se dela, pega no diário e nas cartas e coloca-os displicentemente na estante. Adélia vai até ao quarto de Marina e diz que precisa muito de falar-lhe. Ao descer para almoçar, Adélia fica transtornada, pois o diário e as cartas sumiram-se da estante.

21.30 — «Arroz-Doce».
Na companhia da gata Rufina e do cão Baltasar, Júlio Isidro recebe em casa mais uns tantos convidados, para dissertarem e cavaquearem sobre as crianças: vamos ver o grupo «Táxi», o cantor espanhol Pi de La Serra, Carlos Mendes e as ainda Clara Pinto Correia (jornalista) e Margarida Bom de Sousa (escritora). Fernando Relvas vai escrever novo capítulo da banda desenhada «Aventuras Godofredo Leite Fresco». A realização é de Luís Filipe Costa.

23.20 — «Últimas Notícias»

O «prato-forte» do segundo canal: telefilme «O Transgressor», produção e realização de Colin Gregg

Agora na RTP-2, «Feiras de Portugal» vai até à Festa das Vindimas, em Palmela

«Portugal Passado Presente»: um programa de Lagoa Henriques (foto)

RTP 2

19.30 — «Desenho Animados»
Hoje, Serafim, Agente Secreto.

19.55 — «Feiras de Portugal»
Realizadas no princípio do mês de Setembro, as Festas das Vindimas oferecem em Palmela variadas atracções, com destaque para os festejos em torno da vinicultura. Produção de Leonel de Brito.

20.20 — «RTP-Açores»

21.00 — «O Transgressor»
Hugh Stoddart adptou para a televisão «The Trespasser», o segundo romance de D. H. Lawrence, que conta com as excelentes interpretações de Alan Bates e Pauline Moran. O «Transgressor» está itimamente ligado a um episódio da vida real de Helen Corke, uma mulher com quem o autor teve um breve romance em 1911. Esta emprestou-lhe o seu diário onde tinha escrito em pormenor a sua aventura, autorizando Lawrence a usá-lo para o seu romance. Trata-se da história de Siegmund, um homem de meia-idade, músico empenhado, que se apaixona por Helena, uma mulher muito mais nova do que ele e que fora sua aluna durante sete anos. Subitamente, Siegmund abandona todas as suas sombras e tristezas e vê-se com Helena numa ilha, cheia de sol. Mal as férias acabam e Siegmund, contrariado, volta para casa, para junto da mulher e das crianças. Lawrence escreveu este romance num momento de profunda inspiração, não chegando a demorar oito semanas à fazê-lo e, uma das razões foi, sem dúvida, o seu estado emocional causado pela morte da mãe, com quem tinha uma forte relação. A sua percepção das emoções alheias é tão aguda que foi capaz de transpor para a sua obra a força dos impulsos, o que não acontecia na literatura da época.

22.30 — «Jornal da Noite»

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — «Das 12 às 13»
13.00 — «Vila Faia»
18.15 — «Tempo dos Mais Novos»
19.00 — «Séc. XX — O Mundo em Guerra»
20.35 — «A Sucessora»
21.15 — «Corpo Humano»
21.45 — «Actual»
22.30 — «Tudo em Família»

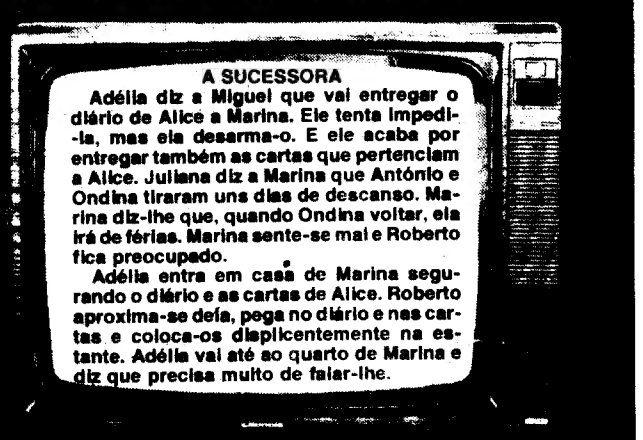
RTP-2

19.30 — «Desenhos Animados»
19.55 — «Música da América»
21.00 — «Sessão das 9 — Viver a sua Vida».

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B ● R. de Macau 8-1.º LISBOA

TEM PROBLEMAS COM A BEBIDA?
Precisa de ajuda? Venha falar connosco
Venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 21.30 Arroz-Doce
RTP 2 — 21.00 O Transgressor
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 Cruz Quebrada Telef. 2112871



PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.55	**4,20 m**	09.35	**0,70 m**
16.17	**4,20 m**	21.59	**0,70 m**
Dia 7			
04.42	**4,10 m**	10.18	**0,90 m**
17.02	**4,10 m**	22.45	**0,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	1º
VIANA DO CASTELO	7º
VILA REAL	5º
PORTO	7º
COIMBRA	7º
CABO CARVOEIRO	12º
PORTALEGRE	3º
LISBOA	9º
ÉVORA	6º
BEJA	5º
FARO	10º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	9º
FUNCHAL	15º

I Congresso da Imprensa Não-Diária

Soares: subsídio de papel "poderá ser aumentado"

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, falando, nas Caldas da Rainha, na sessão de encerramento do I Congresso da Imprensa Não-Diária, em que anunciou que «poderá ser aumentado» o subsídio de papel, afirmou que em Portugal não existem órgãos de Comunicação diários que possam considerar-se «verdadeiramente de expansão nacional».

«Os grandes órgãos diários de Lisboa mal penetram a Norte de Coimbra e os do Porto dificilmente chegam ao Sul» — disse o Primeiro-Ministro sobre a situação actual da Imprensa diária portuguesa.

Soares afirmou que esta situação terá de ser rapidamente revista e «de forma consensual».

No entanto, o facto de, actualmente, a situação da Imprensa diária ser a descrita, significa que a Imprensa Não-Diária tem em Portugal «um papel insubstituível, muito mais importante que noutros países da Europa». Por isso, Soares defendeu — como uma das medidas de apoio a este tipo de Imprensa — que venham a ser encontradas formas de as agências noticiosas poderem contribuir para o desenvolvimento da Imprensa regional.

O Primeiro-Ministro faz ainda considerações gerais sobre o papel da Comunicação Social, salientando que as relações entre a Imprensa e o poder político «nunca foram nem são fáceis».

Mário Soares considerou que é precisamente o estatuto de independência da Impresnsa que lhe dá «autoridade moral para apreciar e comentar, positiva ou negativamente, a actuação dos governantes».

«Sem este estatuto de independência», adiantou Soares, «a Comunicação Social não seria o quarto poder como sucede nos países democráticos».

Para além de uma «efectiva independência», o Primeiro-Ministro defendeu que os jornalistas vejam também valorizada a sua formação profissional.

A Imprensa «condiciona e reflecte» a sociedade actual, e, por isso, deverá ser utilizada «com prudência, circunspecção e rigor, sem dependência dos 'lobbies' políticos e económicos organizados», devendo os jornalistas desempenhar o seu papel de «denúncia das irregularidades e corrupção» — acentuou o PM.

Por seu lado, o director-geral da Comunicação Social, Cáceres Monteiro, anunciou, por seu turno, que irão manter-se o subsídio de papel à Imprensa, o porte pago e os descontos de 30 por cento em taxas de telecomunicações.

Revelou ainda que irão ser brevemente anunciadas novas verbas para a Imprensa, entre as quais «várias dezenas de milhares de contos», provenientes do Totoloto.

No entanto, o director-geral da Comunicação Social considera que em Portugal a Imprensa Não-Diária dispõe já de «apoios assinaláveis» relativamente a outros países europeus.

Dois irmãos presos por homicídio

A Polícia Judiciária de Lisboa, através da sua 2.ª Brigada da 3.ª Secção, acaba de esclarecer um caso de homicídio de que terá sido vítima um funcionário do Hospital de S. José cujo corpo foi encontrado em 26 de Abril no fundo de um poço em Alenquer.

Logo após o achado do corpo a Judiciária, com a colaboração da GNR de Alenquer, iniciou as diligências que vieram possibilitar a prisão de dois irmãos, um rapaz e uma rapariga, sobre quem recaíram fortes suspeitas de haverem sido os autores da morte de Rui Baptista Amaro, de 37 anos, que embora trabalhando em Lisboa morava naquela localidade.

Os presumíveis criminosos, aliás, já admitiram o crime, residem nas proximidades e terão sido levados ao homicídio por desinteligências anteriores que não se sanaram.

O corpo havia sido encontrado num poço situado no Casal da Seruana em Vila dos Franceses e a morte foi cometida uma semana antes do achado do corpo, precisamente em 19 de Abril.

DECARAS

JORGE LACÃO, deputado e dirigente socialista, defendeu em Santarém a necessidade de formação de um poder político «forte, coeso e estabilizado» perante os desafios lançados com a adesão de Portugal à CEE. Jorge Lacão falava durante um colóquio promovido pela Federação Distrital do PS de Santarém, em que também participaram José Niza e Rodolfo Crespo, entre outros. O deputado socialista acusou o PSD de provocar «instabilidade ao ameaçar permanentemente pôr em causa compromissos políticos estabelecidos».

LEONARDO RIBEIRO DE ALMEIDA foi uma das figuras políticas que no passado fim-de-semana reuniu em Santarém para recordar velhos tempos. Outros participantes foram o almirante Sousa Leitão e o juiz Sá Pereira, um dos três que estão a julgar o caso de Al Awad em Albufeira. Em comum todas estas personalidades têm a frequência do Liceu Nacional Sá da Bandeira. No total estiveram presentes centena e meia de antigos alunos que, antes de um almoço convívio, assistiram a uma missa em intenção de alunos, funcionários e professores já falecidos.

JOÃO GOMES recebe desculpas da AIM — Agência de Informação de Moçambique. Em questão uma imprecisão registada numa citação do provedor da Santa Casa da Misericórdia, que recentemente visitou Moçambique. Disse a AIM que João Gomes declarara que o secretário-geral da RENAMO, Evo Fernandes, estava «proibido de entrar em Portugal». Informa agora aquela agência que, depois de passar novamente a gravação das declarações de João Gomes, o que ele afirmou foi «Evo Fernandes não entra em Portugal, não quer entrar em Portugal, porque será preso». A AIM lamenta o erro que está «em contradição com a seriedade e espírito profissional» do seu trabalho.

KRUS ABECASIS afirmou este fim-de-semana já dispor de apoios suficientes para obter novo mandato para dirigir a Câmara Municipal de Lisboa, mas recusou confirmar se é sua intenção candidatar-se a novo mandato. Em entrevista à Rádio Comercial. Abecasis acrescentou sentir-se «muito feliz quando as pessoas se queixam de que há obras pela cidade inteira» pois, disse, «é esse o meu objectivo». O actual presidente da edilidade lisboeta garantiu que a muito curto prazo será uma realidade a eliminação das zonas degradadas em volta do Lumiar e de que as obras do Saldanha e Alcântara deverão ir para a frente.

ERICH HONECKER, chefe de Estado da República Democrática Alemã, acaba de efectuar uma visita a Moscovo durante a qual se reuniu com o novo líder soviético, Mikhail Gorbatchev. Para além de se ocuparem de temas relacionados com as comemorações de mais um aniversário da vitória aliada na II Guerra Mundial Henecker e Gorbatchev rejeitaram a ideia da reunificação das duas Alemanhas e criticaram o Governo de Bona por ter aceite participar no projecto norte-americano conhecido por «guerra das estrelas».

HANS WERNER HENZE é o autor da música de dois filmes actualmente em exibição em Lisboa: Amor Eterno, de Alan Resnais, e Ninguém Duas Vezes, de Jorge Silva Melo. Nascido em 1926, Hans Werner Henzeé considerado como um dos compositores contemporâneos mais destacados. Autor de sete sinfonias, a sétima das quais estreada em Dezembro passado na Filarmónica de Berlim, Henze é igualmente autor de três das mais conhecidas óperas contemporâneas: Elegia para os Jovens Amantes, Príncipe de Hamburgo e Chegamos ao Rio.

Reclusos do Linhó assaltaram a farmácia

No último fim-de-semana assaltaram a farmácia da Cadeia do Linhó, tendo desaparecido vários medicamentos com base em narcóticos e suporíferos bem como psicotrópicos que ali se encontravam guardados num armário fechado a cadeado.

Já não é a prmeira vez que tal acontece e o enfermeiro de serviço, Agostinho Figueiredo, admite que «é normal os 40 presos em tratamento no serviço de psiquiatria injectarem-se e tomarem comprimidos e supositórios para se drogarem». Explicou ainda «que a droga também vem de fora, através de visitas, sendo o resultado da falta de vigilância e de medidas necessárias por parte da administração.

Martinho da Arcada: "sim" da Cultura

«Há concordância do Ministério da Cultura para a classificação do estabelecimento no seu conjunto, interior e exterior, como imóvel de interesse público», declarou ao fim da manhã de hoje ao «DL» um porta-voz daquele organismo. As informações de que estaria para breve a reclassificação do Martinho da Arcada, depois do processo inicial ter desembocado na classificação de interesse concelhio, já desde a semana passada vinham a circular,

VISITE A URSS EM 1985

AS NOITES BRANCAS E AS REP. DO BALTICO
de 07 a 17 de JUN
MOSCOVO LENINEGRADO
RIGA TALLIN

AS PRINCIPAIS CIDADES DA URSS
de 28 de JUN a 08 de JUL
MOSCOVO LENINEGRADO
KIEV

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano N.º 30 1200 Lisboa
Tels. 60 11 99 - 60 10 99

MUNDIRAMA